

S
I
N
T
A
G
M
A

N
O
M
I
N
A
L

I
N
T
E
R
R
O
G
A
D
O

ma. beatriz nascimento decat

MOVIMENTO DE
SINTAGMA NOMINAL INTERROGADO
EM PORTUGUÊS

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
BELO HORIZONTE
1978

Maria Beatriz Nascimento Decat

M O V I M E N T O D E
S I N T A G M A N O M I N A L I N T E R R O G A D O
E M P O R T U G U Ê S

Dissertação apresentada à Faculdade
de Letras da Universidade Federal
de Minas Gerais, como parte dos re-
quisitos para a obtenção do Grau de
Mestre em Lingüística.

Belo Horizonte

1978

A Caíque, meu marido

A meu pai e à memória de minha mãe

MEUS AGRADECIMENTOS

- ao prof. Dr. MÁRIO ALBERTO PERINI, amigo e orientador, cuja incansável, paciente e segura orientação tornou possível este trabalho;
- à profa. Dra. EUNICE SOUZA LIMA PONTES, a quem devo minha iniciação nos estudos lingüísticos, e em quem encontrei amizade e incentivo constantes;
- à profa. Dra. ÂNGELA VAZ LEÃO, pelo estímulo em minha carreira profissional universitária;
- à colega profa. MARIA SUELI DE OLIVEIRA PIRES, pela gentileza em executar a cansativa tarefa de datilografia deste trabalho;
- à colega profa. YARA GOULART LIBERATO, a quem devo o laborioso traçado dos indicadores sintagmáticos e a composição da capa;
- a todos os meus colegas que contribuíram com sugestões, e aos membros da ACOLIN que serviram como informantes no julgamento dos dados aqui apresentados;
- ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, pela ajuda com material para a reprodução deste trabalho.

F O L H A D E A P R O V A Ç Ã O

"MOVIMENTO DE SINTAGMA NOMINAL INTERROGADO EM PORTUGUÊS"

Maria Beatriz Nascimento Decat

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída dos Senhores:

Ángelo B. Klein

Dicente A. de A.

Orientador:

Mário A. Perini

Dr. Mário Alberto Perini

Faculdade de Letras da UFMG

Belo Horizonte, de de 1978

R E S U M O

Este trabalho é uma tentativa de descrição do movimento do sintagma nominal interrogado (SN-q) em interrogativas diretas do português, à luz da teoria gerativa, como esboçada em Chomsky (1965) — Aspects of the Theory of Syntax, The M.I.T. Press, Cambridge, Mass. Apresentam-se, primeiramente, as justificativas para a inclusão dos morfemas Q e q- na estrutura profunda de interrogativas de SN. Em seguida, verifica-se o comportamento da transformação de Movimento de SN-q em relação a regras cíclicas e pós-cíclicas, concluindo-se pelo seu tratamento como pós-cíclica e optativa em português. Finalmente são examinadas as condições em que se dá o movimento do SN-q nas sentenças, argumentando-se em favor de uma hipótese sobre a universalidade do movimento único. É ainda discutido o impedimento exercido pelo SN-q sujeito ao movimento de outro SN-q por sobre ele, tentando-se explicações sintáticas e semânticas, as quais se mostram inadequadas para o tratamento desse fenômeno. Uma proposta final irá basear a explicação no fato de o movimento se dar em substituição ao morfema Q de início de sentença e na coincidência entre a posição de um SN-q sujeito e a de um SN-q movido de outra posição qualquer para o início da sentença, o que se relaciona, de certa forma, a uma restrição sobre deslocamento duplo.

AUTOR: MARIA BEATRIZ NASCIMENTO DECAT

ORIENTADOR: DR. MÁRIO ALBERTO PERINI

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - A INTERROGATIVA DIRETA EM PORTUGUÊS	
1. Considerações preliminares	3
2. A estrutura profunda da interrogativa de SN	5
2.1. Justificativa para Q e q-	5
2.2. Sintagmas nominais: únicos a serem interrogados	9
3. O escopo de Q	11
4. Movimento do sintagma interrogado	15
NOTAS	17
CAPÍTULO 2 - MOVIMENTO DE SN-q: UMA REGRA PÓS-CÍCLICA	
1. O argumento de Postal	19
2. T-Mov.SN-q X T-Alçamento	22
3. T-Mov.SN-q X Passivização	28
4. T-Mov.SN-q X Transporte de Advérbio	31
5. T-Mov.SN-q X Concordância Verbal	43
5.1. Discussão da análise de Perini (1977)	45
5.2. Ordenação entre a T-Mov.SN-q e a CV: proposta definitiva	48
5.2.1. Sentenças com infinitivo	49
5.2.2. Sentenças com tempo finito	53
5.2.3. Proposta de ampliação do Filtro de Que-Que	55
NOTAS	57
CAPÍTULO 3 - CONDIÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE SN-q	
1. Sentenças com um único SN-q	62
1.1. SN-q com função de objeto	62
1.2. SN-q como constituinte de um sintagma adverbial	70

1.3. A inversão sujeito/predicado (ISP)	74
1.3.1. ISP com verbos intransitivos	75
1.3.2. ISP com verbos transitivos	80
1.3.3. Alguns problemas	81
1.4. SN-q com função de sujeito	86
2. Sentenças com mais de um SN-q	88
2.1. Interrogativa múltipla	90
2.2. A universalidade de um movimento único	91
2.3. Condições sobre o movimento único	93
2.3.1. A análise de Kuno & Robinson e sua adequação ao português	97
2.3.1.1. "The clause mate constraint"	99
2.3.1.2. "Wh-crossing"	102
2.3.1.3. "Double dislocation"	103
2.3.2. A presença de um SN-q em relação a outras regras de movimento	103
2.3.3. "Comando e "precedência"	105
2.3.4. A relação "em construção com"	110
2.3.5. A "superioridade" do sujeito em relação aos outros constituintes	112
2.3.6. A "hierarquia temática"	115
2.3.7. Uma proposta final	120
3. Extração de SN-q de orações subordinadas com tempo especificado	124
3.1. A restrição de Chomsky e os dados do português	124
3.2. Um impedimento à regra de movimento de SN-q	127
NOTAS	131
CONCLUSÃO	133

I N T R O D U Ç Ã O

Este trabalho é uma tentativa de descrição do movimento do sintagma nominal interrogado (o SN-q) em interrogativas diretas do português, à luz da teoria gerativa nos moldes apresentados em Chomsky (1965).

No Capítulo 1 são apresentados os tipos de interrogativa direta - a interrogativa sim-não e a interrogativa de SN - concentrando-se nessa última toda a discussão, uma vez que nela está contido o SN-q, cujo movimento é o objetivo deste trabalho. São também apresentadas as justificativas para a inclusão dos morfemas Q e q na estrutura profunda dessas sentenças, bem como para a determinação do escopo de Q.

O Capítulo 2 apresenta uma análise do comportamento da transformação de Movimento de SN-q (T-Mov. SN-q) em relação a regras cíclicas (como a T-Alçamento, a T-Passivização e a T-Transporte de Advérbio) e a uma regra pós-cíclica, a Concordância Verbal (CV), concluindo pelo tratamento da T-Mov.SN-q como pós-cíclica e optativa. Ainda nesse capítulo há uma proposta de ampliação do filtro superficial de que-que - formulado inicialmente por Perini (1977) - de modo a abranger um maior número de fatos.

O Capítulo 3 trata das condições em que se dá o movimento pós-cíclico e optativo do sintagma interrogado. É examinada, primeiramente, a adequação ao português de uma hipótese sobre a universalidade do movimento único, tratada por autores como Chomsky (1964), Baker (1970) e Bach (1971). Em seguida é apresentada a anãlise de Kuno & Robinson (1972) para o movimento de SN-q em interrogativa múltipla; entretanto, só uma das restrições desses autores - o Deslocamento Duplo ("Double Dislocation") - funciona integralmente no português.

Ainda neste capítulo é examinado o impedimento exercido pelo SN-q sujeito ao movimento de outro SN-q por sobre ele. Tentam-se explicações com base nas relações de "comando e precedência", de Langacker (1969), "em construção com" de Klima (1964) , ou com base na superioridade do sujeito, nos termos de Chomsky (1973). É também tentada uma explicação semântica baseada na "hierarquia temática" de Jackendoff (1972). Nenhuma delas, entre

tanto, explica satisfatoriamente o fenômeno.

Finalmente é apresentada uma proposta de análise desse fenômeno a partir do fato de que o movimento se dá em substituição a Q e de que não há deslocamento duplo em sentenças interrogativas de SN. Essa proposta baseia-se na coincidência entre a posição de um SN-q sujeito e a de um SN-q movido de outra posição qualquer para o início da sentença.

No decorrer do trabalho são apresentadas - para atender às necessidades da discussão - algumas sugestões de análise em relação a regras tais como o Transporte de Advérbio, a Posposição do Advérbio e a Inversão Sujeito/Predicado. Por se tratar de sugestões, nenhuma dessas análises pode ser considerada definitiva, uma vez que o tratamento desses fenômenos não está incluído no objetivo do trabalho.

CAPÍTULO 1

A INTERROGATIVA DIRETA EM PORTUGUÊS

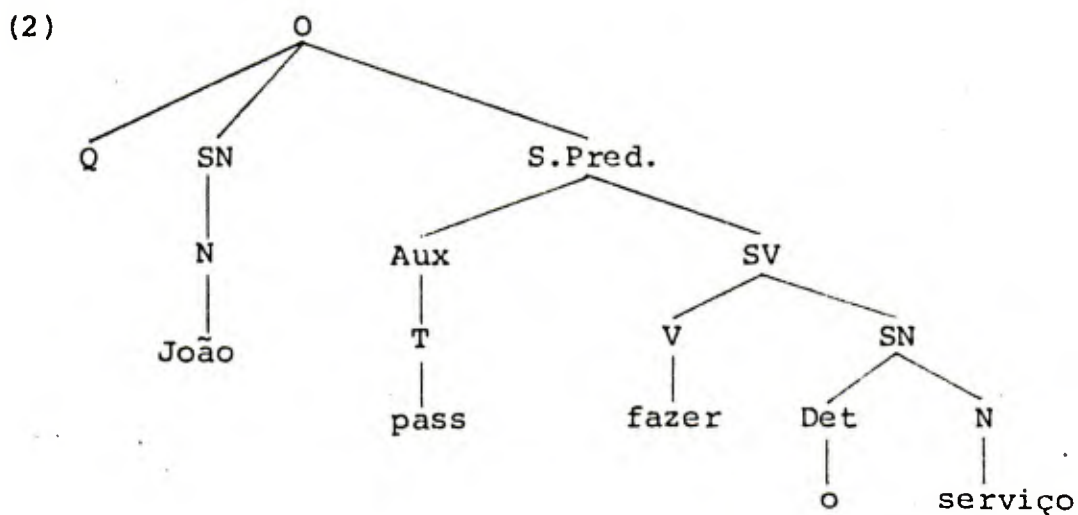
1. Considerações preliminares

Em análises mais antigas, era costume tratar as sentenças interrogativas como decorrentes da aplicação de uma transformação a estruturas afirmativas. Em outras palavras, atribuía-se a esses dois tipos de sentenças a mesma origem, ou seja, a mesma estrutura profunda (EP). A partir de Chomsky (1965) um novo enfoque foi dado a essa questão, com base na diferença de significado entre as sentenças afirmativas e interrogativas. Considerando que a cada sentença da língua corresponde uma estrutura subjacente abstrata – a estrutura profunda – responsável pela interpretação semântica da sentença, postulou-se para a interrogativa uma estrutura profunda diferente da afirmativa. De um tratamento em bases transformacionais passou-se a uma análise baseada em estruturas profundas distintas. Assim, qualquer sentença interrogativa deverá conter uma marca que indique tratar-se de uma pergunta, um pedido de informação, em oposição à sentença afirmativa. Essa marca é, segundo a maioria dos autores, um morfema Q, introduzido pelas regras da base à esquerda na sentença, o qual será responsável, entre outras coisas, pela entonação da da à sentença quando de sua realização na superfície.

Vista dessa maneira, a estrutura profunda de uma sentença interrogativa do português, como (1)

(1) João fez o serviço?

será, aproximadamente, (2).

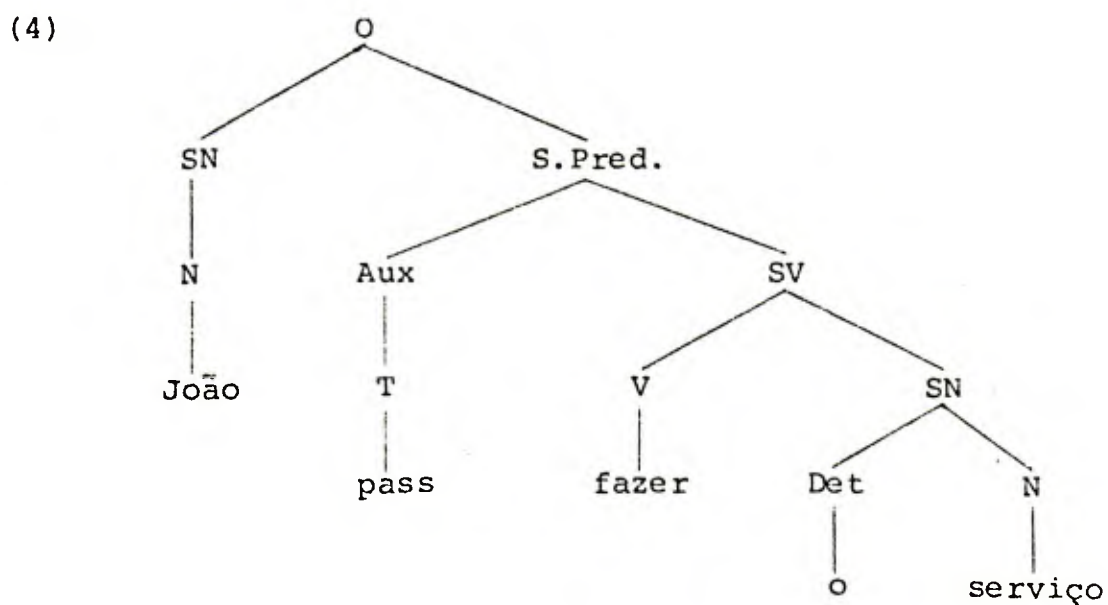


Esse é o tipo de sentença a que normalmente se chama de interrogativa direta, pois com ela pede-se diretamente uma informação qualquer.

Já uma sentença afirmativa como (3)

(3) João fez o serviço.

terá a estrutura profunda (4), sem, obviamente, a marca Q:



Em português existe, ao lado de sentenças interrogativas diretas como a que foi dada em (1), uma sentença como (5):

(5) João viu o quê?

(5) também é uma interrogativa direta, diferenciando-se, no entanto, de (1) por restringir o pedido de informação a um elemento da frase. Por exemplo, para uma pergunta como a que é feita em (1) podemos responder sim ou não; já em relação a (5), a resposta não pode ser como (6a-b):

- (6) a. *Sim, João viu o quê.
b. *Não, João não viu o quê.

Uma resposta adequada para (5) seria, entre outras, (7a-c):

- (7) a. João viu o presidente.
b. João viu um desastre.
c. João viu um filme de terror. ETC.

À vista disso, torna-se necessário, então, estabelecer dois tipos de interrogativa direta em português. Às do tipo de (1) chamarei de interrogativa sim-não¹, a exemplo de Katz & Postal (1964).² Já aquelas do tipo exemplificado em (5) denominarei interrogativa de SN.³

Como o objetivo desse trabalho é o exame do movimento do sintagma interrogado em sentenças interrogativas diretas do português, somente me interessarão, daqui por diante, as interrogativas de SN, já que as outras, por sua própria natureza, não contêm sintagma interrogado. A referência àquelas só interessará na medida em que for necessário evidenciar sua diferença em relação às interrogativas de SN.

2. A estrutura profunda da interrogativa de SN

2.1. Justificativa para Q e q-

Vimos acima que as sentenças interrogativas precisam ter, na estrutura profunda, uma marca que as diferencie das sentenças afirmativas, uma vez que a significação difere num caso e

noutro. Para tanto, estabelecemos a introdução de um morfema Q pelas regras da base, à esquerda da estrutura.

Entretanto, a presença desse morfema Q na estrutura profunda, o responsável pela distinção entre (1) e (5), de um lado, e (3), de outro,

(1) João fez o serviço?

(5) João viu o quê?

(3) João fez o serviço.

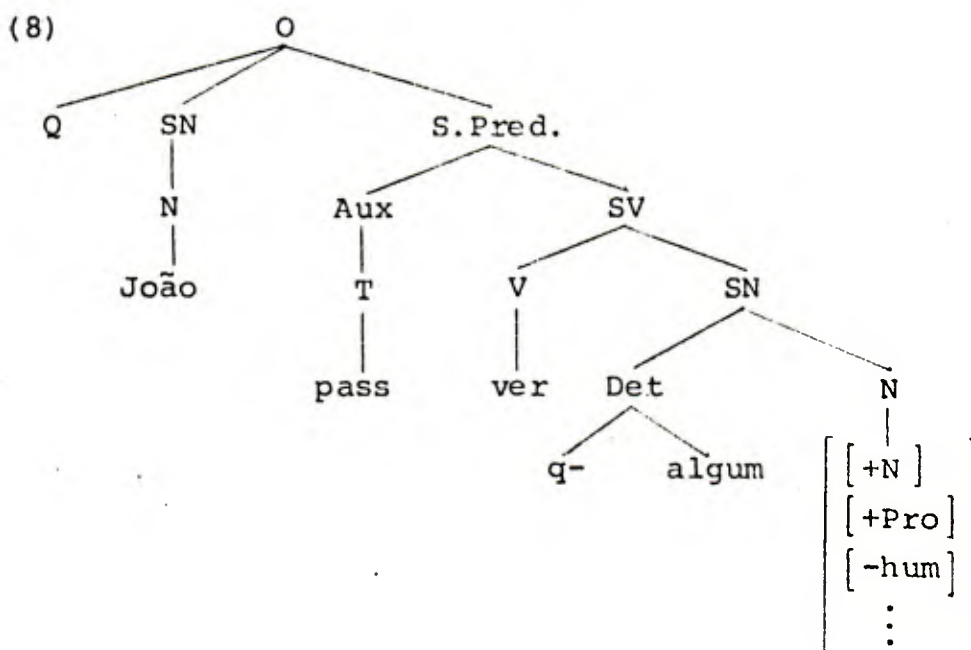
— ou seja, responsável pela distinção entre interrogativas e afirmativas — não será suficiente para distinguir entre si as sentenças (1) e (5), ambas interrogativas diretas. Em outras palavras, podemos dizer que só o morfema Q não irá distinguir, entre (1) e (5), qual delas possui um elemento interrogado.

Ora, se estamos admitindo que a interpretação semântica das sentenças é determinada pelas regras de projeção que operam sobre a estrutura profunda, é necessário, por conseguinte, que não só se especifique na estrutura profunda que se trata de uma estrutura interrogativa, mas também se especifiquem os elementos interrogados. Só assim poderemos distinguir (1) e (5). E só assim também seremos capazes de entender o motivo pelo qual uma resposta que é dada para (1) não é adequada para (5), e vice-versa.

Sendo assim, vou propor que as interrogativas de SN tenham, na estrutura profunda, além do morfema Q de início de sentença, um outro morfema — que dou como q- — que será associado, também pelas regras da base, ao elemento a ser interrogado. Esse morfema q- será, portanto, o ponto de diferenciação entre os dois tipos de interrogativa direta, ou seja, interrogativa sim-não e interrogativa de SN.

Vou admitir que o morfema q- seja introduzido, pelas regras de retranscrição, à esquerda do constituinte interrogado, associado ao Determinante (Det), à maneira de Katz & Postal (1964).

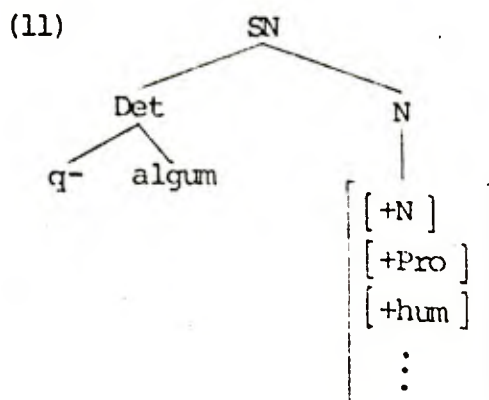
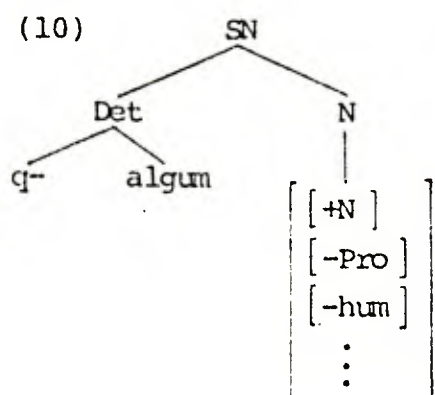
Assim, a estrutura profunda de uma sentença interrogativa de SN como (5), será:



É necessário fazer aqui um comentário sobre essa estrutura profunda (8). Nela aparece, sob o nódulo N do sintagma nominal interrogado, um conjunto de traços, de uma maneira aproximada à que é dada em Jacobs & Rosenbaum(1968). Esses traços constituem a representação, no léxico, da forma superficial o que. Essa se diferencia, por exemplo, de um outro nome qualquer por estar marcada com o traço [+Pro]. Assim, se tivermos uma sentença como

(9) João viu que filme?

a estrutura profunda do sintagma interrogado que filme será representada aproximadamente como em (10). Por outro lado, uma forma como quem irá diferenciar-se da forma o que por conter o traço [+hum], como mostra o diagrama (11).



Em resumo, as chamadas "palavras interrogativas" serão diferenciadas de outros sintagmas interrogados por serem marcadas, no léxico, com o traço [+Pro] , entre outros.

Uma segunda justificativa para a postulação de q- na estrutura profunda dessas interrogativas está na possibilidade de ocorrência de mais de um elemento interrogado numa mesma sentença, como acontece em (12):

(12) Quem viu o quê?

Essa ocorrência múltipla de elementos interrogados não pode ser explicada caso apareça na estrutura profunda só o morfema Q. E já que existe essa possibilidade de se interrogar mais de um elemento, isso já terá de estar especificado na estrutura profunda. Dessa maneira, diremos que o morfema q-, introduzido pelas regras da base⁴, poderá estar associado a qualquer número de elementos, num único indicador sintagmático, como prova a sentença gramatical abaixo:

(13) Quem disse que João entregou o que a quem a que horas?⁵

Com a inclusão de mais esse elemento, a gramática estará proporcionando uma maneira de diferenciar não só as interrogativas de SN das interrogativas sim-não, mas as interrogativas de SN entre si. Isso quer dizer que, ao lado de uma sentença como (5),

(5) João viu o quê?

em que se interroga um sintagma nominal objeto, encontraremos sentenças em que estarão sendo interrogados sintagmas nominais com outras funções, como, por exemplo, a sentença (14),

(14) Quem morreu?

em que é interrogado o sujeito da oração. Em outras palavras, o lugar em que é inserido o morfema q- difere em (5) e (14).

Poder-se-ia argumentar que, agora, o morfema Q não é mais necessário para esse tipo de interrogativa, e que suas funções

poderiam ser exercidas pelo morfema q-. Entretanto, esse Q irá marcar, como veremos no capítulo 3, o lugar para onde poderá ser levado o sintagma interrogado em interrogativa de SN. Essa é a justificativa dada por Baker (1970) para Q na estrutura profunda também de interrogativa de SN.

Resumindo: a estrutura profunda das sentenças interrogativas diretas tem uma marca Q, que as diferencia das sentenças afirmativas, e cuja leitura semântica pode ser dada como "pedir uma resposta". As interrogativas diretas que têm sintagma interrogado – ou seja, as interrogativas de SN – terão, além do Q inicial, um morfema q- associado a(os) elemento(s) interrogado(s) na sentença.

2.2. Sintagmas nominais: únicos a serem interrogados

Vimos, acima, que o morfema q-, em interrogativa de SN, é associado ao Det pelas regras da base. Esse fato permite uma generalização maior sobre o tipo de constituinte que pode ser interrogado. Ora, de acordo com a "teoria standard", o constituinte Det faz parte de um outro constituinte, o sintagma nominal (SN). E é nisso que consiste a generalização. Se o morfema q- é associado ao Det, pelas regras da base, e esse faz parte do SN, então podemos concluir que somente SNs podem ser interrogados.

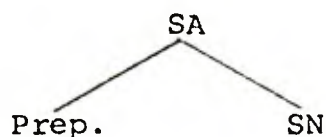
A afirmativa acima pode parecer falsa se tomarmos sentenças como

(15) Você comprou essa bolsa onde?

(16) O avião sairá quando?

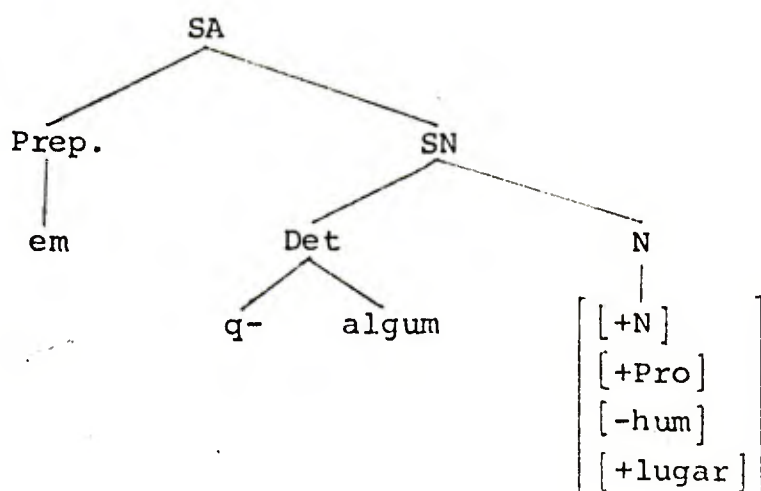
em que os constituintes interrogados – onde e quando – são sintagmas adverbiais. Entretanto, o problema fica resolvido se partirmos do pressuposto de que esses elementos adverbiais – interrogados ou não – são versões reduzidas de estruturas como (17) abaixo:

(17)

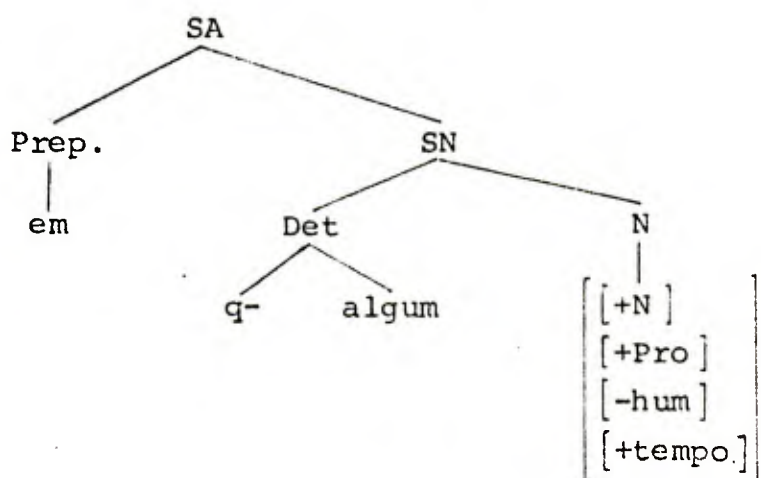


Dessa maneira, as estruturas que deram origem às formas onde e quando são, respectivamente, (18) e (19):

(18)



(19)



Como se vê, em (18) e (19) o morfema q- continuou associado ao Det, fazendo parte, portanto, de um SN. E toda a discussão feita anteriormente é válida para esses casos. Ou seja, ao lado de uma forma como onde temos uma forma não-pronominal (não-pro) como a que se vê na sentença (20) ou em (21):

(20) Você comprou essa bolsa em que lugar?(21) Você comprou essa bolsa em que loja?

O mesmo se pode dizer para a forma quando, observando (22) e (23) abaixo:

(22) O avião sairá a que horas?

(23) O avião sairá em que dia?

Daqui por diante, para efeitos de economia, usarei a terminologia sintagma nominal interrogado - SN-q - para qualquer um desses casos. Ficou claro, suponho, que não é o sintagma adverbial que está sendo interrogado, mas o SN que está inserido nele.

3. O escopo de Q

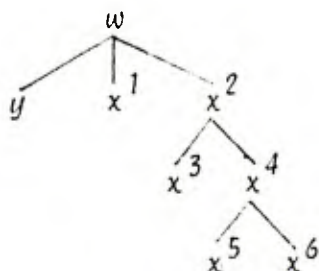
Já que o morfema Q é uma marca de interrogativa, vamos definir, agora, o campo de influência desse morfema numa estrutura interrogativa direta.

Será necessário, aqui, novamente fazer referência aos diferentes tipos de interrogativa direta, pois disso dependerá a definição que pretendo fazer.

Em português, há interrogativa direta sim-não, e interrogativa direta de SN. Na estrutura profunda de ambos os tipos está a marca Q. A diferença entre elas é que, no caso da segunda, há mais uma marca na estrutura profunda - o morfema q- - que especifica o elemento a ser interrogado.

O escopo de Q será, então, definido inicialmente de duas maneiras: a primeira será feita em termos da relação "em construção com", de Klima (1964), como ele mesmo já havia proposto, e que transcrevo aqui em (24):

(24) "Dada a estrutura

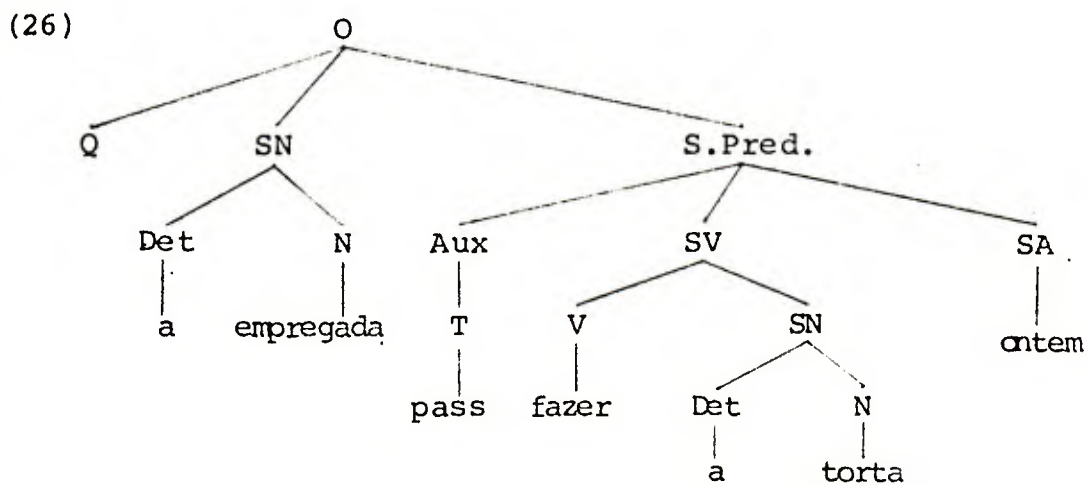


diz-se

que um constituinte (por exemplo x^4 ou x^5) está "em construção com" um outro constituinte (no caso x^3) se o primeiro é dominado pelo primeiro nóduo (ou seja x^2) que domina o último (x^3)."⁶

Tomemos uma sentença como (25), e atribuamos a ela a estrutura profunda (26):

(25) A empregada fez a torta ontem?



(25) é uma interrogativa de sentença, e teria como respostas possíveis as sentenças de (27):

- (27) a. Sim, a empregada fez a torta ontem.
 b. Não, ela fez um bolo ontem.
 c. Não, ela vai fazer amanhã.
 d. Não, foi mamãe quem fez.
 e. Não, ela dormiu ontem.

Para saber a que constituintes o morfema Q se refere numa sentença basta que encontremos respostas à pergunta feita. Ora, examinando as sentenças de (27), sendo todas elas respostas perfeitamente adequadas para a pergunta feita em (25), vemos que o escopo de Q é qualquer um dos constituintes da sentença. Isso porque nenhum deles tem sua verdade pressuposta, tanto é que podem ser interrogados. Além do mais, o fato de não estarem pressupostos permite que seja dada uma resposta negativa à sentença, respondendo a qualquer um dos sintagmas. Em outras palavras que ro dizer o seguinte: numa interrogativa sim-não todos os constituintes principais ("major constituents") fazem parte do escopo de Q. E isso é estabelecido por Klima em termos da relação "em construção com". Assim, na estrutura (26), diremos que o SN a empregada está "em construção com" o morfema Q porque o nódu-

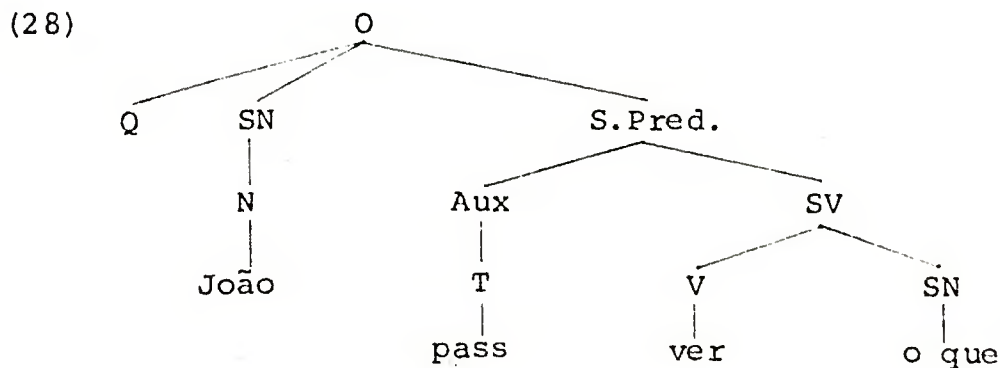
lo que domina diretamente Q - ou seja, O - também domina o SN que empregada. O constituinte SV - fazer a torta - também está "em construção com" Q, nos termos acima. E, assim por diante, todos os constituintes de (26) estão "em construção com" o morfema Q, fazendo parte, portanto, do seu campo de ação.

É importante ressaltar aqui que a não exclusão de qualquer constituinte do escopo de Q decorre de um fato ligado à noção de foco, que, segundo Jackendoff (1972), é a informação nova que está sendo solicitada numa pergunta. Observemos que as diferentes respostas de (27) vão depender do foco que se dê à pergunta feita em (25). Esse foco é marcado pela entonação. Assim, se em (25) o foco for atribuído ao SN a torta, teremos a resposta (27b). O resto será pressuposto. Já (27c) será a resposta adequada para (25) se o foco estiver no sintagma adverbial ontem. E assim por diante, todos os constituintes de (25) poderão ser marcados com o foco, o que quer dizer que qualquer posição do foco é admissível.

Vejamos, agora, qual é o escopo de Q em interrogativas de SN. Tomemos, novamente, uma sentença como (5)

(5) João viu o quê?

cuja estrutura profunda, antes (8), simplifico agora para (28):



Se estabelecermos o escopo de Q do mesmo modo que o fizemos para as sentenças interrogativas sim-não, era de se esperar que pudessemos obter respostas como as seguintes para (5):

- (29) a. *Paulo viu (o quê).
 b. *Paulo dormiu. ETC.

No entanto, (29a-b) são agramaticais em português. A única resposta possível para (5) seria uma sentença do tipo de, por exemplo, (30):

(30) João viu o desastre.
 o tio de Pedro
 etc.

Como podemos observar pela gramaticalidade de (30), frente à agramaticalidade de (29a-b), nem todos os constituintes de (5) podem ser interrogados, o que quer dizer que nem todos estão no escopo de Q. A relação "em construção com" de nada adiantará neste caso.

Observemos que em (5) a pergunta está dirigida para um único ponto, ou seja, aquele em que, na estrutura profunda (28), está inserido o morfema q-. Ele é que especifica, como já vimos, o sintagma a ser interrogado. Daí a agramaticalidade das sentenças (29a-b). Elas não poderiam ser respostas para (5) porque nada daquilo tinha sido perguntado.

Dessa maneira, podemos definir, inicialmente, o escopo de Q de duas maneiras:

- a) em sentenças interrogativas sim-não o escopo será definido em termos da relação "em construção com";
- b) em interrogativas de SN o escopo de Q é o sintagma nominal em que está inserido o morfema q-. Em outras palavras, nesse caso o q- é a marca do escopo de Q.

Há um fato, no entanto, que irá permitir mantermos a definição do escopo de Q em termos da relação "em construção com" para os dois tipos de interrogativa, ou seja, interrogativa sim-não e interrogativa de SN. Se observarmos novamente a sentença (5)

(5) João viu o quê?

veremos que a posição do morfema q- tem a mesma função que o foco, visto anteriormente para as sentenças interrogativas sim-não. O escopo de Q, naquele caso, recaía automaticamente sobre o foco. No presente caso, ou seja, de interrogativa de SN, o fo

co da sentença já estará "ocupado" pelo SN-q. A agramaticalidade de (29a-b) será, pois, devida ao fato de que é impossível focalizar qualquer elemento da interrogativa de SN que não possua a marca q-. Assim, não podemos focalizar, em (5), o elemento João. Se pudéssemos fazê-lo, a resposta seria uma sentença agramatical como (29a):

(29a) *Paulo viu o quê.

À vista desses fatos, não será mais necessário definir o escopo de Q de duas maneiras diferentes, como foi proposto anteriormente. A relação "em construção com", associada à noção de foco, dará conta do escopo de Q em ambos os tipos de interrogativa, permitindo, assim, uma generalização. A diferença entre elas será estabelecida em termos do(s) constituinte(s) que pode(m) ser focalizado(s).

4. Movimento do sintagma interrogado

Há evidências, em português, de que o SN-q pode ser movido ou permanecer no lugar de origem na estrutura em que se encontra, como se pode verificar em (31a-b),

- (31) a. Os meninos comeram o quê?
b. O que os meninos comeram?

ou em (32a-b):

- (32) a. Você viu meu irmão em que cinema?
b. Em que cinema você viu meu irmão?

(31a-b) e (32a-b) constituem, portanto, evidência de que o movimento do SN-q é optativo em português. Mais adiante veremos em que condições esse movimento se dá.

Maia(1975) considera possíveis sentenças como (31a) e (32a) somente em situações especiais - as chamadas perguntas-eco. Conseqüentemente, o movimento do SN-q é obrigatório. Esse é um ponto em que as nossas análises diferem totalmente. No dialeto em que me baseei - o mineiro - essas sentenças são perfeitas, em situações normais, e não somente em perguntas-eco. Como conseqüên

cia, a regra que irei postular para dar conta da sinonímia entre as sentenças a e b de (31) e (32) será uma regra optativa.

Quero deixar claro, de uma vez, que minha análise não abrangerá as perguntas-eco. Alguma referência que lhes possa vir a ser feita servirá somente para esclarecer algum ponto das discussões.

A natureza da regra de movimento de SN-q, por ser o objetivo principal desse trabalho, será discutida em detalhe nos capítulos seguintes. Por ora basta que admitamos, pela observação de (31a-b) e (32a-b), a necessidade de se postular essa regra em português.

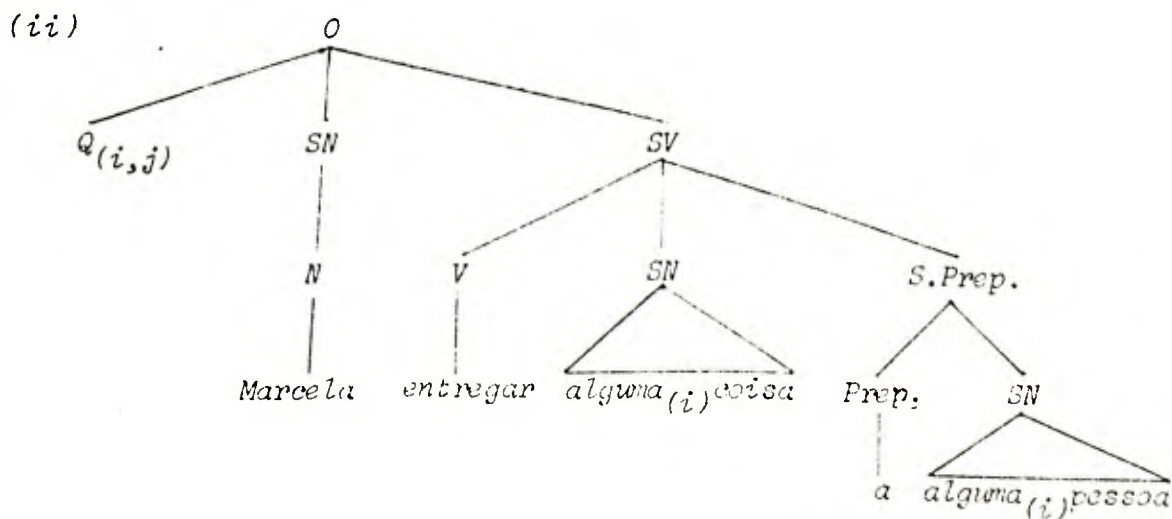
N O T A S

1. É comum chamar-se também de "interrogativa de sentença", pelo fato de a pergunta referir-se a toda a sentença, e não a um só sintagma.
2. "yes-no questions" - Katz & Postal(1964), op.cit.,p.84.
3. "wh-questions" - Katz & Postal(1964), op.cit.,p.84.
4. Alguns autores, como Baker(1970), postulam a introdução do morfema *q-* por transformação. Segundo ele, na estrutura profunda haverá um *Q*, funcionando como um operador, com índices que vinculam cada ocorrência de um SN dominado pelo nóduo *Q* que domina diretamente o *Q*. Um dos SNs vinculados ao *Q* através do índice irá substituir esse *Q*, quando da aplicação da regra de movimento.

Assim, uma sentença como (i)

(i) Marcela entregou o que a quem?

teria, de acordo com essa análise, a seguinte estrutura profunda (abreviada):



Posteriormente, o morfema *q-* será introduzido à esquerda dos dois SNs, uma vez que ambos contêm um índice que os vincula ao Q, indicando que são os constituintes interrogados na sentença, e que poderão ser movimentados para a posição em que se encontra o Q.

.. É claro que sentenças com um número elevado de sintagmas interrogados terão seu entendimento prejudicado por questões de desempenho.

6. Klîma(1964), *op.cit.*, p.297.

CAPÍTULO 2

MOVIMENTO DE SN-q: UMA REGRA PÓS-CÍCLICA

Neste capítulo pretendo mostrar que a regra responsável pelo movimento de sintagmas nominais interrogados, em sentenças interrogativas diretas do português, é uma regra pós-cíclica. Para atingir tal objetivo, apresentarei uma análise do comportamento desta regra em relação tanto a regras cíclicas (como o Alçamento, a Passivização e o Transporte de Advérbio) como também a outras regras pós-cíclicas como a Concordância Verbal (CV).

1. O argumento de Postal

Antes de discutir as regras acima relacionadas, apresentarei um dos argumentos mais freqüentes, em análises do inglês, para provar que a T-Movimento de SN-q é pós-cíclica. Trata-se do argumento do Pulo da Preposição - segundo Postal (1972), "The Preposition Dangle Argument" (ou mesmo "The Preposition Orphan Argument", como é dado em Postal (1970)).

Em sentenças interrogativas do inglês, do tipo

- (1) a. "To whom were you speaking?"
- b. "Who were you speaking to?"¹

em que o SN-q whom está precedido de uma preposição (a qual faz parte, com o SN-q, de um S.Prepos.), esta acompanha o SN-q movido para o início da sentença (como em (1a.)) ou permanece em sua posição original (como em (1b.)). Esse fato, examinado em sentenças simples, como é o caso de (1a.) e (1b.), não traz problemas. No entanto, da observação das sentenças de (2) abaixo, em que o SN-q está na oração subordinada de uma estrutura interrogativa direta

- (2) a. "Who did you think Bill wanted Mary to talk to?"
 b. "To whom did you think Bill wanted Mary to talk?"
 c. "*Who did you think Bill wanted to Mary to talk?"
 d. "*Who did you think to Bill wanted Mary to talk?"
 e. "*Who did to² you think Bill wanted Mary to talk?"

deduzimos que o movimento do SN-q não pode ser cíclico, já que a preposição, ao acompanhar opcionalmente o SN-q, não pode aparecer no início de cada oração como mostram os exemplos (2c), (2d) e (2e). Em outras palavras, se o SN-q pudesse ser movido ciclicamente para o início de cada oração, o mesmo seria de se esperar da preposição que o precede. E ainda mais: ao ser movido o SN-q novamente para o início de uma oração precedente, a preposição deveria poder permanecer no lugar de origem, já que esse acompanhamento é opcional (cf. (2a) e (2b)). Desse modo, conclui Postal que o movimento da preposição, opcional, deve ser feito pós-ciclicamente, de um único "pulo", assim como o movimento do SN-q (esse, obrigatório em inglês).

Examinemos, agora, fatos do português. Não creio que o argumento acima seja válido para esta língua, uma vez que não temos ocorrência da preposição isolada, isto é, sem o SN-q com o qual forma o S.Prepos. Esse é, pelo menos, o julgamento de grande parte dos falantes, que concordam quanto aos julgamentos dados às sentenças simples abaixo,

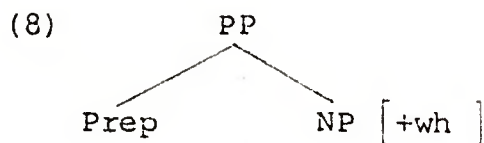
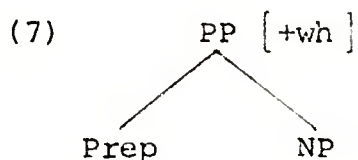
- (3) a. Flávia estava falando com quem?
 b. Com quem Flávia estava falando?
 c. *Quem Flávia estava falando com?
- (4) a. Walter Luís entregou o livro prá quem?
 b. Prá quem Walter Luís entregou o livro?
 c. *Quem Walter Luís entregou o livro prá (para)?

ou mesmo quando o SN-q está numa oração subordinada, como os exemplos de (5) e (6):

- (5) a. Você pensa que eu estava falando com quem?
 b. Com quem você pensa que eu estava falando?
 c. *Quem você pensa que eu estava falando com?
- (6) a. Maria disse que ele foi assassinado por quem?
 b. Por quem Maria disse que ele foi assassinado?
 c. *Quem Maria disse que ele foi assassinado por?

Assim sendo, o que quer que se conclua a respeito da ciclicidade da regra de movimento de SN-q, a preposição estará sempre ligada ao SN-q. Por esse motivo, resolvi postular, para os propósitos deste trabalho, que o movimento da preposição, em português, não resulta da aplicação de uma regra separada da que movimenta o SN-q, mas que se trata de uma única regra.

Chomsky³ postula um marcador [+wh], que seria colocado (para o caso do inglês) ou no nóculo PP ("Prepositional Phrase"), ou no nóculo NP ("Noun Phrase"), como mostram os diagramas abaixo, e que daria conta do movimento da preposição nas sentenças inglesas.



Como no português não existe a possibilidade exemplificada em (8), bastaria propor (7). Isso, entretanto, estaria contra o que já propus no capítulo anterior, ou seja, que só SNs podem ser interrogados - o que quer dizer que só os SNs é que recebem a marca q-. Além do mais, o comportamento da preposição em português é o mesmo em todos os casos, isto é, ela sempre acompanha o SN com o qual forma um S.Prepos.

Feitas essas considerações, concluo que o argumento de Postal com base no Pulo da Preposição não funciona em português para mostrar que a regra que movimenta o SN-q é pós-cíclica. Vou, por isso, procurar argumentos em outras partes.

2. T-Movimento de SN-q X T-Alçamento

Examinemos, agora, o comportamento da T-Movimento de SN-q (T-Mov.SN-q) em relação à T-Alçamento (T-Alç), tomando sentenças como

- (9) a. Você disse que João parece odiar quem?
 b. Quem você disse que João parece odiar?

Vou adotar, aqui, a análise de Quicoli (1972) para verbos como parecer, tradicionalmente chamados de semi-pessoais por poderem aparecer tanto em construções impessoais como (10)

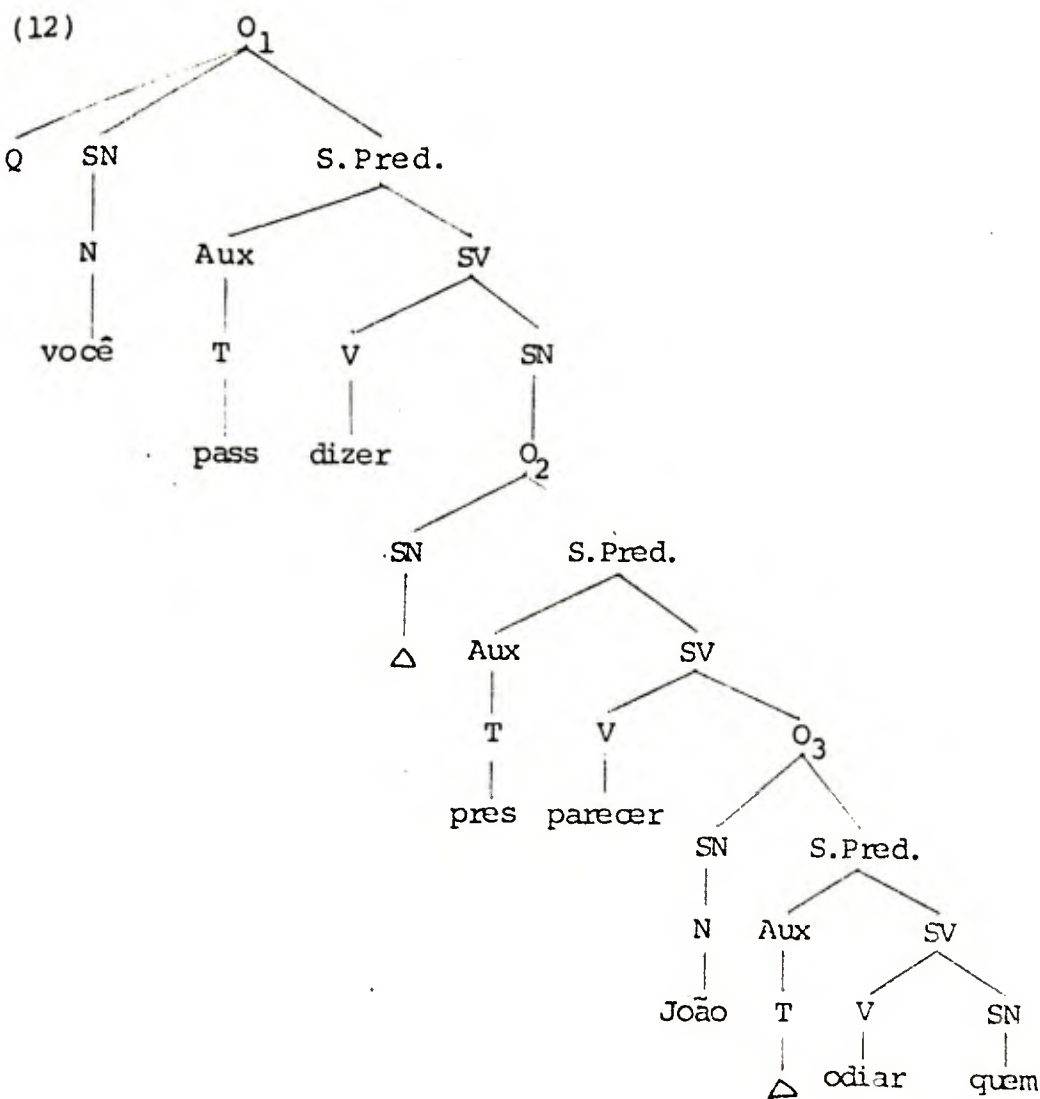
- (10) "Parece terem os embaixadores chegado a um acordo."

quanto em construções pessoais, como (11):

- (11) "Os embaixadores parecem ter chegado a um acordo."⁴

Segundo aquela análise, um verbo como parecer não terá , na estrutura profunda, um sujeito especificado. Em outras palavras, o SN sujeito será representado pelo símbolo vazio Δ . Além disso, o nóduo O encaixado sob o SV onde se acha parecer será um complemento de SV - isto é, dominado diretamente por SV - e não de SN.

Assim sendo, estabelecerei (12) como a estrutura profunda simplificada de (9a-b):



O aparecimento do sujeito de O_3 sob o SN vazio de O_2 - em substituição ao símbolo Δ - será devido, segundo Quicoli, à aplicação da regra de "Subject Replacement", que prefiro chamar aqui de T-Alçamento (T-Alç).

Será a seguinte a derivação da sentença (9a):⁵

(13) EP: [Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [João Δ odiar quem]]]

1º ciclo: -----

2º ciclo: T-Alç

[Q você Pass dizer [João Pres parecer [Δ odiar quem]]]

3º ciclo: -----

Pós-cíclica: CV

[Q você disse [João parece [odiar quem]]]

⋮

(9a) Você disse que João parece odiar quem?

Como não foi aplicada a T-Mov.SN-q na derivação acima, o elemento Q será automaticamente eliminado.

Apliquemos, agora, a T-Mov.SN-q ciclicamente:

(14) EP : [Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [João Δ odiar quem]]]

1º ciclo: T-Mov.SN-q

[Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [quem João Δ odiar]]]

2º ciclo: só a T-Alç (já que a T-Mov.SN-q é optativa)

[Q você Pass dizer [João Pres parecer [quem Δ odiar]]]

3º ciclo: -----

Pós-cíclica: CV

[Q você disse [João parece [quem odiar]]]

A derivação acima dará uma sentença agramatical como (15a):

(15a) *Você disse que João parece quem odiar?

Dentro da mesma hipótese de que a T-Mov.SN-q é cíclica, também será possível derivar (15b) de (12). A diferença entre (15a) e (15b) é que, no caso dessa última, foi aplicada novamente a T-Mov.SN-q no segundo ciclo:

(15b) *Você disse que quem João parece odiar?

Agora, como explicar a sentença (9b)?

(9b) Quem você disse que João parece odiar?

Se continuarmos a admitir que a T-Mov.SN-q é cíclica temos duas hipóteses para explicar (9b). A primeira postulará que a T-Mov.SN-q só se aplicou no ciclo de O_1 , por ser optativa. A derivação de (9b) seria como se segue:

(16) EP: [Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [João Δ odiar quem]]]

1º ciclo: -----

2º ciclo: T-Alç

[Q você Pass dizer [João Pres parecer [Δ odiar quem]]]

3º ciclo: T-Mov.SN-q

[quem você Pass dizer [João Pres parecer [Δ odiar]]]

Pós-cíclica: CV

[quem você disse [João parece [odiar]]]

⋮

(9b) quem você disse que João parece odiar?

A derivação acima comprova a opcionalidade da regra de movimento de SN-q, uma vez que ela não se aplicou no 1º e 2º ciclos.

A segunda hipótese irá propor que a T-Mov.SN-q aplicou-se desde o primeiro ciclo, como mostra a derivação abaixo:

(17) EP: [Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [João Δ odiar quem]]]

1º ciclo: T-Mov.SN-q

[Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [quem João Δ odiar]]]

2º ciclo: 1) T-Alç (supondo que ela venha antes da T-Mov.SN-q)

[Q você Pass dizer [João Pres parecer [quem Δ odiar]]]

2) T-Mov.SN-q

$$\left[Q \text{ voc\^e Pass dizer } \left[\text{quem Jo\~ao Pres parecer } \left[\Delta \text{ odiar } \right] \right] \right]$$

3º ciclo: T-Mov.SN-q

$$\left[\text{quem voc\^e Pass dizer } \left[\text{Jo\~ao Pres parecer } \left[\Delta \text{ odiar } \right] \right] \right]$$

Pós-cíclica: CV

$$\left[\text{quem voc\^e disse } \left[\text{Jo\~ao parece } \left[\text{odiar } \right] \right] \right]$$

⋮

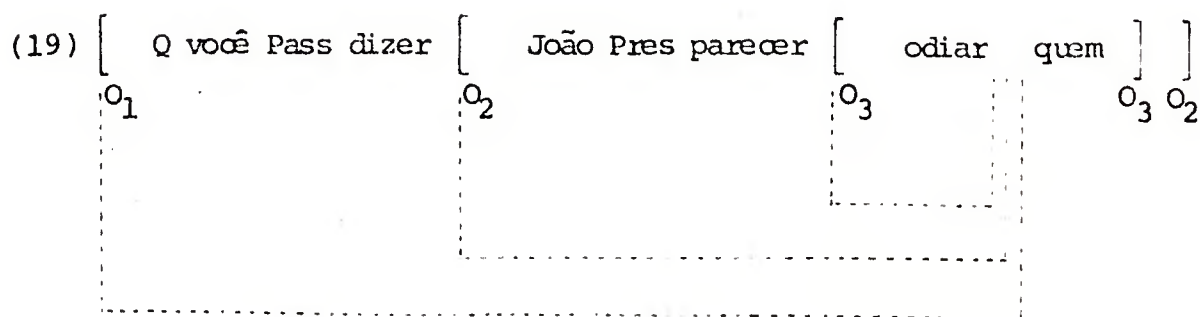
(9b) Quem você disse que João parece odiar?

Entretanto, para se chegar a (9b), tem-se que admitir uma obrigatoriedade do movimento do SN-q em todos os ciclos, como mostra a derivação (17), já que a agramaticalidade de (15a-b) prova que o SN-q não pode ocorrer naquelas posições. Esse fato vem mostrar que a primeira hipótese - isto é, a de que a T-Mov. SN-q é cíclica, mas, por ser também optativa, só se aplicou no ciclo de O_1 - é melhor, pois explica não só as sentenças gramaticais de (9a-b) como também exclui as sentenças agramaticais de (15a-b). E essa exclusão se deve ao princípio do A-sobre-A. Isso porque, sendo optativa, a T-Mov.SN-q pode se aplicar só no último ciclo, ou seja, de O_1 . Entretanto para onde seria levado o elemento interrogado, já que temos várias orações encaixadas, e o SN-q poderia ser levado para o início de qualquer uma? Aí entra em ação o princípio do A-sobre-A. Dessa maneira, o SN-q só pode ser movido para o nóculo O mais alto, ou seja, O_1 . Tenho em mente uma formulação da T-Mov.SN-q segundo o esboço abaixo:

$$(18) \quad \left[\begin{array}{c} X \\ O \end{array} \right] \text{ SN-q}$$

$$1 \quad 2 \quad 3 \quad \Rightarrow \quad 3 \quad 1 \quad 2$$

Isso quer dizer que, a partir de uma estrutura como



o X da descrição estrutural de (18) pode ser uma das três seqüências marcadas com a linha pontilhada. Para derivar uma sentença gramatical como (9b)

(9b) Quem você disse que João parece odiar?

teremos de considerar necessariamente a seqüência maior; em outras palavras, o SN-q quem só poderá ser movido para o início de O_1 , dada a agramaticalidade de (15a-b):

- (15) a. *Você disse que João parece quem odiar?
 b. *Você disse que quem João parece odiar?

Ora, uma maneira de garantir que o X da formulação (18) seja interpretado como a seqüência maior de (19) é através do princípio do A-sobre-A.

As restrições apresentadas em Ross (1967) como substitutivos do princípio de Chomsky não são suficientemente adequadas para explicar os fatos que acabamos de examinar. Pode parecer que temos, então, na gramaticalidade de (9b), frente à agramaticalidade de (15a-b), um argumento contra as restrições de Ross e a favor do princípio de A-sobre-A. Entretanto, conforme veremos no capítulo 3, antecipo que esse princípio se tornará desnecessário mais adiante, uma vez que o movimento do SN-q se dará em substituição ao morfema Q. Isto é, o limite oracional ' $\left[\begin{array}{c} \\ O \end{array} \right]$ ' não será mais necessário na descrição estrutural da regra, e a estrutura (19) já não poderá ser segmentada de mais de uma maneira.

Até agora, tentei mostrar que, se considerarmos a T-Mov.SN-q como uma regra cíclica, encontraremos vários problemas:

- a) por ser optativa, ela pode deixar de se aplicar em ciclos anteriores, para se aplicar só no último ciclo (caso o elemento interrogado esteja, por exemplo, numa oração encaixada);
- b) se ela for aplicada no primeiro ciclo, terá de sê-lo nos outros ciclos, o que a torna uma regra parcialmente optativa – isto é, pode deixar de aplicar-se, mas, desde que se aplique em um ciclo, torna-se obrigatória para os ciclos subsequentes.

• O fato resumido no item b) acima é o ponto importante que me leva a rejeitar a hipótese da ciclicidade da T-Mov.SN-q. Além do mais, o fato de ela se aplicar optativamente só no último ciclo, como está dito no item a), faz dessa característica da T-Mov.SN-q um ponto coincidente com as regras pós-cíclicas. Isso sugere, então, uma alternativa de análise para essa regra, que veremos mais adiante. Por ora, continuarei apresentando outros fatos do português, tentando encontrar novas evidências sobre a ciclicidade (ou não) da T-Mov.SN-q.

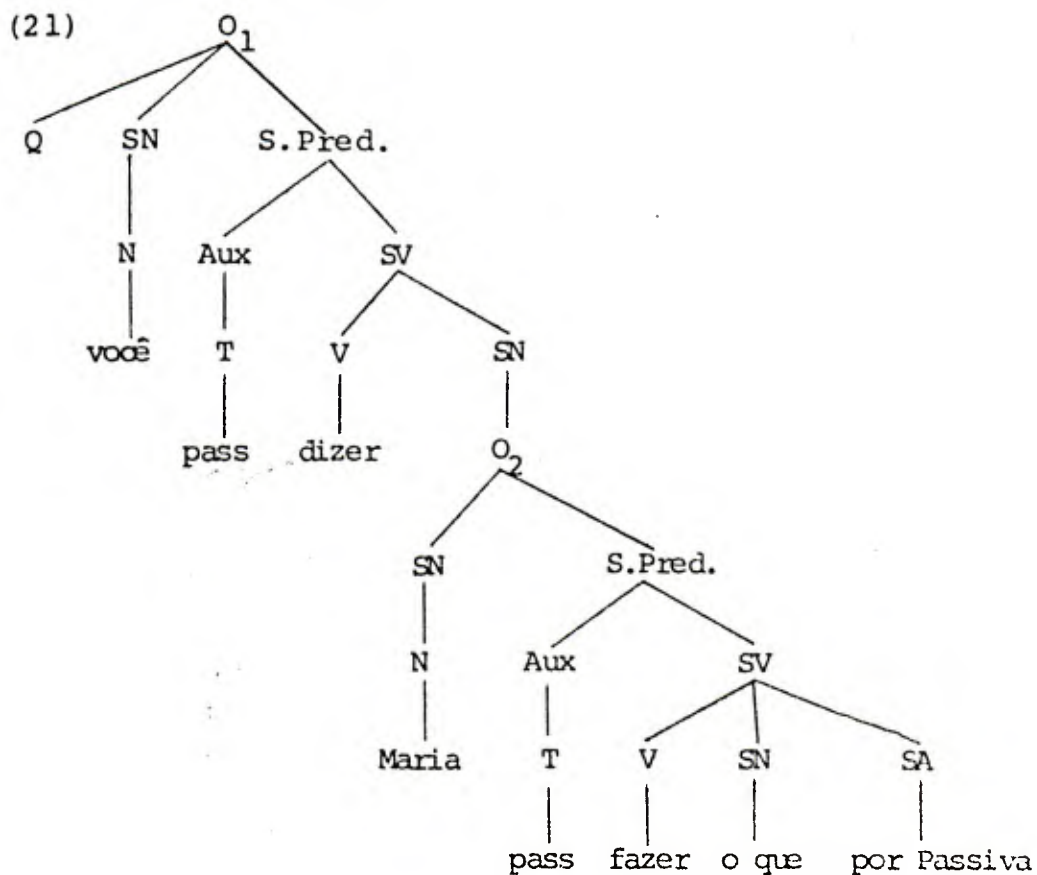
3. T-Mov.SN-q X Passivização

Examinemos, agora, o comportamento da T-Mov.SN-q em relação à Passivização (T-Passiva) em português – usualmente tratada como uma regra cíclica – a fim de ver se as conclusões tiradas anteriormente podem ser mantidas.

Tomemos, inicialmente, a sentença

(20) O que você disse que foi feito por Maria?

cuja EP é (21) abaixo:



Postulemos, novamente, que a T-Mov.SN-q é cíclica e optativa. Aplicando-a no primeiro ciclo, teremos a estrutura

(22) [Q você Pass dizer [o que Maria Pass fazer por Passiva]]

Se quisermos aplicar a T-Passiva ainda neste ciclo teremos que ordená-la antes da T-Mov.SN-q. Do contrário, ela seria bloqueada, já que não existirá mais a condição estrutural exigida para sua aplicação, ou seja, uma estrutura SN V SN, uma vez que a T-Mov.SN-q, ao aplicar-se, levou o SN-objeto para o início da oração, que ficou, então, com a estrutura SN SN V.

Aplicando, portanto, a T-Passiva no primeiro ciclo, temos:

(23) [Q você Pass dizer [o que Pass ser feito por Maria]]

Agora a T-Mov.SN-q aplicar-se-á no vazio, uma vez que o

SN-q já foi levado para o início de O₂ pela T-Passiva. No segundo ciclo, entretanto, a aplicação da T-Mov.SN-q dará origem à estrutura (24):

(24) [o que você Pass dizer [que Pass ser feito por Maria]]

A aplicação pós-cíclica da CV só irá operar sobre o verbo di-zer, sendo portanto bloqueada em O₂, já que não há mais, nessa oração, um SN-sujeito. O resultado será, então, a sentença agra-matical (25):

(25) *o que você disse que ser feito por Maria?

Para dar conta de (20),

(20) O que você disse que foi feito por Maria?

temos que admitir que a T-Mov.SN-q se aplica depois da CV que, conforme sabemos, é pós-cíclica. Assim, no 2º ciclo não haverá nenhuma transformação. Pós-ciclicamente irão aplicar-se a CV e a T-Mov.SN-q, nesta ordem.

Mesmo considerando-se a T-Mov.SN-q como pós-cíclica, pode parecer que ela se torna obrigatória em certos casos, já que não é possível em português uma sentença como

(26) *Você disse que o que foi feito por Maria?

Há um problema aqui para a minha teoria de que a T-Mov.SN-q é uma regra optativa. Se o elemento interrogado for o agente da passiva no momento de aplicação da T-Mov.SN-q, não haverá o problema, isto é, a regra poderá ser considerada optativa (e pós-cíclica):

(27) a. Por quem você disse que o trabalho foi feito?

- b. Você disse que o trabalho foi feito por quem?
 c. *Você disse que por quem o trabalho foi feito?

A sentença (27c) contribui para reforçar a hipótese de que a T-Mov.SN-q não é cíclica. A agramaticalidade dela se deve justamente ao fato de, no primeiro ciclo, ter sido aplicada a T-Passiva e, logo depois, a T-Mov.SN-q, que levou o elemento por quem para o início da oração subordinada. Observe-se que (27c) não será excluída pelo filtro superficial de que-que – postulado por Perini (1977), segundo o qual as cadeias superficiais que contiverem a seqüência que-que serão marcadas como malformadas – pois não é o caso aqui; (27c) será excluída pelas próprias condições à aplicação da T-Mov.SN-q. Em outras palavras, a gramática só poderá excluir (27c) se ela estabelecer que a T-Mov.SN-q é pós-cíclica, e que o movimento do elemento interrogado se dará em direção ao Q de início de sentença.

Resta, no entanto, o problema da agramaticalidade de (26). Aqui temos um caso em que o elemento interrogado não é o agente da passiva, mas o sujeito no momento de aplicação da T-Mov.SN-q. Ora, como essa regra é optativa, seria de se esperar que o sintagma interrogado pudesse permanecer naquela posição. Se isso a contecer, no entanto, teremos uma sentença agramatical. Parece, entretanto, que podemos explicar a agramaticalidade de (26) com base na ação dos filtros superficiais, que impediriam também uma seqüência como que-o-que. Assim sendo podemos manter a análise da T-Mov.SN-q como optativa e pós-cíclica.

4. T-Mov.SN-q X Transporte de Advérbio

Qualquer falante do português aceita os pares de sentenças abaixo:

- (28) a. Fernando chegou ontem.
 b. Ontem Fernando chegou.
- (29) a. Pedro disse que João comprou um carro ontem.
 b. Pedro disse que ontem João comprou um carro.

(28a-b) são sinônimas, assim como (29a-b).⁹ A responsável por esses pares de sentenças é a regra comumente chamada de Transporte de Advérbio (T-Tr.Adv.), e que se caracteriza por aplicar-se ciclicamente, levando o advérbio para o início da oração. Uma evidência de que a T-Tr.Adv. é uma regra cíclica (e optativa) é dada não só pela gramaticalidade de (29a-b), mas principalmente pela agramaticalidade de (30):

(30) *Ontem Pedro disse que João comprou um carro.

Digo que (30) é agramatical se quisermos, com ela, manter a significação dada em (29a-b). Melhor dizendo, se postularmos que (29a-b) originam-se de uma estrutura profunda como

(31) [Pedro dizer [João Pass comprar um carro ontem]]

temos que encontrar uma maneira de explicar a agramaticalidade de (30). Isso será possível se postularmos que a T-Tr.Adv. é uma regra cíclica. Desse modo, o elemento adverbial será levado, no primeiro ciclo, optativamente – cf. (29a) – para o início da oração em que está inserido. Se a T-Tr.Adv. fosse uma regra pós-cíclica, sua aplicação levaria forçosamente o elemento adverbial para o início da sentença matriz, devido às restrições impostas pelo princípio do A-sobre-A. Dessa maneira, esse mesmo princípio estaria contribuindo para a agramaticalidade de uma sentença como (30). Ora, tudo isso é resolvido quando postulamos que a T-Tr.Adv. é uma regra cíclica. Assim explicam-se as sentenças (29a-b) e exclui-se (30).

Outro argumento de que a T-Tr.Adv. é cíclica é que, segundo Ross (1969), essa regra se aplica antes da Pronominalização (para a frente), que é cíclica. De acordo com essa análise, sentenças como (32) e (33) serão gramaticais, enquanto (34) não o será:

(32) Os assaltantes atacaram Jorge_i quando ele_i entrou.

(33) Quando Jorge_i entrou os assaltantes o_i atacaram.

(34) *Quando ele_i entrou os assaltantes atacaram Jorge_i .

O movimento do advérbio tem, no entanto, de ser revisto, conforme esteja ele dentro ou fora do sintagma verbal (SV). Para os objetivos desse trabalho vou apenas sugerir uma análise sobre esse constituinte.

O primeiro ponto da minha proposta é que o advérbio em português movimenta-se para a esquerda, seja ele um advérbio de SV ou um advérbio de fora de SV, como mostram os exemplos de (35a-d) e (36a-b) abaixo:

(35) a. Carlos comprou uma bicicleta ontem.

b. Carlos comprou ontem uma bicicleta.

c. Carlos ontem comprou uma bicicleta.

d. Ontem Carlos comprou uma bicicleta.

(36) a. Sãozinha tirou o livro de português da estante.

b. Sãozinha tirou da estante o livro de português.¹⁰

c. *Sãozinha da estante tirou o livro de português.

d. *Da estante Sãozinha tirou o livro de português.¹¹

Entretanto, a agramaticalidade de (36c-d) me levou a estabelecer uma diferença quanto ao movimento do advérbio. Se se tratar de um advérbio de SV, o movimento será para a esquerda, mas sem ultrapassar os limites de SV. Já o advérbio de fora de SV tem maior liberdade de movimento, justamente por estar fora do sintagma verbal. Outros exemplos comprovam a proposta que acabo de fazer. As sentenças de (37) e (38) contêm advérbio de SV; as de (39), como as de (35), contêm advérbio de fora de SV.

(37) a. A aula durou três horas.

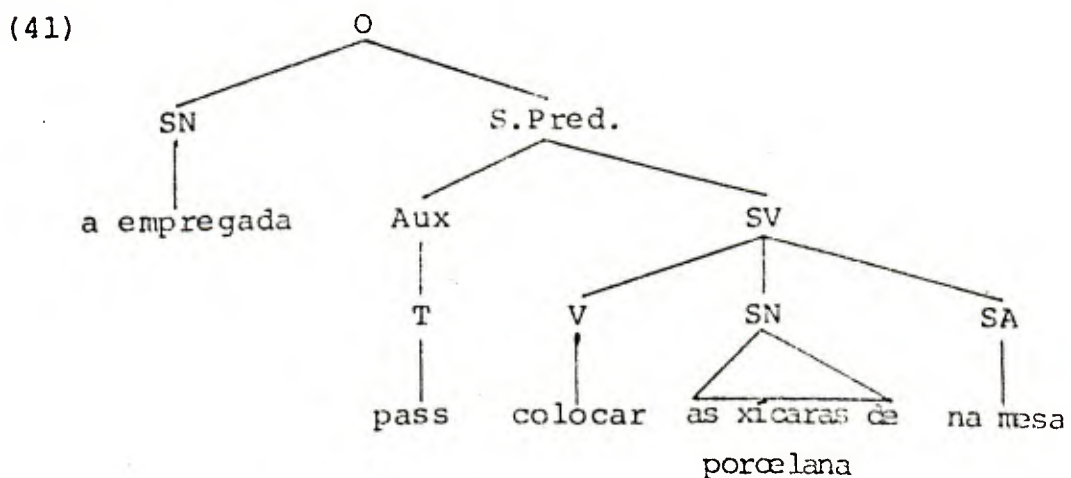
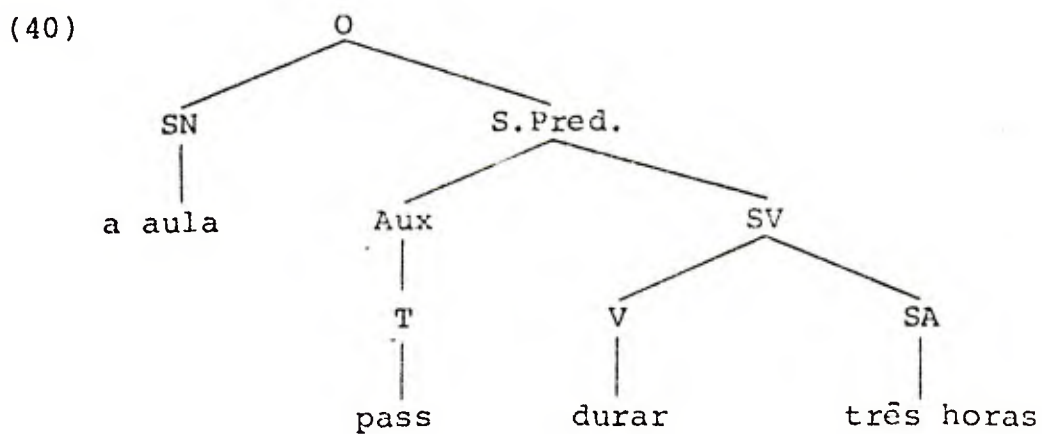
b. *A aula três horas durou.

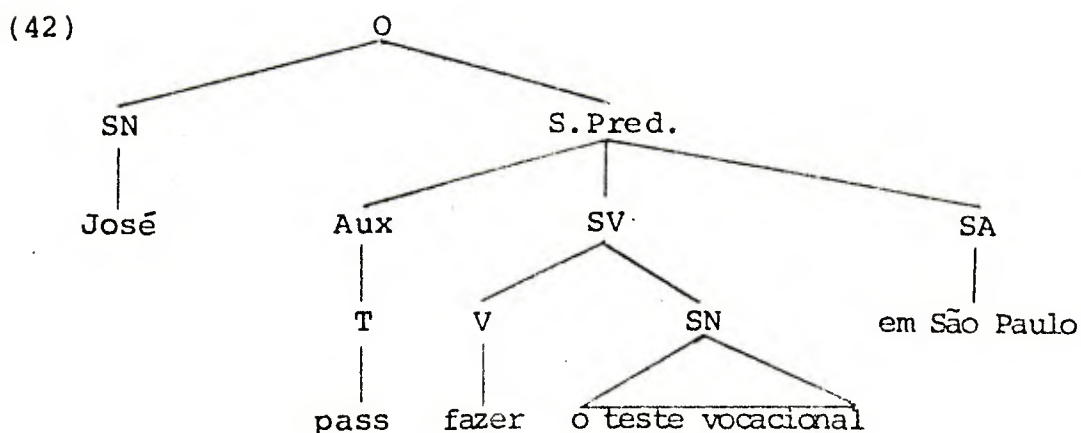
c. *Três horas durou a aula.

- (38) a. A empregada colocou as xícaras de porcelana na mesa.
 b. A empregada colocou na mesa as xícaras de porcelana.
 c. *A empregada na mesa colocou as xícaras de porcelana.
 d. *Na mesa a empregada colocou as xícaras de porcelana.¹²

- (39) a. José fez o teste vocacional em São Paulo.
 b. José fez em São Paulo o teste vocacional.
 c. Em São Paulo José fez o teste vocacional.

Os diagramas (40), (41) e (42) correspondem às estruturas profundas das sentenças de (37), (38) e (39), respectivamente.





Um segundo ponto de minha proposta é o de que os advérbios de fora de SV, movimentando-se para a esquerda, não ultrapassam o limite oracional. Assim, se tivermos um advérbio desse tipo que esteja numa oração subordinada, como ontem na sentença abaixo,

(43) Paulo disse que Maria casou-se ontem.

poderemos movimentá-lo para a esquerda, obtendo, então, (44)

(44) Paulo disse que ontem Maria casou-se.

mas (45) não será gramatical (pelo menos com o significado dado na estrutura profunda de (43)):

(45)*Ontem Paulo disse que Maria casou-se.

Um terceiro ponto irá determinar que um mesmo advérbio (tomado aqui como um mesmo item léxico) poderá ser gerado dentro ou fora de SV. É o caso, por exemplo, dos advérbios geralmente chamados de modo.¹³ No caso de estarem dentro de SV, o movimento não pode ultrapassar esse limite; se, no entanto, esse mesmo advérbio aparece no início da sentença, ou mesmo em outro lugar

fora dos limites de SV (para a esquerda), isso significa que ele foi gerado fora de SV, como é o caso de (46):

- (46) a. Fabiana cuidadosamente fez a prova.
- b. Cuidadosamente Fabiana fez a prova.

Comparando (46) e (47) podemos verificar o que acaba de ser postulado:

- (47) a. O incêndio destruiu o edifício totalmente.
- b. *Totalmente o incêndio destruiu o edifício.

Com outros tipos de advérbio acontece o mesmo, pelo menos num primeiro exame, como se pode ver pelas sentenças dadas anteriormente.

Talvez possamos dizer que as características do movimento dentro da oração constituem um indício sobre a classe a que pertencem os advérbios, ou seja, à classe dos advérbios de SV, ou à dos advérbios de fora de SV.

A necessidade dessa divisão entre advérbios de SV e advérbios de fora de SV se evidenciará se se aplicar à sentença uma regra de Inversão Sujeito/Predicado (ISP) – a qual discutirei mais adiante. Tomemos, por exemplo, sentenças como as de (48):

- (48) a. Várias pessoas morreram no desastre.
- b. Morreram no desastre várias pessoas.
- c. Morreram várias pessoas no desastre.
- d. No desastre morreram várias pessoas.

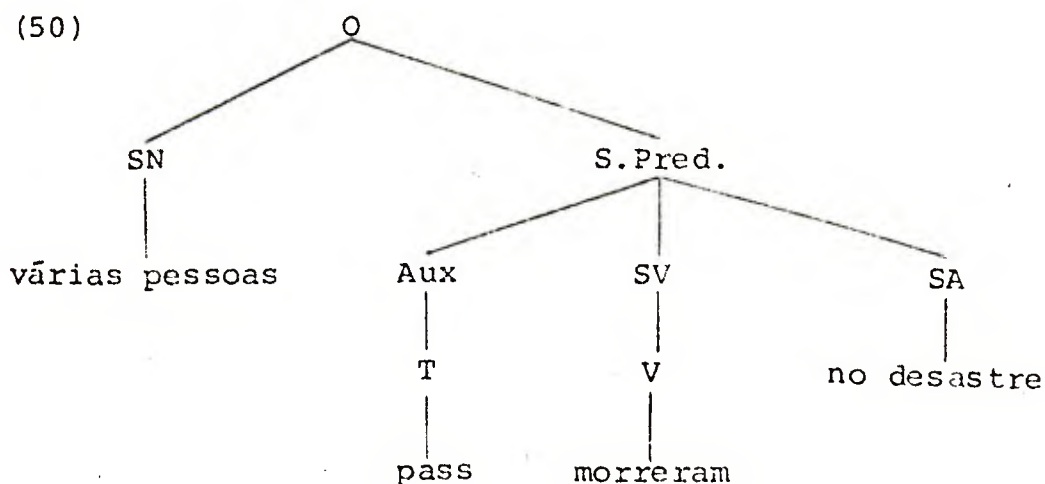
Aplicando a (48a) a ISP – que veremos ser uma regra pós-clíctica, pois é de aplicação posterior à CV que, por sua vez, é pós-clíctica – teremos (48b). Já em (48c) e (48d) foi aplicada, além da ISP, uma regra que movimentou o advérbio. Entretanto, em (48c) não se trata mais da regra de Transporte de Advérbio, de aplica

ção cíclica, uma vez que o movimento aqui se deu depois da aplicação de uma regra p_{ós}-cíclica – a ISP.

Antes de tirar uma conclusão a respeito da regra que aí se aplicou, comparemos as sentenças de (48) com as de (49):

- (49) a. Os vasos de samambaia caíram da escada.
 b. Caíram da escada os vasos de samambaia.
 c.*Caíram os vasos de samambaia da escada.¹⁴
 d.*Da escada caíram os vasos de samambaia.¹⁵

(49c) e (49d) mostram que não se pode aplicar, depois da ISP, uma regra que transporta o advérbio para o início ou para o fim da sentença. Isso porque trata-se de um advérbio de dentro de SV; já nas sentenças de (48) tivemos um advérbio de fora de SV, o que permitiu o movimento para o fim. Ora, isso nos leva a concluir o seguinte – e é esse o quarto ponto da minha proposta: não há somente uma regra que movimenta advérbio, mas duas. Uma será de aplicação cíclica, que continuarei chamando de Transporte de Advérbio, e que aplicar-se-á tanto a advérbios de dentro como aos de fora de SV – respeitadas as condições sobre o movimento, principalmente no caso dos advérbios de SV. Uma segunda regra – a que chamarei de POSPOSIÇÃO DE ADVÉRBIO – de aplicação p_{ós}-cíclica e optativa, aplicar-se-á somente a advérbios de fora de SV. Assim, uma sentença como (48c) será derivada da seguinte maneira, partindo da estrutura profunda (50):



- (51) EP: [várias pessoas Pass morrer no desastre]
 Pulo do Afixo: [várias pessoas morrer + Pass no desastre]
 CV : [várias pessoas morreram no desastre]
 ISP : [morreram no desastre várias pessoas]
 Posp.Adv. : [morreram várias pessoas no desastre]
 ⋮

(48c) Morreram várias pessoas no desastre.

Já a sentença (48d) pode ser explicada em termos da aplicação cíclica do Transporte de Advérbio, como se segue:

- (52) EP: [várias pessoas Pass morrer no desastre]
 Tr.Adv. : [no desastre várias pessoas Pass morrer]
 Pulo do Afixo: [no desastre várias pessoas morrer + Pass]
 CV : [no desastre várias pessoas morreram]
 ISP : [no desastre morreram várias pessoas]
 ⋮

(48d) No desastre morreram várias pessoas.

A derivação acima dará conta, também, de uma sentença como

(53) No desastre várias pessoas morreram.

uma vez que, como veremos mais adiante, a ISP é uma regra optativa.

Resta ressaltar que minha proposta de análise pressupõe que o advérbio é gerado na estrutura profunda conforme as regras da base dadas em Chomsky(1965), e que transcrevo aqui como (54)-- para os advérbios de fora de SV -- e como (55) e (56) para os advérbios de SV.

(54) S.Pred. → Aux SV (Lugar) (Tempo)

(55) SV \longrightarrow V (SN) (S.Prep.) (S.Prep.) (Modo)

(56) S.Prep. \longrightarrow Direção, Duração, Lugar, Frequência, etc.

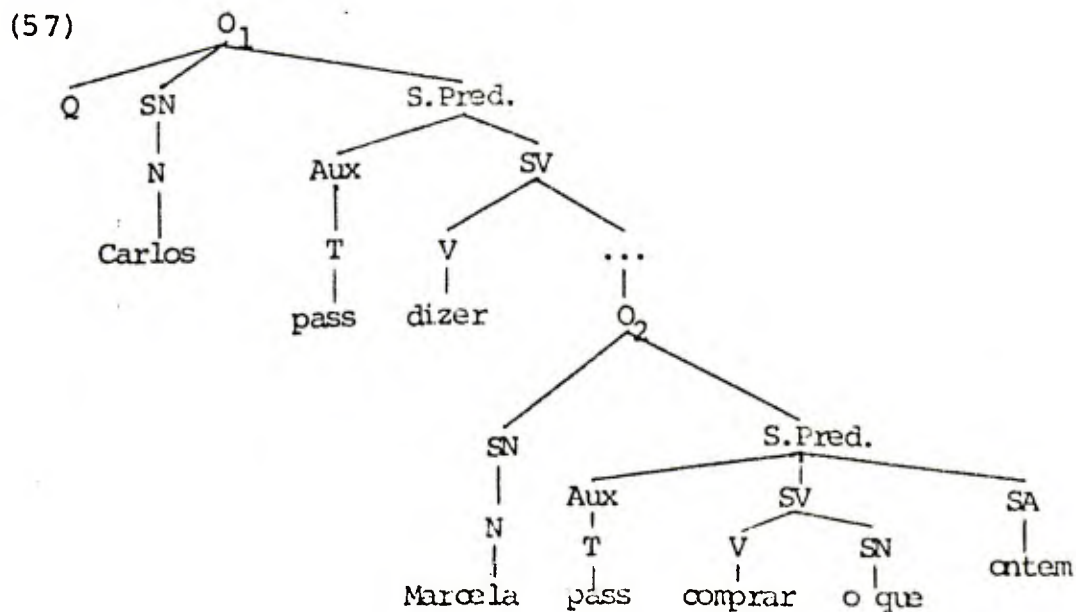
Resumindo: proponho, tendo em vista os objetivos desse trabalho, que o movimento do advérbio em português seja explicado por duas regras. A primeira – Transporte de Advérbio – se aplica tanto a advérbios de dentro quanto aos de fora de SV, é cíclica, optativa, e transporta o advérbio para a esquerda na sentença, respeitadas as condições sobre esse movimento, principalmente no que se refere aos advérbios de SV. A segunda – Posição de Advérbio – é pós-cíclica, optativa, e se aplica somente a advérbios de fora de SV.

Conclusões mais profundas não podem ser aqui apresentadas, uma vez que não é meu objetivo analisar o comportamento do advérbio em português. As considerações que fiz somente têm valor na medida em que o movimento do advérbio se relaciona, de certo modo, com o movimento do sintagma interrogado.

Vejamos, agora, como se comporta a T-Mov.SN-q em relação à T-Tr.Adv.

Para manter a mesma linha de argumentação, vou novamente considerar a hipótese de que a T-Mov.SN-q é cíclica.

Partindo de uma estrutura profunda simplificada como (57) abaixo,



em que, numa mesma oração, há um SN-q (o que) e um advérbio (ontem), ambos podendo ser movidos, vamos estabelecer duas hipóteses quanto à ordem de aplicação das duas regras que ora examinamos.

Primeiramente aplicaremos a T-Mov.SN-q no primeiro ciclo, antes da T-Tr.Adv., também no primeiro ciclo, obtendo a seguinte derivação:

- (58) EP : [Q Carlos Pass dizer [Marcela Pass comprar o que ontem]]
 1º ciclo: 1) T-Mov.SN-q
 [Q Carlos Pass dizer [o que Marcela Pass comprar ontem]]
 2) T-Tr.Adv.
 [Q Carlos Pass dizer [ontem o que Marcela Pass comprar]]

Depois de aplicadas todas as outras transformações necessárias (e que não interessa discutir aqui) teremos derivado a sentença (59):

(59) *Carlos disse que ontem o que Marcela comprou?

A agramaticalidade de (59) é um argumento contra essa primeira hipótese de ordenação das regras de Mov.SN-q e Transporte de Advérbio.

Numa segunda hipótese inverteremos a ordem das transformações, aplicando-as a (57) da maneira abaixo:

- (60) EP : [Q Carlos Pass dizer [Marcela Pass comprar o que ontem]]
 1º ciclo: 1) T-Tr.Adv.
 [Q Carlos Pass dizer [ontem Marcela Pass comprar o que]]
 2) T-Mov.SN-q
 [Q Carlos dizer [o que ontem Marcela Pass comprar]]

(60) dará também origem a uma sentença agramatical, como (61):

(61)*Carlos disse que o que ontem Marcela comprou?¹⁶

Vemos, portanto, que com qualquer ordenação, a hipótese de que as duas transformações são cíclicas é insustentável. Como se trata de transformações optativas, poderíamos, no caso da derivação dada para (61), deixar de aplicar, por exemplo, a T-Mov. SN-q, obtendo, assim, uma sentença gramatical como (62):

(62) Carlos disse que ontem Marcela comprou o que?

Entretanto, o fato de termos obtido (62) não invalida a conclusão de que a segunda hipótese também é falha. Isso porque, no momento em que quiséssemos aplicar a T-Mov. SN-q — e poderíamos fazê-lo — só derivaríamos sentenças agramaticais.

Poderíamos propor uma alternativa de análise, dizendo que as regras são cíclicas, mas que a aplicação de uma bloqueia a aplicação da outra. Desse modo manteríamos a segunda hipótese, por exemplo, dando (61) e (62) como evidências. Mas, nem assim ficaria resolvido o problema. Se não aplicássemos a T-Tr. Adv., poderíamos aplicar a T-Mov. SN-q (que não seria, então, bloqueada) no primeiro ciclo, obtendo (63):

(63) [Q Carlos Pass dizer [o que Marcela Pass comprar ontem]]

Depois de aplicadas as transformações necessárias, obteríamos, dessa forma, (64):

(64)*Carlos disse que o que Marcela comprou ontem?

Se ficarmos com a primeira hipótese, propondo a aplicação

mutuamente exclusiva das duas regras, surgiriam os mesmos problemas. Portanto, qualquer que seja a hipótese adotada, a gramática não só estaria gerando sentenças agramaticais, como também estaria bloqueando sentenças perfeitamente gramaticais como:

(65) O que Carlos disse que ontem Marcela comprou?

Tudo isso nos leva a concluir, mais uma vez, que a T-Mov. SN-q não pode ser uma regra cíclica. Só assim a gramática poderá excluir casos como os de (59), (61) e (64), e descrever sentenças como (62) e (65).

Admitindo a hipótese da T-Mov. SN-q pós-cíclica, essas sentenças serão derivadas como se segue:

(66) EP : [Q Carlos Pass dizer [Marcela Pass comprar o que ontem]]

1ª ciclo: T-Tr.Adv.

[Q Carlos Pass dizer [ontem Marcela Pass comprar o que]]

2ª ciclo: -----

Pós-cíclica: CV

[Q Carlos disse [ontem Marcela comprou o que]]

⋮

(62) Carlos disse que ontem Marcela comprou o que?

(67) EP : [Q Carlos Pass dizer [Marcela Pass comprar o que ontem]]

1ª ciclo: T-Tr.Adv.

[Q Carlos Pass dizer [ontem Marcela Pass comprar o que]]

2ª ciclo: -----

Pós-cíclica: 1) CV

[Q Carlos disse [ontem Marcela comprou o que]]

2) T-Mov. SN-q

[O que Carlos disse [ontem Marcela comprou]]

⋮

(65) O que Carlos disse que ontem Marcela comprou?

Partindo da mesma estrutura profunda poderíamos ainda obter uma sentença como (68),

(68) O que Carlos disse que Marcela comprou ontem?

em que somente se aplicou a T-Mov.SN-q, conforme a derivação (69) abaixo:

(69) EP : [Q Carlos Pass dizer [Marcela Pass comprar o que ontem]]

1ª ciclo: -----

2ª ciclo: -----

Pós-cíclica: 1) CV

[Q Carlos disse [Marcela comprou o que ontem]]

2) T-Mov.SN-q

[O que Carlos disse [Marcela comprou ontem]]

⋮

(68) O que Carlos disse que Marcela comprou ontem?

Já as sentenças (59), (61) e (64) serão agramaticais porque nelas houve a aplicação cíclica da T-Mov.SN-q (juntamente, ou não, com o Transporte de Advérbio).

5. T-Mov.SN-q X Concordância Verbal

Nesse ponto, passemos à análise do comportamento da T-Mov.SN-q em relação a uma regra pós-cíclica. A discussão que se segue tomará como ponto básico o de que existe em português uma regra de Concordância Verbal (CV), de aplicação pós-cíclica. Es

se é, pelo menos, o tratamento dado por Quicoli (1972) e Perini (1977) a essa transformação.

Antes de apresentar minha análise do comportamento da T-Mov.SN-q em relação à CV, vou resumir a proposta apresentada por Perini, que irei rejeitar posteriormente.

Para explicar sentenças como as apresentadas abaixo

- (70) a. "*Vi os cavalos correr."
 b. "Vi os cavalos correrem."¹⁷

- (71) a. "Que cavalos você viu correr?"
 b. "*Que cavalos você viu correrem?"

(72) "Que cavalos você disse que correram?"

(73) "Você viu que cavalos correrem?"¹⁸

Perini procura uma explicação incluindo a aplicação da T-Mov.SN-q (para ele, Movimento de Sintagma Interrogado) antes da CV.¹⁹ Isso explica tanto a gramaticalidade de (71a) como a agramaticalidade de (71b). A sentença (73) seria explicada pelo fato de a T-Mov.SN-q ser optativa. Como essa regra não se aplicou, a CV, no momento de sua aplicação, fez concordar o verbo com o SN que cavalos (o que aconteceu também em relação a correrem de (70b)). Entretanto, essa solução não dá conta da sentença (72), o que leva Perini a tentar, então, a ordem inversa de aplicação dessas duas transformações. O resultado, no entanto, é paralelo ao da primeira proposta: com a aplicação optativa da T-Mov.SN-q depois da CV derivam-se as sentenças (72) e (73), mas não se explicam (71a-b).

Em vista disso, Perini propõe que a T-Mov.SN-q seja uma regra de "pronominalização-sombra" (de acordo com a análise de Perlmutter), regra essa que, ao movimentar o constituinte, deixa no lugar do SN removido um pronome-sombra, que se comporta como qualquer pronome, podendo, portanto, ser cliticizado. Essa

característica da regra permitirá a Perini manter a primeira ordenação - T-Mov.SN-q/CV - e explicar todos os dados. Assim, por exemplo, no momento da aplicação da CV - para se obter (72) - a estrutura seria (74):

(74) [que cavalos você Pass dizer [eles Pass correr]]

A CV poderá aplicar-se também na oração subordinada, já que ali há um sujeito - o pronome-sombra eles, que será depois eliminado pela regra de Supressão de Sombra, dando origem a (72).

No caso de uma sentença como (71a), a estrutura subjacente à aplicação da CV já não terá mais sujeito na subordinada, pois o pronome-sombra já terá sofrido a cliticização, como mostra (75) abaixo:

(75) [que cavalos você Pass ver-os [correr]]

Agora só o verbo ver poderá concordar. Daí, obtém-se (71a).

Com essa análise, não será necessário - como ele mesmo prova - postular duas regras de CV - uma para sentenças com infinitivo, outra para sentenças cujo verbo está num tempo finito.

5.1. Discussão da análise de Perini

A primeira questão que levanto relaciona-se ao fato de que, segundo Perini (e Perlmutter - apud Perini (1977)), o pronome-sombra acaba sendo suprimido pela regra de Supressão de Sombra; "mas, enquanto permanece, ele se comporta como qualquer pronome."²⁰

Isso faz com que pensemos que o pronome-sombra (na função de sujeito) só será eliminado depois da CV. Aliás, é essa a ordenação dada por Perini (1977). Se se mantiver essa ordenação, é de se esperar que o verbo no infinitivo esteja sempre flexionado, como na sentença agramatical abaixo:

(76) *Que alunos você deixou saírem?²¹

Por outro lado, não conseguiremos explicar a sentença

(77) Que alunos você deixou sair?

Ora, se em (77) o verbo sair não sofreu concordância verbal, é porque no momento da aplicação dessa regra já não havia na estrutura qualquer sintagma nominal sujeito. Em outras palavras, isso quer dizer que o pronome-sombra – que "se comporta como qualquer pronome" – não estava na estrutura no momento da CV, o que parece indicar que sua eliminação não pode se dar depois da CV. Se o fosse, a sentença (76) teria que ser gramatical, pois, ao aplicar-se a concordância verbal, a estrutura encontrada seria

(78) [que alunos você deixar+Passado [eles sair]]

Entretanto, para explicar uma sentença como

(79) Que meninos você disse que saíram?

teríamos que ordenar a regra de Supressão de Sombra depois da CV; isso também serviria para eliminar sentenças do tipo de

(80) *Que meninos você disse que sair?

De acordo com essa análise, a derivação de (79) seria:

(81) EP : [Q você Pass dizer [que meninos Pass sair]]

Mov.SN-q: [que meninos você Pass dizer que [eles sair]]

CV : [que meninos você disse que [eles saíram]]

Supr.Sombra: [que meninos você disse que [saíram]]

⋮

(79) Que meninos você disse que saíram?

Com base na nova ordenação - CV/Supressão de Sombra - como fica a análise da sentença (76)? Não seria muito econômico dizer - para impedir (76) - que, para casos em que a oração subordinada tem o verbo no infinitivo, a eliminação do pronome-sombra se dá antes da CV.

Um argumento do Perlmutter a favor da ordenação da regra de Supressão de Sombra depois da CV irá explicar a agramaticalidade de (76) postulando a aplicação da Cliticização do pronome-sombra - já transformado em objeto de deixar por uma regra de Alçamento. Assim, eles se transforma em os; e a CV não mais se aplicará a sair, que não tem sujeito no momento da aplicação dessa regra, como se pode comprovar através da seguinte derivação:

(82) EP : [Q você Pass deixar [que alunos sair]]

Mov.SN-q : [que alunos você Pass deixar [eles sair]]

Alç. : [que alunos você Pass deixar eles [sair]]

Cliticiz.: [que alunos você Pass deixar os [sair]]

CV : [que alunos você deixou-os [sair]]

Para se obter (77) teríamos que aplicar, depois de CV, a Supressão de Sombra. A agramaticalidade de (76), por outro lado, vai dever-se à não aplicação nem do Alçamento (que viria antes da Cliticização) nem da Cliticização, o que fez com que o pronome-sombra permanecesse como sujeito de sair, ocasionando, assim, a concordância desse verbo.

A razão que me leva a rejeitar a solução acima é que teria-

mos que admitir que a Cliticização é obrigatória, uma vez que não teremos uma sentença como (83)

(83)*Que alunos você deixou eles sair? (com Alçamento)

ou mesmo (84)

(84)*Que alunos você deixou eles saírem? (sem Alçamento)

Mas isso não é, ao que me parece, válido em português, pois são gramaticais as sentenças abaixo:

(85) a. Eu vi ele na esquina. (sem Cliticização)
v. Eu vi-o (o vi) na esquina. (com Cliticização)

(86) a. Vendi o carro por um preço muito baixo.
b. Vendi ele por um preço muito baixo. (sem Cliticização)
c. Vendi-o por um preço muito baixo. (com Cliticização)

5.2. Ordenação entre a T-Movimento de SN-q e a CV: proposta definitiva

À vista do que já foi discutido a respeito da inadequação de uma análise que admite pronominalização-sombra para explicar grande parte das sentenças que contêm um sintagma interrogado, e uma vez que não é meu objetivo primeiro o de discutir profundamente o fenômeno da concordância do infinitivo em português (principalmente pelo fato de que os falantes vacilam muito no julgamento de sentenças em que aparece essa forma verbal), proponho que a T-Mov. SN-q

a) não é uma regra de pronominalização-sombra, mas uma simples regra de movimento;

- b) aplica-se, pós-ciclicamente, depois da Concordância Verbal.

5.2.1. Sentenças com infinitivo

Examinemos, agora, sentenças interrogativas diretas em que o SN-q é sujeito de uma oração subordinada com tempo não-especificado, isto é, na EP o tempo é Δ (vazio). Orações desse tipo terão na superfície a forma verbal de uma das maneiras abaixo (conforme é dado em Perini(1977)):

- a) no subjuntivo, se tiver havido inserção do complementizador que; o tempo, no entanto, será determinado pelo tempo do verbo da principal, o que quer dizer que ele é previsível;
- b) no infinitivo, se não tiver havido inserção de complementizador.

No momento só nos interessam os casos em que aparece o infinitivo na superfície, como nos exemplos abaixo:

- (87) a. Maria lamentou quem ter tomado bomba?
b. Quem Maria lamentou ter tomado bomba?

- (88) a. O diretor deixou quem sair?
b. Quem o diretor deixou sair?

A derivação das sentenças b dos pares acima, levada a efeito de acordo com a minha proposta, não apresentará problemas. A T-Mov.SN-q, pós-cíclica, pode aplicar-se depois da CV, como se pode verificar a seguir:

(89) EP : [Q Maria Pass lamentar [quem Δ ter-do tomar bomba]]

1ª ciclo: -----

2ª ciclo: -----

Pós-cíclicas: 1) CV (com a aplicação prévia do Pulo dos Afixos)

[Q Maria lamentou [quem ter tomado bomba]]

2) T-Mov.SN-q

[quem Maria lamentou [ter tomado bomba]]

⋮

(87b) Quem Maria lamentou ter tomado bomba?

Se invertermos a ordem de aplicação das regras - ou seja , se a T-Mov.SN-q aplicar-se antes da CV - o resultado será o mesmo, como evidencia a derivação (90):

(90) EP : [Q Maria Pass lamentar [quem Δ ter-do tomar bomba]]

1ª ciclo: -----

2ª ciclo: -----

Pós-cíclicas: 1) T-Mov.SN-q

[quem Maria Pass lamentar [Δ ter-do tomar bomba]]

2) CV (depois da aplicação do Pulo dos Afixos)

[quem Maria lamentou [ter tomado bomba]]

⋮

(87b) Quem Maria lamentou ter tomado bomba?

A derivação de (89b) seguirá os mesmos procedimentos usados para (87b).²²

Torna-se necessário um comentário sobre (87a). Comparando essa sentença com (91b)

(91) a. Você lamentou terem derrubado que edifício?

b.*Você lamentou que edifício terem derrubado?

veremos que as razões da gramaticalidade de (87a), frente à agramaticalidade de (91b), se prendem ao fato de a T-Mov.SN-q não ser uma regra cíclica.

Examinemos mais detalhadamente a questão. A estrutura profunda, abreviada, de (91a-b) é (92):

(92) [Q você Pass lamentar [Δ ter derrubado que edifício]]

Aplicando ciclicamente a T-Mov.SN-q, o SN-q que edifício será levado para o início de O₂. Posteriormente será feita a CV, dando origem, assim, à estrutura agramatical (91b).

Ora, um exame da estrutura profunda de (87a), ou seja, (93)

(93) [Q Maria Pass lamentar [quem ter-do tomar bomba]]

irá mostrar que aqui o SN-q é o sujeito da oração subordinada. A posição desse SN-q no início da oração se deve não à aplicação cíclica da T-Mov.SN-q, mas à função desse constituinte, o que não é o caso de que edifício na sentença (91b).

Vemos que os dados estão em harmonia com a análise da T-Mov.SN-q como regra pós-cíclica.

Voltando à questão inicial, devo dizer que aparentemente as sentenças de (87a-b) e (88a-b) não fornecem evidência quanto à ordenação entre a CV e a T-Mov.SN-q, que poderia ser invertida sem prejuízo da gramaticalidade das sentenças. Entretanto, é necessário observar que os SNs-q dos exemplos citados estão ambos no singular. Ao analisarmos casos em que o SN-q sujeito é plural, a aparente simplicidade se desfaz.

Tomemos uma sentença como

- (94) a. Biba deixou que meninos pularem o muro?
b. Que meninos Biba deixou pular o muro?

cuja estrutura profunda é, aproximadamente, (95):

(95) [Q Biba Pass deixar [que meninos Δ pular o muro]]

Ao aplicarmos a (95) só a CV – já que a T-Mov.SN-q é optativa em português – obteremos (94a). Se, entretanto, quisermos depois aplicar essa transformação à estrutura apresentada em (94a) obteremos (96), e não (94b):

(96) *Que meninos Biba deixou pularem o muro?

Além de termos derivado uma sentença agramatical como (96), não explicamos (94b), que é gramatical. É bom lembrar que minha análise postula que a T-Mov.SN-q aplica-se depois da CV.

Já tive oportunidade de mencionar o fato de que o julgamento dos falantes sobre a gramaticalidade de sentenças com infinitivo não é seguro em todos os casos.²³ Não vou, portanto, me aprofundar no exame do infinitivo, porque não há razão para crer que a T-Mov.SN-q seja diferente para casos de infinitivo e para casos de sentenças com verbos em tempos finitos. A existência de sentenças gramaticais como as de (97) – com SN-q –

- (97) a. O diretor mandou que funcionários fizessem o serviço?
 b. O diretor mandou que funcionários fazer o serviço?

e como as de (98) – sem SN-q –

- (98) a. "Eles ouviram os ladrões saírem do banco."
 b. "Eles ouviram os ladrões sair do banco."²⁴

Indica-nos que o problema da CV em sentenças interrogativas não

está diretamente ligado ao movimento do sintagma interrogado. A inversão da ordem de aplicação da CV e da T-Mov.SN-q, e o tratamento dessa última como uma regra de pronominalização-sombra não constituem, como já vimos, uma análise suficientemente adequada para o fato, pois, mesmo quando não há o movimento do SN-q, como em (97a-b) – e, portanto, não se pode dizer que exista o pro nome-sombra, ponto de referência para a CV, na análise de Perini (1977) – o problema em relação à CV continua a existir.

À vista desses fatos, mantenho minha proposta de que a T-Mov.SN-q é uma regra pós-cíclica, aplicando-se depois da CV.

5.2.2. Sentenças com tempo finito

Uma vez estabelecida a ordem de aplicação entre a CV e a T-Mov.SN-q, passemos à discussão de sentenças em que o SN-q é sujeito de uma oração subordinada com verbo em tempo finito.²⁵

De acordo, portanto, com a minha proposta, a derivação da sentença (99)

(99) Que pessoas você disse que chegaram tarde?

será a seguinte:

(100) EP : [Q você Pass dizer [que pessoas Pass chegar tarde]]

1ª ciclo: -----

2ª ciclo: -----

Pós-cíclicas: 1) Pulo dos Afixos

[Q você dizer-Pass [que que pessoas chegar+Pass tarde]]

2) CV

[Q você disse [que que pessoas chegaram tarde]]

3) T-Mov.SN-q

[que pessoas você disse [que chegaram tarde]]

⋮

(99) Que pessoas você disse que chegaram tarde?

Um problema surge nessa derivação. Postulei, anteriormente, que a T-Mov.SN-q é uma regra optativa em português. Seria de se esperar, então, que ela pudesse deixar de se aplicar na derivação acima, depois da CV. Isso, entretanto, daria origem a uma sentença agramatical como

(101) *Você disse que que pessoas chegaram tarde?

Para resolver isso, poderíamos postular que, em certas situações, a T-Mov.SN-q é obrigatória. Desse modo, explicaríamos satisfatoriamente (99) e excluiríamos (101).

Entretanto, já ficou comprovada a ocorrência de um SN-q no início da oração subordinada, como, por exemplo, no caso das sentenças com infinitivo - (87a), (88a), (94a), (97a), etc. - evidenciando, assim, o caráter opcional da regra.

Há, no entanto, um detalhe em (101) que é evidenciado também em outros tipos de sentenças, que não interrogativas: é o a parecimento da seqüência que-que.

(102) *João disse que que Pedro beba todos os dias incomoda o vizinho.

(103) " *Fabiano crê que que João é um palerma é sabido por todos. " ²⁶

A rejeição de (101), (102) e (103) é atribuída à presença da seqüência superficial que-que. Como solução, podemos adotar uma proposta também de Perini, impondo uma restrição superficial - o "Filtro que-que" - que irá excluir todas as sentenças que tiverem em sua forma superficial aquela seqüência. No caso específico de (101), não precisamos, portanto, de impor uma condição de obrigatoriedade à regra de Mov.SN-q. Deixaremos que a sentença seja derivada normalmente, para ser, depois, excluída, se for o caso, pelo Filtro de que-que.

5.2.3. Proposta de ampliação do Filtro de Que-Que

Tomando, novamente, uma sentença como (26)

(26) *Você disse que o que foi feito por Maria?

ou mesmo outra como (104)

(104) *Você disse que quem rasgou seu livro?

vamos observar que aparecem aí outras seqüências - que-o que , que-quem - que nos levam a pensar em uma reformulação do Filtro de Que-Que de modo a abranger vários tipos de seqüências, e não somente que-que. A agramaticalidade das sentenças acima não pode ser atribuída, como já vimos anteriormente, à T-Mov.SN-q, já que ali essa transformação não se aplicou. Em outras palavras , os SNS-q o que - em (26) - e quem - em (104) - estão no início da oração subordinada por serem sujeitos, e não por terem sido movidos para essa posição pela T-Mov.SN-q.

Assim sendo, proponho a seguinte ampliação do Filtro de Que-Que (que mantereí com esse nome):

(105) Marcar como agramaticais

a) a seqüência que-que

b) as seqüências que-o que, que-quem, quando o segundo elemento for um SN-q.

A condição dada em b) de (105) dará conta da gramaticalidade de de sentenças como (106) e (107) -

(106) Ela disse que o que ela comeu ontem fez mal.

(107) José avisou que quem chegasse tarde seria expulso do time.

- em que o segundo elemento das seqüências não é um SN-q.

Já a condição a) dará conta não só dos casos em que o 2º elemento que é um complementizador, como em (102) e (103), mas também quando ele é o Determinante de um SN-q, como em (101):

(101) *Você disse que que pessoas chegaram tarde?

(102) *João disse que que Pedro beba todos os dias incomoda o vizinho.

(103) " *Fabiano crê que que João é um palerma é sabido por todos."

N O T A S

1. Apud Postal(1970), *op.cit.*, p.454.
2. Todos os exemplos de (2) foram retirados de Postal(1970), *op.cit.*, p.455. A posição da preposição "to" na sentença (2e) parece-me estranha, pois não temos aí um início de oração, como acontece nos outros casos (cf.(2c) e (2d)). No entanto, a frase está transcrita como no original.
3. Segundo Postal(1972), *op.cit.*, Chomsky fez essa sugestão durante um curso em 1969.
4. Os exemplos (10) e (11) foram transcritos de Quicoli(1972), *op.cit.*, p.8. A numeração, no entanto, é minha.
5. Em todas as derivações que serão apresentadas no presente trabalho, estarei pressupondo que os complementizadores são introduzidos por transformação, sem, no entanto, me preocupar com maiores detalhes sobre o momento em que essa regra se aplica.
6. A estranheza de (20a) pode estar relacionada com a relativa estranheza de frases como (i) frente a (ii):

(i)?Que ela sofre da vista é evidente. (não extraposta)

(ii) É evidente que ela sofre da vista. (extraposta)

Embora (i) não seja agramatical, é pior do que (ii). Lungendoen (1970) atribui isso a problemas de desempenho. (i) seria totalmente gramatical, mas de aceitabilidade um tanto baixa por causa da dificuldade que temos em processar subordinações à esquerda.

7. Não coloquei, entre as transformações que se aplicam na derivação de (20a), a CV para não levantar agora uma questão que

será abordada mais adiante no capítulo. Trata-se da ordenação dessa regra em relação à T-Mov.SN-q.

8. Estou adotando a hipótese de que o verbo ser é introduzido por transformação em algum momento da derivação (antes da CV).
9. Essas sentenças são sinônimas no que diz respeito às relações temáticas estabelecidas por Jackendoff(1972) – e sobre as quais terei oportunidade de falar no capítulo 3. Entretanto, há entre elas diferenças de foco, por exemplo; essas, no entanto, não serão consideradas aqui.
10. Uma alternativa seria dizer que em (36b) aplicou-se a Posposição de Objeto.
11. Essa sentença pode ser gramatical num contexto como, por exemplo, de (i) abaixo –

(i) Da estante, Maria tirou o livro de português; da gaveta, ela tirou o caderno.

– isto é, em casos de Topicalização.

12. Cf. nota 11.
13. Saraiva (em preparação) considera como advérbio de modo só o que é gerado dentro de SV.
14. Essa sentença pode ser considerada gramatical desde que o constituinte da escada faça parte do SN-sujeito. Em outras palavras, ela só seria gramatical na medida em que decorresse da aplicação da ISP à estrutura (i):

(i) Os vasos de samambaia da escada caíram.

15. Cf. nota 11.

16. A agramaticalidade de (61) pode ser também atribuída à ação do Filtro Superficial, devido à presença de uma seqüência como que-o-que.
17. Essas sentenças são do Perlmutter, apud Perini (1977), p. 72. É importante ressaltar que (70a) será, depois, considerada gramatical por Perini, do mesmo modo que (i):
- (i) "Eles ouviram os ladrões sair do banco." (Perini (1977), op. cit., p. 87)
18. Os exemplos de (71)-(73) foram extraídos de Perini (1977), op. cit., p. 72-73, 80. A numeração, no entanto, é minha.
19. Apesar de Perini não fazer nenhuma menção direta ao fato, ele parece considerar a T-Mov. SN-q uma regra cíclica.
20. Perini (1977), op. cit., p. 74.
21. Minha análise difere da de Perini (1977) quanto à estrutura profunda de sentenças com verbos como deixar, mandar, ouvir, etc., que dou como (i) abaixo -

(i) [alguém_i deixar [alguém_j fazer alguma coisa]]

- ao passo que ele parte de estruturas subjacentes do tipo

(ii) [alguém_i deixar alguém_j [alguém_j fazer alguma coisa]]

22. É importante ressaltar um fato implícito nas derivações propostas para (87b). É que pode ou não haver concordância do infinitivo. O que acontece é que na primeira derivação - ou seja, (89) - houve a CV com um sujeito de 3a. pessoa do singular, o que justifica a forma superficial ter. Já na derivação (90), essa regra não pôde aplicar-se devido à ausência

do sujeito no momento de sua aplicação, dando, portanto, origem à forma superficial ter de infinitivo impessoal – que no caso coincide com o infinitivo pessoal da derivação (89).

23. Para muitos falantes, por exemplo, é agramatical uma sentença como (i)

(i)*Que ladrões a polícia lamentaria fugir da prisão?

em que não houve a concordância do infinitivo, enquanto outra como (ii), em que ocorre o mesmo fato, é tida como gramatical:

(ii) Que meninos Sãozinha mandou sair da sala?

Muitas vezes dá-se o contrário. Nos grupos abaixo, por exemplo, as sentenças b – com infinitivo flexionado – são consideradas melhores que as sentenças c:

- (iii) a. O técnico propôs que jogadores ficassem na seleção?
 b. Que jogadores o técnico propôs ficassem na seleção?
 c.?Que jogadores o técnico propôs ficar na seleção?

- (iv) a. João deixou que médicos examinassem seu filho?
 b. Que médicos João deixou examinar seu filho?
 c.?Que médicos João deixou examinar seu filho?

24. Ferini (1977), op. cit., p. 87.

25. É bom lembrar que a forma verbal finita na superfície tem origem, segundo Ferini (1977), a) ou numa sentença com tempo especificado na estrutura profunda ou b) numa

sentença com tempo não-especificado, e na qual houve a inserção do complementizador que. Nesse caso, o verbo fica no subjuntivo, e o tempo é previsível a partir do tempo do verbo da oração principal.

26. Quicoli (1972), apud Perini (1977), op.cit., p. 144.

CONDIÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DE SN-q

1. Sentenças com um único SN-q

Vamos, agora, examinar como se dá o movimento do sintagma interrogado dentro da sentença. Já vimos, anteriormente, que a regra responsável pela mudança operada em sentenças que contêm SN-q é optativa em português, e de aplicação pós-cíclica. Resta, entretanto, verificar em que condições se dá esse movimento; em outras palavras, trata-se de verificar para que lugar da sentença será levado o SN-q, caso a regra de movimento se aplique.

Para maior facilidade na apresentação dos fatos, dividirei as sentenças conforme o SN-q seja sujeito ou tenha qualquer outra função dentro da oração. Deixarei, no entanto, para o final o exame do movimento de SN-q em função de sujeito, por ser essa função um pouco mais problemática para a análise que estou propondo.

1.1. SN-q com função de objeto

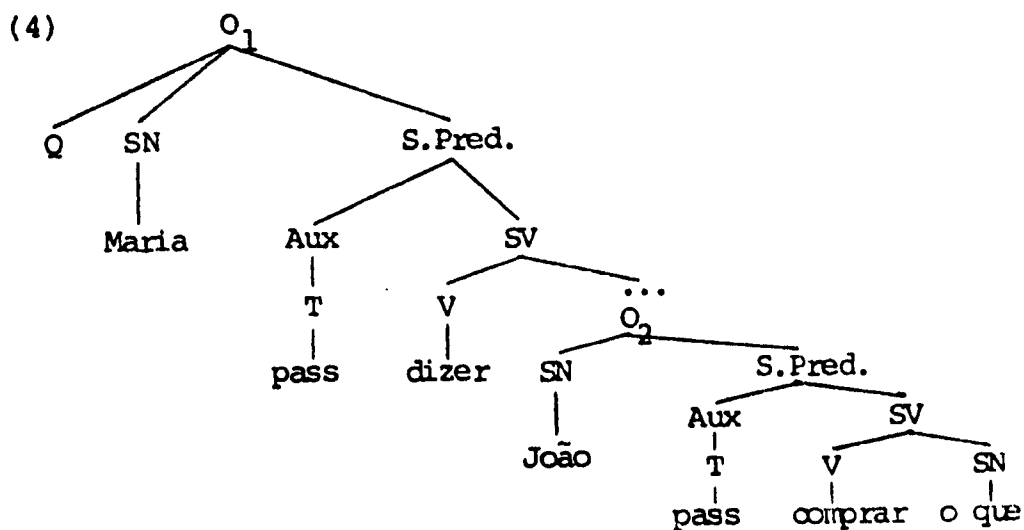
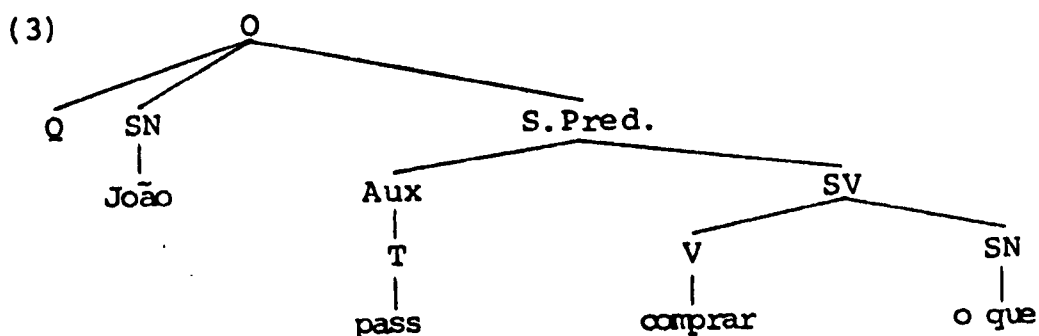
Observemos, inicialmente, as sentenças abaixo:

- (1) a. João comprou o quê?
b. O que João comprou?

- (2) a. Marta disse que João comprou o quê?
b. O que Marta disse que João comprou?

(1b) e (2b) são evidência de que existe a regra de movimento de SN-q em português, que aqui se aplicou transportando o SN-q objeto para o início da oração, antes do sujeito.

Atribuindo às sentenças de (1) e (2) as estruturas profundas (3) e (4), respectivamente,



veremos que (1b) e (2b) indicam que a regra se aplicou da maneira descrita acima. No caso de (2b), já vimos anteriormente que a gramaticalidade da sentença só será atingida com a aplicação pós-cíclica da regra, uma vez que (5) não existe em português:

(5) *Marta disse que o que João comprou?

Assim sendo, também em (2b) o SN-q objeto da oração subordinada foi transportado para o início de O_1 , que é o nódulo que domina a marca de interrogativa - o morfema Q - e não O_2 .

Comparando as sentenças a e b de (1) e (2) fica também evidenciado o caráter opcional da regra. Entretanto, embora seja

optativa, tentarei provar, nos parágrafos que se seguem, que ela determina o lugar para o qual o SN-q será movido.

Primeiramente, examinemos a direção em que o movimento pode se dar. Já vimos, com (1b) e (2b), que ele pode ser efetuado para a esquerda. Entretanto, a agramaticalidade de (6) e (7) constitui evidência de que, mesmo movendo-se para a esquerda, não é possível a ocorrência do SN-q objeto entre o sujeito e o verbo:

(6) *João o que comprou?

(7) *Maria que livro leu?

É interessante observar que, mesmo que o objeto da sentença não fosse um SN-q, ele não poderia ser colocado entre o sujeito e o verbo:

(8) *João o livro comprou.

Nesse ponto vale a pena ressaltar que a movimentação do SN-q tem semelhanças com a Topicalização. Primeiramente, o SN movido vai para o mesmo lugar nos dois casos:

- (9) a. O livro, João comprou.
 b. *João o livro, comprou.
 c. *Maria disse que o livro, João comprou.
 d. O livro, Maria disse que João comprou.

Em segundo lugar, o padrão de entonação é semelhante também nos dois casos:

- (10) a. Que livro ele comprou?
 b. O livro, ele comprou.

Em (10a-b) tanto o SN-q movido quanto o SN topicalizado se caracterizam por um tom mais alto. A diferença entre (10a) e (10b) deve provir de que em (10a) há superposição de uma entonação interrogativa à entonação "topicalizada".

Finalmente, as conseqüências para a interpretação superficial de foco e pressuposição são parecidas:

(11) a. Que livro ele comprou?

(Pressuposição: ele comprou um livro)

b. O livro, ele comprou.

(Pressuposição: ele comprou alguma coisa)

Vimos, no capítulo 2, que o foco de uma sentença interrogativa de SN recai sobre o SN-q, sendo que o resto é pressuposto. Do mesmo modo, quando um constituinte é topicalizado, o foco recai sobre esse constituinte, como é o caso do SN o livro em (11b).

Os dados acima nos levam a concluir, provisoriamente, que a regra, ao movimentar o SN-q para a esquerda, só poderá levá-lo para o início de O_1 . (Coloco O_1 para o caso de haver mais de um O , como na sentença (5) acima).

Observemos, agora, sentenças como:

(12) a. João comprou o que ontem?

b. O que João comprou ontem?

c. *João o que comprou ontem?

d. João comprou ontem o quê?

A sentença (12c) vem também comprovar o que foi dito acima. Temos, entretanto, um dado novo em (12d), que parece indicar que o movimento do SN-q também pode se dar para a direita. Apesar disso, creio que, nesse caso, o que se deu foi o transporte do advérbio - que, como já vimos no capítulo anterior, é uma regra que transporta o advérbio para a esquerda - e não o movimento de SN-q. Com a aplicação da T-Tr.Adv. aconteceu de o SN-q

objeto ficar no final de O.

O mesmo se dá, por exemplo, se o objeto não for um SN-q: ao ser aplicada a T-Tr.Adv., o sintagma objeto fica, conseqüentemente, no final, como em (9b):

- (13) a. João comprou o livro ontem.
b. João comprou ontem o livro.

Mais um exemplo vem comprovar que, quando o SN-q aparece no final da sentença, não foi resultado da aplicação da T-Mov.SN-q para a direita, mas uma conseqüência da aplicação de outra regra:

- (14) a. Felipe deu o que ao irmão?
b. Felipe deu ao irmão o quê?
c. Felipe deu uma bola ao irmão.
d. Felipe deu ao irmão uma bola.

Poderíamos, num primeiro exame, pensar que em (14b) houve o movimento de SN-q para a direita. Entretanto, se o objeto não é um SN-q, como em (14c), é possível também transportá-lo para o final da sentença, o que aconteceu em (14d). Ora, o que temos aí é um caso de inversão de objeto direto e indireto (ou posposição de objeto), muito comum em português. Creio, portanto, que a posição do SN-q o que em (14b) não é devida à aplicação da T-Mov.SN-q para a direita, mas é uma conseqüência da ação de outra regra.

Voltemos, agora, à discussão das características do movimento para a esquerda. No exemplo (12a) temos um SN-q objeto seguido de um adverbial:

- (12a) João comprou o que ontem?

Como vimos anteriormente, existe, em português, uma regra de Trans

porte de Advérbio, que pode levar o adverbial para a posição inicial de sentença, entre outras posições:

(15) Ontem João comprou o quê?

É importante lembrar que de (12a) poderíamos obter (12b), com a aplicação da T-Mov.SN-q

(12b) O que João comprou ontem?

ou (12c), com a aplicação do Transporte de Advérbio (para outra posição na oração)

(12c) João comprou ontem o quê?

ou ainda (16), com a aplicação das duas transformações acima mencionadas:

(16) Ontem o que João comprou?

Entretanto, mesmo aplicando aquelas transformações, não poderemos obter (17):

(17)*O que ontem João comprou?

Poderíamos pensar que a agramaticalidade de (17) fosse devida à ordem errada de aplicação das regras. Já vimos, no capítulo anterior, que a T-Mov.SN-q é uma regra pós-cíclica. Quanto ao Transporte de Advérbio, não faria diferença, para os objetivos dessa discussão, ser uma regra cíclica ou pós-cíclica. Entretanto, parece que o Transporte de Advérbio tem de aplicar-se

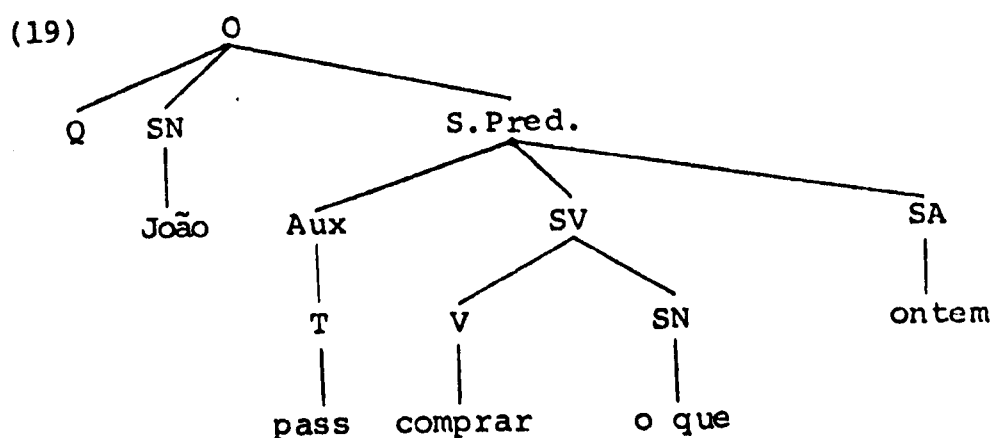
antes do movimento de SN-q porque, por ser uma regra que transporta o advérbio para vários lugares na sentença, essa é a única maneira de evitar que ele ocorra entre o SN-q do início e o sujeito da oração. Observe-se, por exemplo, a ocorrência do advérbio nas sentenças abaixo:

- (18) a. Eu comprei um vestido lindo ontem.
 b. Eu comprei ontem um vestido lindo.
 c. Eu ontem comprei um vestido lindo.
 d. Ontem eu comprei um vestido lindo.

Ora, se nas sentenças acima o advérbio pôde ser transportado para a frente de qualquer um dos constituintes principais - SN-objeto, V, SN-sujeito - como impedir que ele ocorra na frente do sujeito, entre esse e o SN-q, como em (17)?

Uma solução para impedir que (17) seja gerada será postular que o Transporte de Advérbio (cíclico ou não) se aplica antes do movimento de SN-q. Examinemos mais detalhadamente a questão.

Se aplicarmos a (19), estrutura profunda das sentenças (12a-c), (15) e (16) acima,



primeiramente o Transporte de Advérbio, teremos (15):

- (15) Ontem João comprou o quê?

Aplicando, em seguida, a T-Mov.SN-q, era de se esperar que tivéssemos (17), pois o SN-q seria levado para o início de O. Entretanto, (17) é agramatical; (16) não o é, o que sugere que o SN-q não tem que ser levado só para o início de sentença, mas poderá ocupar outras posições, desde que movido para a esquerda. Se assim for, continua a existir o problema com relação a (17). Por que o SN-q, ao aparecer ali em primeiro lugar, causou agramaticalidade?

Anteriormente foram apresentadas evidências de que o SN-q só poderia ficar em início de sentença, como no caso de (6) e (7), que repito aqui:

(6) *João o que comprou?

(7) *Maria que livro leu?

Ora, em (16)

(16) Ontem o que João comprou?

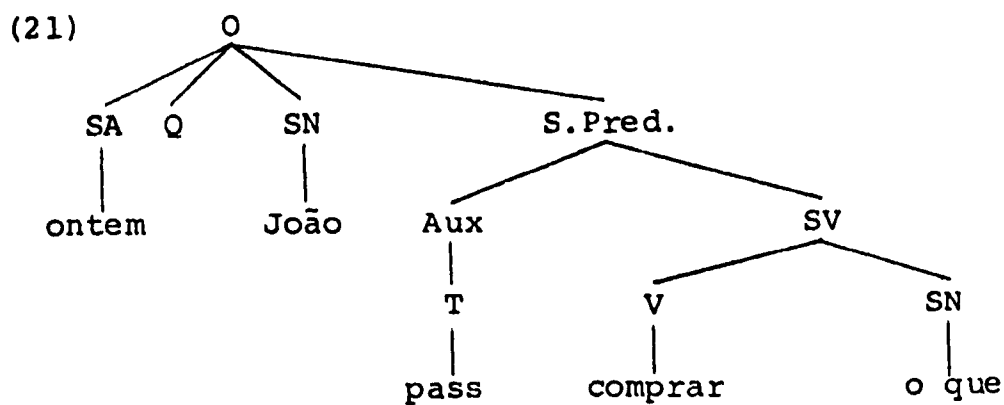
o SN-q não está em posição inicial e, no entanto, a sentença é gramatical; já com (17) deu-se exatamente o contrário. O mesmo fenômeno pode ser observado em sentenças cujo adverbial é uma oração:

- (20) a. Joana fez o que quando viu a casa em chamas?
 b. O que Joana fez quando viu a casa em chamas?
 c. Quando viu a casa em chamas o que Joana fez?
 d. Quando viu a casa em chamas Joana fez o quê?
 e. *O que quando viu a casa em chamas Joana fez?

(20e) é paralela a (17). Poder-se-ia, entretanto, argumentar que a agramaticalidade de (20e) se deve à presença de uma seqüência como que-quando, que seria rejeitada pelos falantes do

mesmo modo que a seqüência que-que . Não obstante, em (17) não há seqüência desse tipo e, ainda assim, a sentença é agramatical.

A solução que me parece mais adequada para o problema é postular que o SN-q só pode ser movido para a esquerda, em direção ao morfema Q, sem ultrapassá-lo. Melhor seria dizer, como faz Baker(1970), que o SN-q movido substitui o Q de início de sentença. Dessa maneira estará explicada a agramaticalidade de (17): é que, com a aplicação do Transporte de Advérbio, a estrutura ficou como mostra o diagrama abaixo:



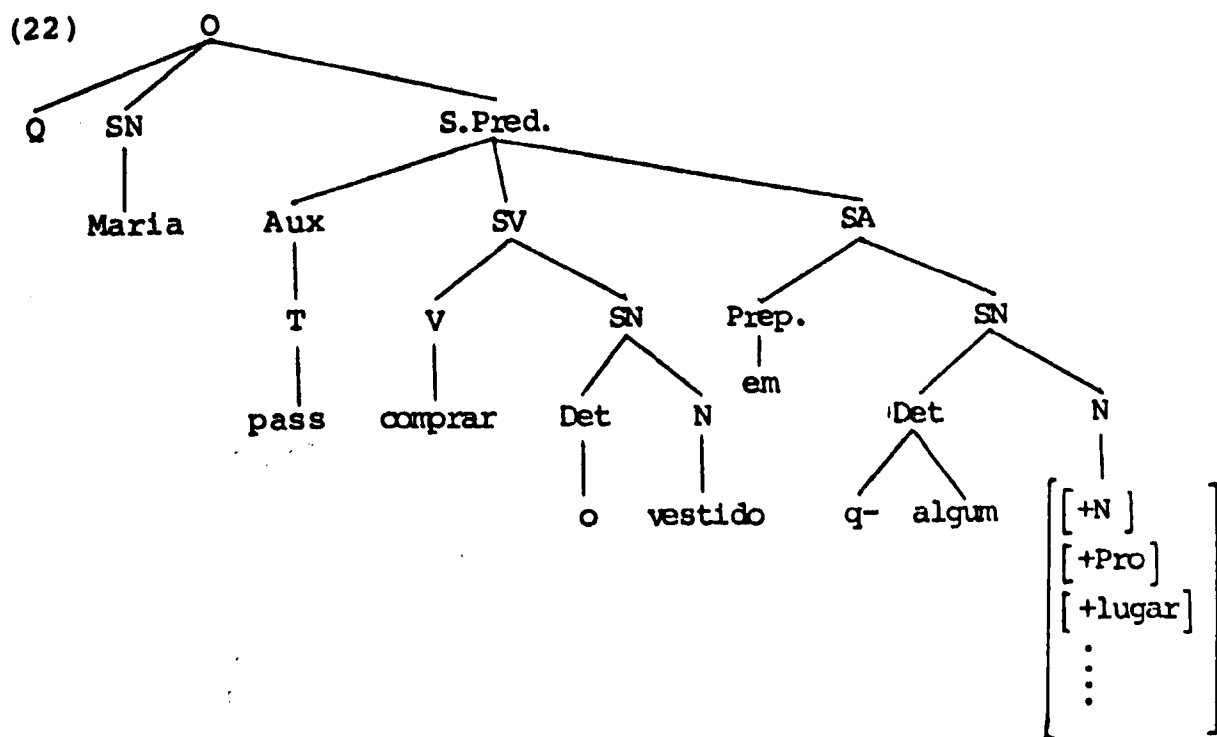
No momento da aplicação da T-Mov.SN-q o SN o que só poderá ir para onde estiver o Q, e não para o início da sentença. Dessa maneira fica também explicada a gramaticalidade de (16).

No caso de o adverbial ser uma oração, a análise será mantida. (20e) é agramatical pelas mesmas razões que fizeram de (17) uma sentença agramatical.

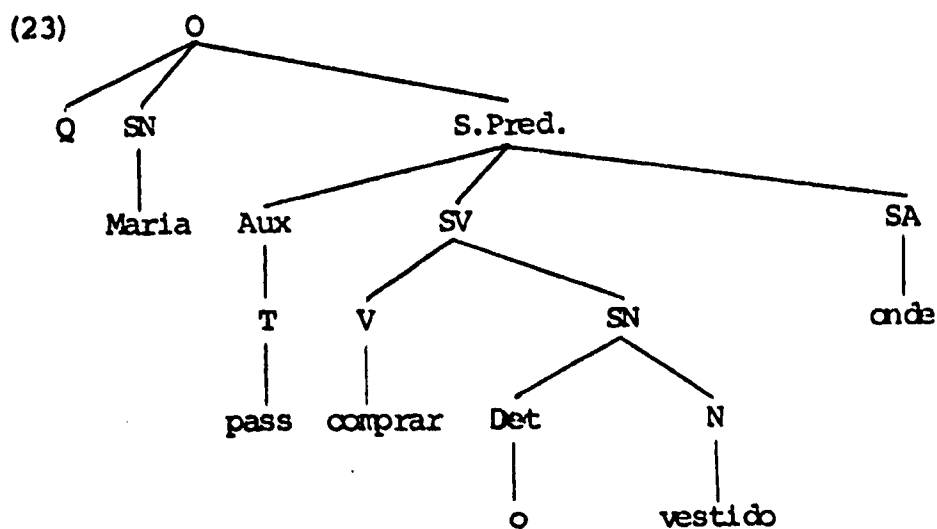
1.2. SN-q como constituinte de um Sintagma Adverbial

Vejamos, agora, o que ocorre quando o SN-q faz parte de um sintagma adverbial.

De uma estrutura profunda como (22) abaixo



e que, para efeito da discussão, será simplificada para (23)



podemos obter, pela aplicação optativa da T-Mov.SN-q, as seguintes sentenças:

- (24) a. Maria comprou o vestido onde?
- b. Onde Maria comprou o vestido?

(24b) constitui evidência de que o movimento se deu para

a esquerda. Entretanto, isso não bastaria para provar que o SN-q tem que ficar no início, uma vez que (25) é gramatical em português:

(25) Maria comprou onde o vestido?

ao mesmo tempo em que (26) não o é:

(26) *Maria onde comprou o vestido?

Uma explicação possível para (25) e (26) seria dizer que o SN-q, com função adverbial, pode mover-se para a esquerda, desde que não fique entre o sujeito e o verbo. Acontece, porém, que se o adverbial não for um sintagma interrogado, sua ocorrência nessas posições dará sentenças perfeitamente gramaticais, como se pode ver principalmente em (27b) (ou mesmo em sentenças dadas anteriormente):

- (27) a. Maria viu ontem um desastre horrível.
b. Maria ontem viu um desastre horrível.

Ora, o fato de ser interrogado é que faz com que um adverbial não possa ocorrer entre o sujeito e o verbo. Isso nos leva, uma vez mais, a acreditar que o movimento se dá realmente em substituição ao morfema Q, esteja ele logo no início da sentença, ou não, como já vimos no caso da sentença (16)

(16) Ontem o que João comprou?

à qual subjaz a estrutura (21), que repito aqui como (28):

(28) [ontem Q João Pass comprar o que]

que resultou da aplicação prévia do Transporte de Advérbio.

(27a) poderá ser perfeitamente explicada dentro da análise que está sendo proposta, já que ali não se aplicou a T-Mov.SN-q – por não existir nenhum SN-q – não havendo, portanto, a descrição estrutural adequada para a regra; o que se aplicou foi o Transporte de Advérbio. Podemos, então, apresentar os fatos da seguinte maneira:

- a) a movimentação do advérbio pode se dar, como já propus, para vários lugares na sentença, para a esquerda, desde que obedecidas as restrições impostas, conforme os advérbios sejam dominados por O (Advérbios de fora de SV) ou estejam dentro de SV (Advérbios de SV);
- b) o movimento de SN-q será só para a esquerda, em substituição ao Q. Se o SN-q aparecer em qualquer outro lugar, isso será devido a outra(s) transformação(ões) que não a T-Mov.SN-q.

Exemplificando o que está exposto no item b) acima, a posição do SN-q onde na sentença (25)

(25) Maria comprou onde o vestido?

é devida à aplicação da T-Transporte de Advérbio, e não da T-Mov.SN-q, pois naquela posição não há morfema Q. Mais adiante veremos outros casos de ocorrência de SN-q para a direita, mas que também não serão devidos à T-Mov.SN-q. Resta, entretanto, dizer que essa liberdade de ocorrência do advérbio interrogado em português é, em última análise, uma consequência do caráter opcional da T-Mov.SN-q.

Mencionei, acima, o fato de que o SN-q, quando faz parte de um SA, não pode ocorrer entre o sujeito e o verbo. E isso é válido tanto para sentenças com verbos transitivos, como em (26), quanto para sentenças com verbos intransitivos, como se pode ver em (29c):

- (29) a. Flavinha vai sair a que horas?
 b. A que horas Flavinha vai sair?
 c. *Flavinha a que horas vai sair?

Poderíamos tentar novamente estabelecer como restrição à regra de movimento de SN-q a não-ocorrência de SN-q, com função adverbial, entre o sujeito e o verbo. Essa hipótese, no entanto, não é corroborada pelos dados, uma vez que são gramaticais sentenças como

- (30) a. Quando ocorreu o acidente?
 b. Ocorreu quando o acidente?

Acontece que, em (30b), foi aplicada uma outra regra, sobre a qual farei algumas considerações a seguir.

1.3. A inversão sujeito/predicado

Em português, não é comum haver inversão sujeito/verbo nas sentenças interrogativas, ao contrário do que acontece em outras línguas, como, por exemplo, o inglês. Podemos mesmo dizer que, principalmente no caso das interrogativas sim-não (ou interrogativas de sentença) essa inversão é a causa, senão da agramaticalidade, pelo menos da estranheza de sentenças como (31b):

- (31) a. Você vai à festa?
 b. *Vai à festa você?

O fenômeno da inversão ocorre, no entanto, em interrogativas de SN, pelo menos em determinados casos, como veremos a seguir. Neles, muitas vezes acontece de a sentença com inversão ser mais natural do que sem ela. É o caso, por exemplo, de sentenças interrogativas indiretas:

- (32) a. O delegado perguntou onde ocorreu o acidente.
 b. O delegado perguntou onde o acidente ocorreu.

Ambas as sentenças acima são gramaticais, sendo que em (32a), além da T-Mov.SN-q, houve a inversão do sujeito e do predicado, o que não aconteceu em (32b). E, apesar disso, acho (32a) mais natural.

O fenômeno da inversão que às vezes ocorre em sentenças interrogativas não é, como acontece no inglês, por exemplo, uma operação da regra de movimento de SN-q, mas uma transformação à parte. Os dados do português vão mostrar que existe uma regra, a que chamarei de INVERSÃO SUJEITO/PREDICADO (ISP), que se aplica independentemente de sentenças interrogativas, e que é optativa. A seguir veremos algumas condições em que essa regra opera em português, para depois verificar o seu comportamento em sentenças em que aparece um SN-q, ou seja, em sentenças interrogativas de SN.

1.3.1. ISP com verbos intransitivos

Observemos os grupos de sentenças abaixo:

- (33) a. Os vasos de samambaia caíram da escada.
 b. Caíram da escada os vasos de samambaia.

- (34) a. O resultado do jogo saiu às 5 horas.
 b. Saiu às 5 horas o resultado do jogo.

- (35) a. As caixas de vinho chegaram ontem.
 b. Chegaram ontem as caixas de vinho.

A gramaticalidade de (33)-(35) constitui evidência de que a ISP é optativa em português.

Essa regra terá como parte do seu índice estrutural todo o predicado da sentença, que vou aqui considerar como todo o sintagma Predicativo da regra dada em Chomsky (1965) para expandir a oração, e que transcrevo aqui como (36):

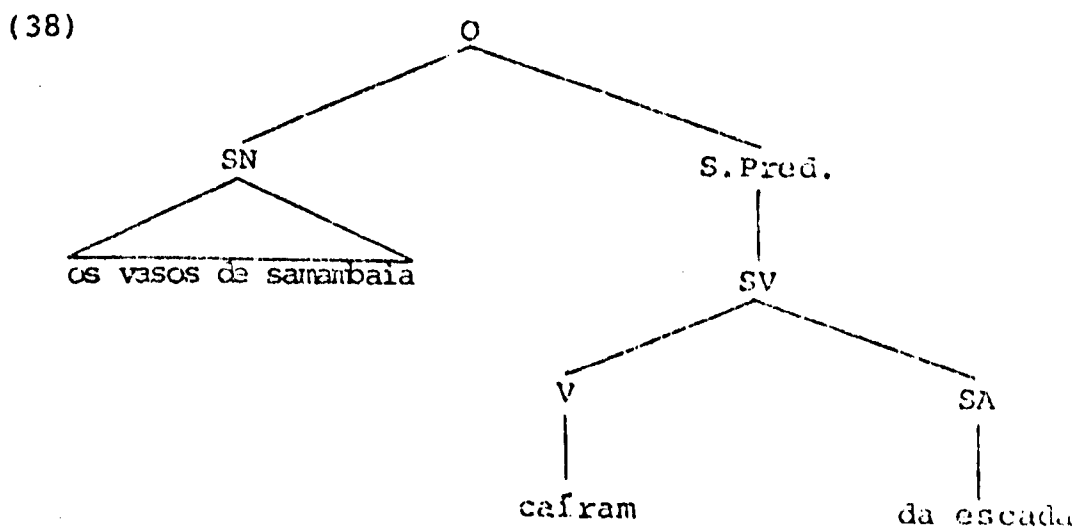
(36) O → SN S.Pred.

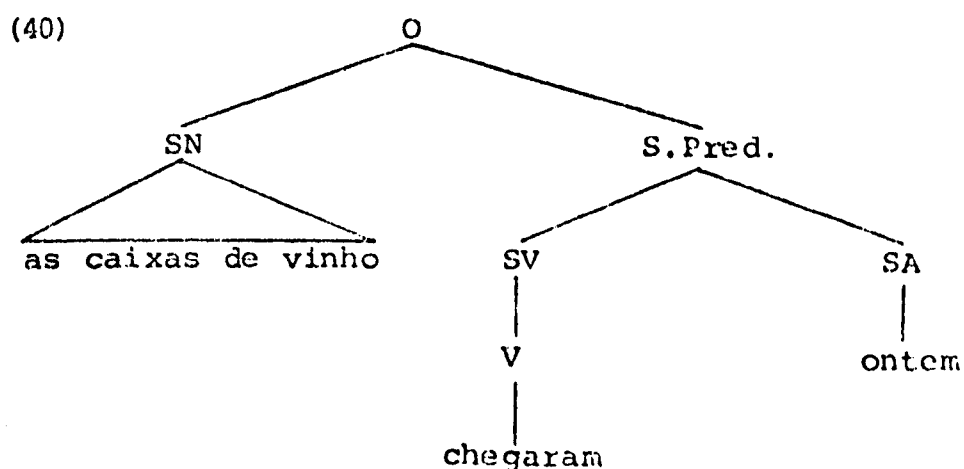
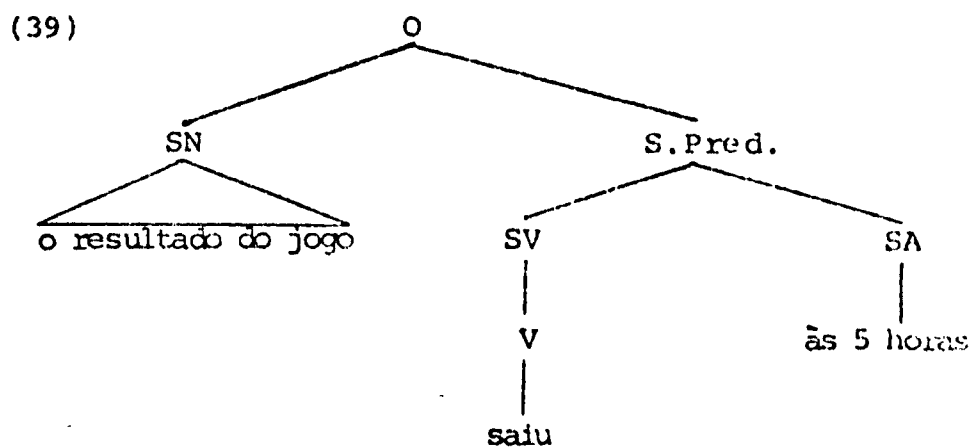
A ISP poderá, então, ser assim formalizada:

(37)	X	SN	S.Pred.	Y	
	1	2	3	4	opt. →
	1	3	2	4	

Desse modo a regra dará conta da inversão em sentenças em que há um sintagma adverbial, seja ele de dentro de SV — como em (33) — ou de fora de SV — como em (34) e (35), em que os sintagmas adverbiais (SA) às 5 horas e ontem não subcategorizam o verbo.

As estruturas subjacentes (intermediárias) às sentenças (33b), (34b) e (35b) serão, respectivamente, (38), (39) e (40) abaixo:





É importante ressaltar que a ISP aplica-se depois da CV, o que a torna uma regra pós-cíclica.

Poder-se-ia argumentar que, em vez de ISP, temos em português uma regra de Inversão Sujeito/Verbo (ISV), para dar conta de sentenças como (41) e (42):

(41) Chegaram as caixas de vinho ontem.

(42) Dormiram todos os convidados no hotel da praia.

Entretanto, uma regra desse tipo iria gerar sentenças agramaticais como (43) e (44),

(43) *Caíram os vasos de samambaia da escada.¹

(44) *Andaram todos os meninos da fila depressa.

além de não explicar (33b), (34b) e (35b).

Comparando (41)-(42) com (43)-(44) veremos que naquelas o sintagma adverbial ocorreu no final da sentença, o que não é possível com (43) e (44). Vimos, no capítulo anterior, que existe em português uma regra de Posposição de Advérbio, que só se aplica a advérbios de fora de SV. Podemos, então, explicar (41) e (42) da seguinte maneira: depois de aplicada a ISP, optativamente, as estruturas subjacentes a (41) e (42) serão, respectivamente, (35b) e (45):

(35b) Chegaram ontem as caixas de vinho.

(45) Dormiram no hotel da praia todos os convidados.

Como os sintagmas adverbiais ontem e no hotel da praia não estão subcategorizando os verbos chegar e dormir, respectivamente, ou seja, estão fora de SV, podemos aplicar a Posposição de Advérbio, que será uma regra pós-cíclica. Dessa maneira, obteremos (41) e (42).

Já no caso das sentenças (43) e (44), não é possível aplicar-se a Posposição de Advérbio, uma vez que os sintagmas adverbiais da escada e depressa estão subcategorizando os verbos cair e andar, respectivamente, estando, pois, dentro de SV. Dessa maneira, acho que a melhor solução será a de postular uma única regra -- a ISP -- que explicará um maior número de fatos, permitindo uma generalização maior.

Examinemos, agora, as sentenças interrogativas abaixo:

(46) a. Onde ocorreu o acidente?

b. Ocorreu onde o acidente?

Em ambas aplicou-se a regra de ISP. A diferença entre elas está na posição do sintagma interrogado onde. Acontece que, em (46a), aplicou-se, além da ISP, a T-Mov.SN-q, responsável pela posição do sintagma interrogado no início da sentença. (46a) será, então, derivada da seguinte maneira:

- (47) EP : [Q o acidente Pass ocorrer onde]
 Pulo do Afixo: [Q o acidente ocorrer+Pass onde]
 CV : [Q o acidente ocorreu onde]
 ISP : [Q ocorreu onde o acidente]
 Mov.SN-q : [onde ocorreu o acidente]
 :

(41a) Onde ocorreu o acidente?

Como a T-Mov.SN-q é optativa, a derivação de (46b) seria semelhante à de (46a), sem a aplicação dessa regra. Vemos, portanto, que a ocorrência do adverbial onde em (46b) não é devida ao movimento do sintagma interrogado para uma posição que não a aquela em que está o morfema Q, mas à aplicação da ISP. Com essa análise poderemos manter a generalização sobre o movimento de SN-q em interrogativas de SN em termos de um movimento em substituição ao Q. Outros exemplos podem ser dados em favor dessa análise, como as sentenças de (48):

- (48) a. Toda essa papelada vem de onde?
 b. Vem de onde toda essa papelada?
 c. De onde vem toda essa papelada?

Uma questão pode ser levantada, no que respeita à ordem de aplicação entre a ISP e a T-Mov.SN-q. Vimos, no capítulo anterior, que essa última é uma regra pós-cíclica. Essa característica tem também a ISP, já que ela tem de aplicar-se depois da CV, uma regra pós-cíclica. Derivemos, pois, de forma diferente, as sentenças (46a) e (48c), de modo que a T-Mov.SN-q, apli-

- b.*Viu o ladrão Marcela.
c.*Viu Marcela o ladrão.³

- (53) a. Os filhos da vizinha perseguiram o assaltante.
b.*Perseguiram o assaltante os filhos da vizinha.
c.*Perseguiram os filhos da vizinha o assaltante.⁴

Ainda que tenhamos uma sentença interrogativa de SN a inversão não será possível, se o verbo for transitivo:

- (54) a. Os meninos compraram os carrinhos em que loja?
b.*Compraram os carrinhos em que loja os meninos?
c.*Compraram os meninos os carrinhos em que loja?⁵
d.*Em que loja compraram os carrinhos os meninos?
e.*Em que loja compraram os meninos os carrinhos?⁶

Se fosse aplicada a T-Mov.SN-q, como em (54d), a sentença também seria agramatical.

No entanto, há casos em que a ISP parece poder aplicar-se, mesmo com verbos transitivos. Isso será discutido logo a seguir.

1.3.3. Alguns problemas

Vimos que a ISP se aplica, de modo geral, a estruturas com verbos intransitivos, seja numa interrogativa, ou não. Existe, entretanto, um caso de interrogativa de SN em que a ISP não pode aplicar-se. Observemos as sentenças abaixo:

- (55) a. Que caixotes chegaram?
b. Chegaram que caixotes?

- (56) a. Quem Chegou?
b.*Chegou quem?

Em (55b) o SN-q que caixotes pôde ser invertido, e mesmo não acontecendo em relação ao SN-q quem em (56b). Poderíamos argumentar que a impossibilidade de inversão no caso de (56b) se prende ao fato de o SN-q ter o traço [+ humano]. Isso, entretanto, não pode ser considerado como relevante para a aplicação da regra, uma vez que temos sentenças perfeitamente gramaticais em que o sujeito invertido tem o traço mencionado acima, como mostra (57b):

- (57) a. Que pessoas chegaram?
b. Chegaram que pessoas?

Creio tratar-se, aqui, de um fenômeno idiossincrático. Em outras palavras, é uma característica do SN-q quem o fato de não se submeter à regra de ISP. Poderíamos, ainda, pensar que se tratasse de uma característica geral dos indefinidos, o que englobaria outros SNs-q como, por exemplo, o que. Entretanto, a gramaticalidade de (58b) serve de contra-argumento a essa análise, comprovando o que postulei acima:

- (58) a. O que caiu?
b. Caiu o quê?

Uma outra prova dessa característica do SN-q quem pode ser detectada em sentenças passivas como

- (59) a. Quem foi ferido?
b.*Foi ferido quem?

em que a ISP também não pôde aplicar-se.

A propósito de sentenças passivas é interessante ressaltar um segundo problema relacionado à ISP. Vimos, anteriormente, que essa regra não se aplica, normalmente, a estruturas com verbos transitivos. Entretanto, se se tratar de uma estru-

tura passiva, a ISP se aplicará:

- (60) a. O carro de João foi roubado.
b. Foi roubado o carro de João.

O mesmo acontece se a sentença for uma interrogativa de SN:

- (61) a. Que livro foi roubado?
b. Foi roubado que livro?

Nas sentenças de (60) e (61) o agente não foi especificado. Se as compararmos com sentenças como

- (62) a. Uma grande festa foi organizada pelos funcionários da empresa.
b. Foi organizada pelos funcionários da empresa uma grande festa.

veremos que a presença de um agente especificado na sentença não impede a aplicação da ISP. No entanto, sentenças como (60b) e (61b) parecem mais naturais que (62b). Esse é um problema que creio ser devido a fatores de desempenho, e que discutirei a seguir. Uma alternativa seria dizer que o fato de não haver, em sentenças como as de (60) e (61), um SN depois do verbo, faz com que a regra de ISP interprete a seqüência à maneira das estruturas com verbos intransitivos.

Um outro caso em que a ISP se aplica a estruturas com verbos transitivos é o de sentenças como:

- (63) a. Os meninos da rua compraram o quê?
b. Compraram o que os meninos da rua?

- (64) a. As pessoas que estavam na fila disseram o quê?
b. Disseram o que as pessoas que estavam na fila?

Comparemos (63b) e (64b) com (65b) abaixo:

- (65) a. As crianças da classe adiantada fizeram muitos de
senhos bonitos.
b. Fizeram muitos desenhos bonitos as crianças da clas
se adiantada.

Uma sentença como (65b) só será possível se for dada ênfa-
se ao objeto (sublinhado) – em outras palavras, se o foco for o
objeto – pois já vimos que a ISP não se aplica normalmente a
estruturas com verbos transitivos, como é o caso de (51b), (52b)
e (53b), que repito aqui:

(51b) *Ganhou uma bicicleta (ontem) Walter Luís.

(52b) *Viu o ladrão Marcela.

(53b) *Perseguiram o assaltante os filhos da vizinha.

Ora, a entonação que deve ter a sentença (65b), com ênfa-
se no objeto, é a mesma que é dada para o objeto interrogado
nas sentenças (63b) e (64b). Seguindo esse raciocínio, direi que
existe um paralelismo entre a ênfase e a interrogativa, razão
pela qual é possível aplicar-se a ISP nesses casos. Se tomarmos
novamente a sentença (55b), com verbo intransitivo,

(55b) Chegaram que caixotes?

veremos que a entonação dada ao sujeito invertido é a mesma que
é dada para o objeto nas sentenças acima, evidenciando uma vez
mais esse paralelismo.

Pelos dados examinados, podemos concluir, até aqui, que a
ISP

- a) aplica-se normalmente a estruturas com verbos intransi-
tivos;
- b) aplica-se com verbos transitivos nos seguintes casos:
 - b.1. - quando a estrutura for passiva
 - b.2. - quando o objeto for um SN-q
 - b.3. - quando o objeto for enfático.

No entanto, as condições apresentadas em b.2 e b.3 acabam sendo manifestações do mesmo fenômeno, uma vez que vimos, no Capítulo 1, que o SN-q é o constituinte - numa interrogativa de SN - sobre o qual recai o foco (ou seja, a ênfase). Desse modo, basta dizer que a ISP, no caso b, aplica-se quando a estrutura for passiva e quando o objeto for o constituinte sobre o qual recai o foco.

Ainda um problema parece existir em relação à aplicação da ISP. Se observarmos as sentenças abaixo veremos que, mesmo em estruturas com verbos intransitivos, a aplicação dessa regra daria origem a sentenças agramaticais (ou, pelo menos, duvidosas):

- (66) a. Maria saiu às 5 horas.
- b.*Saiu às 5 horas Maria.

- (67) a. Vocês andaram por onde?
- b.*Andaram por onde vocês?

Já os grupos de sentenças que se seguem são nitidamente melhores:

- (34b) Saiu às 5 horas o resultado do jogo.

(68) Saiu às 5 horas a turma que estava fazendo prova.

- (69) a. Andaram por onde os filhos de João?
 b. Andaram por onde os livros que estavam sobre a minha mesa?
 c. Andaram depressa todos aqueles que queriam chegar cedo ao jogo.

Em (66) e (67) há índice estrutural para a aplicação da ISP, do mesmo modo que nas outras sentenças dadas. Qual a causa, portanto, da agramaticalidade de (66b) e (67b)? A solução para esse problema é a seguinte: comparando estas duas sentenças com (34b) e (68) veremos que, com um número maior de itens lexicais no sujeito, as sentenças passam a ser aceitas. Se assim é, o problema levantado por (66b) e (67b) só pode estar relacionado a fatores de desempenho. Parece tratar-se de uma questão de equilíbrio, de ritmo da frase.

Assim sendo, no que se refere à gramaticalidade, as sentenças (66b) e (67b) - que reescrevo, agora, sem o asterisco -

(66b) Saiu às 5 horas Maria.

(67b) Andaram por onde vocês?

serão analisadas como as outras. Sua estranheza será, então, atribuída a fatores de desempenho.

1.4. SN-q com função de sujeito

Vou, agora, apresentar dados em que o SN-q é sujeito da oração - na estrutura profunda ou mesmo na estrutura subjacente à aplicação da regra de movimento de SN-q - a fim de verificar se o movimento em questão realmente se dá para a esquerda, em substituição ao Q, conforme ficou determinado para as sen -

tenças em que o SN-q tinha função diferente de sujeito.

Um exame inicial das sentenças que se seguem

- (70) a. Quem chegou?
b. *Chegou quem?

- (71) a. Quem leu o livro?
b. *Leu o livro quem?
c. *Leu quem o livro?⁷

sugere a impossibilidade de se movimentar o SN-q sujeito para a direita, seja logo depois do verbo, seja no final da oração.⁸

Isso nos levaria a concluir, provisoriamente, que o comportamento do SN-q sujeito é idêntico ao de qualquer outro SN-q dentro da oração, isto é, não se movimenta para a direita. No caso de o SN-q ser sujeito, por já estar no início de O, adjacente ao Q, diremos que a regra se aplica no vazio.

Existem, no entanto, certos fatos que parecem invalidar essa conclusão. Um exemplo é a gramaticalidade tanto de (72a) quanto de (72b), bem como de (73a) e (73b) (no caso dessa última, o SN-q é sujeito da oração subordinada):

- (72) a. Que encomendas chegaram?
b. Chegaram que encomendas?

- (73) a. Que encomendas você disse que chegaram?
b. Você disse que chegaram que encomendas?

A explicação para o fato acima é, como já vimos, que em (72b) e (73b) a movimentação do SN-q sujeito não é devida à regra de Movimento de SN-q, mas à ISP. Assim, do mesmo modo que essa regra se aplica a uma estrutura como (74a), dando (74b), ela se aplica quando o sujeito é um SN-q (que não quem, conforme já foi visto), como em (72) e (73):

- (74) a. Vários carros caíram no abismo.
 b. Caíram no abismo vários carros.

Um argumento em favor da idéia de que o movimento do SN-q também se daria para a direita é a ocorrência do SN-q sujeito na sentença (75c) abaixo:

- (75) a. Que carro caiu no abismo?
 b. Caiu no abismo que carro?
 c. Caiu que carro no abismo?

No entanto, comparando (75c) com (76), por exemplo,

- (76) Caíram vários carros no abismo.

observamos que o mesmo fenômeno aconteceu numa sentença declarativa. Não se trata, portanto, de Mov.SN-q.

A explicação para (75c), assim como para (76), baseia-se na aplicação de duas regras (entre outras): a ISP e a Posposição do Advérbio de fora de SV (já discutidas antes). Dessa maneira, mantém-se, para o caso de sentenças interrogativas, a generalização de que o movimento do SN-q só se dá para a esquerda, em substituição ao morfema Q.

2. Sentenças com mais de um SN-q

Antes de entrar diretamente no exame de sentenças em que ocorre mais de um SN-q, é preciso esclarecer alguns pontos. Primeiramente, trata-se de sentenças que exigem uma situação especial para que sejam aceitas. Essa situação caracteriza-se por se querer obter mais de uma informação ao mesmo tempo. O mais normal é se produzir uma sentença simples para cada tipo de informação. No entanto, isso não impede que se faça de outra maneira, ou seja, perguntar duas ou mais coisas ao mesmo tempo,

como na sentença abaixo:

(77) Quem vai fazer o que hoje à noite?

Em segundo lugar, é importante dizer que, mesmo numa situação especial, o julgamento dos falantes a respeito das sentenças não é seguro nem coerente, ou seja, alguns aceitam a sentença (78), outros não:

(78) (?) A polícia perseguiu quem em que cidade?

Acontece, muitas vezes, de um mesmo falante aceitar (80) mas não (79), ambas com o mesmo tipo de estrutura:

(79) (?) Onde João comprou o quê?

(80) Em que esquina João viu o quê?

Creio, entretanto, que os problemas levantados não são suficientes para que rejeitemos esses tipos de sentença, mesmo porque muitos falantes as aceitam. Assim sendo, direi que desde que exista SN - qualquer que seja o número de ocorrências numa sentença - esse poderá receber, na base, a marca q- de sintagma interrogado. A gramática não estará, portanto, gerando apenas sentenças aceitáveis. As inaceitáveis, no caso, poderão ser explicadas com base na influência de um fator extra-lingüístico - o de limitação de memória. Ou podemos explicá-las com base na hipótese formulada em Chomsky (1965) sobre o nosso mecanismo perceptual. Para o caso que estamos analisando - ou seja, o de haver mais de um SN-q na sentença - a possível não-aceitabilidade se deve à dificuldade em processarmos mentalmente duas ou mais perguntas ao mesmo tempo. Essa dificuldade será maior quanto maior for o número (e também o tipo, às vezes) de sintagmas interrogados numa mesma sentença simples, como se pode ver em (81) e (82):

a estrutura, ou seja, para o início de O_1 , onde está o morfema Q, dando origem à sentença (84) abaixo:

(84) O que João disse que Maria comprou?

Nos parágrafos seguintes serão levantadas várias hipóteses sobre o movimento de SN-q em interrogativa múltipla. Primeiramente serão apresentados argumentos a favor de uma hipótese sobre um único movimento de SN-q por sentença. Em seguida, serão verificadas as condições em que se dá esse movimento, tendo em vista a presença de outros sintagmas interrogados na mesma sentença, e que seriam candidatos potenciais a esse movimento.

2.2. A universalidade de um movimento único

Vários autores como Chomsky (1964), Baker (1970), Bach (1971) procuraram demonstrar que o movimento de um único SN-q por sentença é um universal. Outros, como Katz & Postal (1964), Kuno & Robinson (1972) verificaram que não é possível mover-se mais de um SN-q por sentença, mas não chegaram a afirmar que se tratava de um universal. Já Wachowicz (1974) apresentou contra-exemplos à hipótese sobre o movimento único como um universal, apontando dados do polonês e do russo, em que todos os sintagmas interrogados ficam em posição inicial de sentença, provando, assim, a possibilidade de um movimento múltiplo. Os fatos apresentados por Wachowicz vão, inclusive, contra a postulação de Baker (1970), de que a regra é de substituição ao Q: ou essa regra não se aplica dessa maneira, ou o Q pode ser substituído várias vezes.

Não será possível examinar aqui toda a argumentação dos autores que acabo de citar. Mas procurarei verificar se os dados do português constituem, ou não, um argumento a mais em favor da hipótese da universalidade do movimento único.

Tomemos, inicialmente, os grupos de sentenças abaixo:

(85) a. João entregou que papéis a quem?

- b. Que papéis João entregou a quem?
- c. A quem João entregou que papéis?

- (86) a. Pedrinho comprou que livro em que livraria?
 b. Que livro Pedrinho comprou em que livraria?
 c. Em que livraria Pedrinho comprou que livro?

Do exame de (85) e (86) podemos concluir que é possível movimentar para a esquerda qualquer dos SNs-q da sentença. No entanto, o objetivo aqui é saber se é possível levar os diversos SNs-q para o início da sentença. Mas, (87) e (88) são evidência da impossibilidade de se fazer isso em português:

- (87) a.*Que papéis a quem João entregou?
 b.*A quem que papéis João entregou?

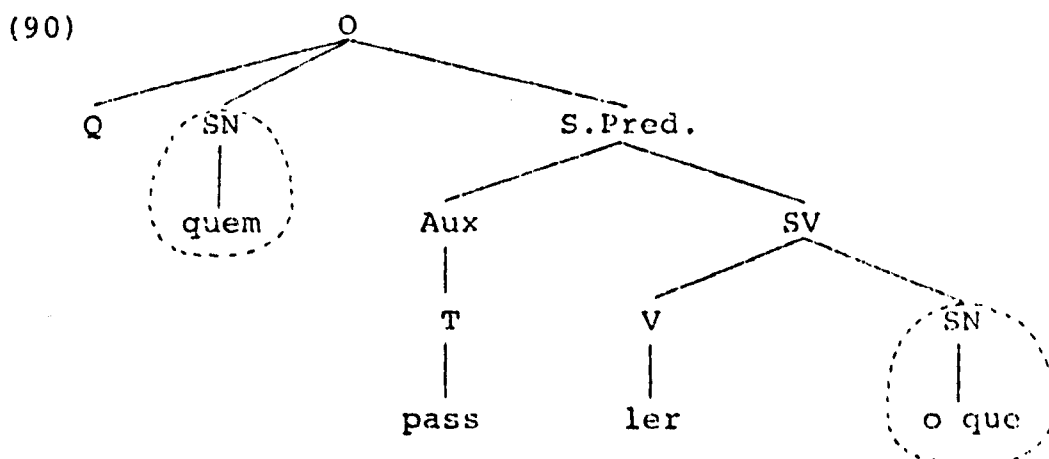
- (88) a.*Que livro em que livraria Pedrinho comprou?
 b.*Em que livraria que livro Pedrinho comprou?

Parece, até agora, que os dados do português confirmam a hipótese do movimento único. Além disso, podemos também manter a proposta de Baker(1970), segundo a qual o sintagma interrogado, ao qual é aplicada a regra de movimento, irá substituir o Q de início de sentença. Ora, se assim é, está explicada a agramaticalidade de (87) e (88): uma vez que cada sentença só contém um morfema Q, somente um SN-q poderá ser movido para aquela posição, o que é comprovado pela gramaticalidade de (85b-c) e (86b-c). Está, assim, confirmado o que disse anteriormente: a regra é optativa, mas o movimento não se dá para qualquer lugar da sentença. Só há um lugar para onde pode ir o SN-q, e será exatamente aquele onde estiver o Q.

A proposta de Baker, no entanto, não dará conta da agramaticalidade de (89b):

- (89) a. Quem leu o quê?
 b. *O que quem leu?

Partindo da estrutura profunda (90)



seria de se esperar que a regra pudesse aplicar-se ao segundo sintagma interrogado – marcado no diagrama com uma linha pontilhada – levando-o para o início da oração, em substituição ao Q. Entretanto, se o fizermos, obteremos uma sentença agramatical. O fato é que existe alguma coisa nesse tipo de sentença que impede o movimento, mesmo de um só SN-q. Voltarei a esse ponto logo abaixo. Por ora, os dados apresentados são evidência suficiente para que se mantenha a hipótese de um único movimento por sentença, também em português, o que se dará sempre para a esquerda, em substituição ao Q.

2.3. Condições sobre o movimento único

Apresentei, acima, o caso da sentença (89b), cuja agramaticalidade parece ser um contra-argumento à hipótese de Baker (1970). Isso porque naquela estrutura não foi possível que o SN-q objeto substituísse o Q, como acontece, por exemplo, em (91b):

- (91) a. Maria disse o que a quem?
 b. O que Maria disse a quem?

c. A quem Maria disse o quê?

Acontece que nas sentenças de (89) - ao contrário de (91) - um dos sintagmas que possuem a marca de interrogação é o sujeito. Meu objetivo nos parágrafos que se seguem é verificar as razões que fazem com que numa sentença que tenha um SN-q em função de sujeito não possa haver o movimento de outro SN-q.

Lanço, inicialmente, uma proposta de análise para esses casos, na forma apresentada em (92):

- (92) Se, numa interrogativa múltipla, um dos SNs-q for o sujeito da oração, nenhum outro SN-q poderá ser levado para a frente desse sujeito, mesmo em substituição ao morfema Q.

Testemos essa hipótese, agora tomando o exemplo (93), em que foi aplicada a T-passiva:

- (93) O que foi lido por quem?

A derivação de (93) será a seguinte:

- (94) EP : [Q quem Pass ler o que por Passiva]
 T-Passiva: [Q o que Pass ser lido por quem]
 ⋮
 CV : [Q o que foi lido por quem]
 ⋮

- (93) O que foi lido por quem?

Se quisermos, agora, aplicar a T-Mov.SN-q ao SN-q quem

(já que, como já vimos no Capítulo 2, essa é uma regra pós-cíclica que se aplica depois da CV), obteremos uma sentença agramatical como (95):

(95) *Por quem o que foi lido?

Ora, o sintagma movimentado passou por cima de um SN-q que era objeto, e não sujeito, na estrutura profunda. Mesmo assim a sentença é agramatical. Isso nos leva, então, a dizer que a restrição feita em (92) levará em conta não a estrutura profunda, mas a estrutura que existe no momento da aplicação da T-Mov.SN-q. Sendo assim, (95) é agramatical porque o sintagma por quem passou por cima do sintagma o que, agora sujeito da estrutura como resultado da aplicação da T-passiva. De qualquer forma estamos vendo que o SN-q sujeito impede realmente a movimentação de outro SN-q.

Tentemos, no entanto, um novo exame da proposta de Baker (1970). Segundo ela, o morfema Q será entendido como um operador, ao qual serão colocados índices para indicar as relações de "vínculo". Ou seja, o Q - colocado no início da estrutura - irá vincular-se a um ou mais SNs-q, sendo que só será possível um movimento, uma vez que a regra é de substituição ao Q. Desse modo, a estrutura profunda de uma sentença interrogativa múltipla como (91a), que repito aqui,

(91a) Maria disse o que a quem?

será, segundo a análise de Baker, aproximadamente (96):

(96) $\left[Q_{(i,j)} \text{ Maria Pass dizer alguma coisa}_{(i)} \text{ a alguém}_{(j)} \right]$

Posteriormente o morfema q- - que em minha análise é gerado pelas regras da base - será inserido por transformação em quantos

forem os SNs "vinculados" ao Q. Assim, de (96) obtém-se (97) ,
pela inserção de q- :

(97) $\left[Q_{(i,j)} \text{ Maria Pass dizer q-alguma coisa}_{(i)} \text{ a q-alguém}_{(j)} \right]$

O fato de estarem colocados no morfema Q os índices i e j indica que qualquer um dos SNs-q também marcados com esses índices poderá ser movimentado para o lugar do Q. Mas QUALQUER UM não significa que sejam os dois, mas um só deles. Assim, teremos as sentenças (91b) e (91c):

- (91) b. O que Maria disse a quem?
c. A quem Maria disse o quê?

mas não teremos (98a-b)

- (98) a.*O que a quem Maria disse?
b.*A quem o que Maria disse?

como também (87a-b) e (88a-b), que repito aqui:

- (87) a.*Que papéis a quem João entregou?
b.*A quem que papéis João entregou?

- (88) a.*Que livro em que livraria Pedrinho comprou?
b.*Em que livraria que livro Pedrinho comprou?

Ora, novamente volto a dizer que a proposta de Baker, ainda que com os índices no morfema Q, não permite resolver casos como (89b)

(89b)*O que quem leu?

(o que minha análise também não faz, pelo menos até o presente momento) pois o SN-q o que, que estaria "vinculado" ao Q por um índice qualquer, deveria poder ser movido. No entanto, não é o caso. A proposta de Baker deveria ser incorporada alguma restrição - que, no momento, poderia ser (92) - para quando um dos SNs-q fosse sujeito.

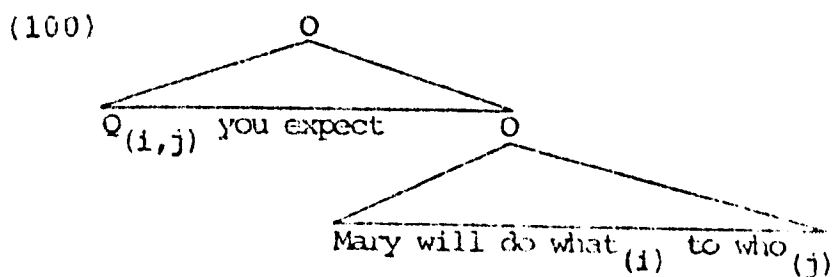
No intuito de encontrar uma explicação melhor para esse fenômeno, passarei a discutir, nos parágrafos seguintes, várias propostas de análise para esses e outros casos de movimento de SN-q em interrogativa múltipla.

2.3.1. A análise de Kuno & Robinson e sua adequação ao português

Examinemos, agora, uma proposta de Kuno & Robinson (1972) sobre interrogativas múltiplas. Eles procuram mostrar que não há necessidade de índices para determinar essas relações de "vínculo", postulando três restrições ao movimento de SN-q. A primeira -- "THE CLAUSE MATE CONSTRAINT" -- estabelece que os vários SNs-q que estejam vinculados ao Q da sentença matriz devem ser constituintes da mesma oração no momento de aplicação da regra de movimento. Isso não quer dizer, no entanto, que todos os SNs-q tenham que ter origem sob o mesmo nó O que domina o morfema Q. Por exemplo, uma sentença como (99)

(99) "What do you expect Mary will do to who?"⁹

terá a seguinte estrutura no momento da aplicação da regra de movimento de SN-q:



Como se vê, em (100) os dois sintagmas interrogados são constituintes da mesma oração, mas não estão na mesma oração em que está o Q que os vincula.

A segunda restrição - "WH-CROSSING" - não permitirá o movimento de um SN-q por sobre outro SN-q, exceção feita aos SNs-q que sejam constituintes de um sintagma adverbial de tempo e de lugar, mas desde que eles não se movimentem por sobre um SN-q sujeito.

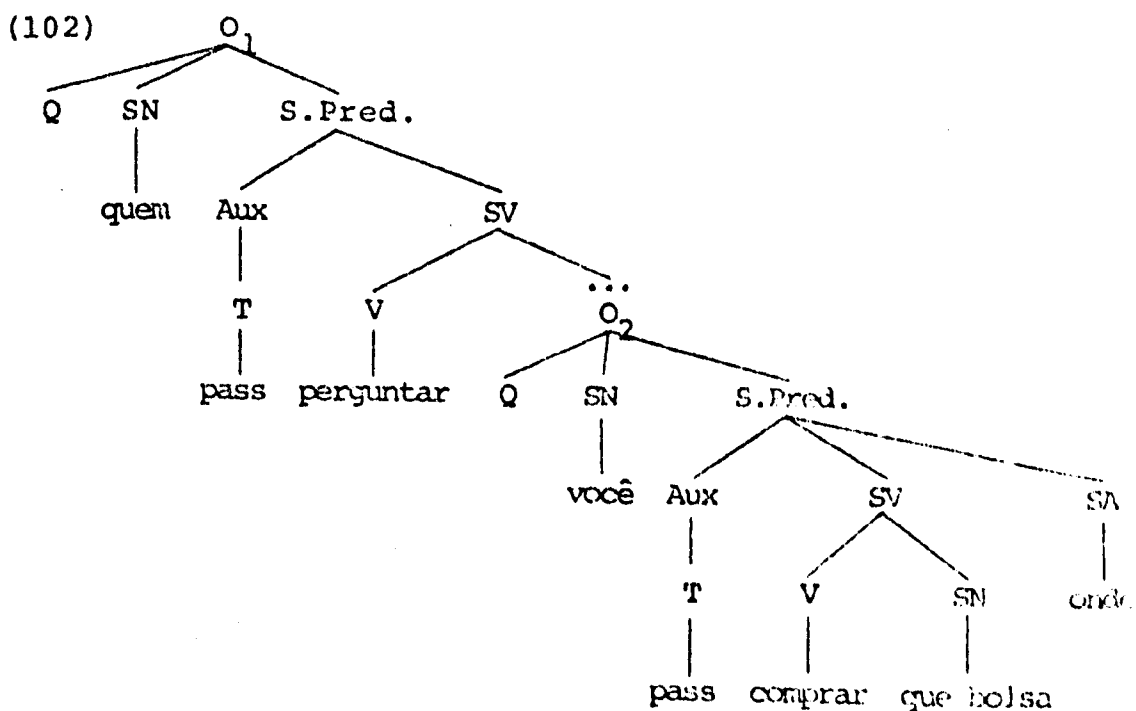
Ainda uma terceira restrição - "DOUBLE DISLOCATION" - já proibir o deslocamento de mais de um constituinte interrogado.

A justificativa de Kuno & Robinson para não colocar índices no morfema Q baseia-se no princípio de controle e na relação de comando: nenhuma transformação poderá mover um SN-q para fora de uma oração com Q e levá-lo para outra oração com Q. Em outras palavras podemos dizer que um Q protege os SNs-q - que estão sob o comando desse Q, que está mais perto deles - da influência de um Q que esteja mais alto.

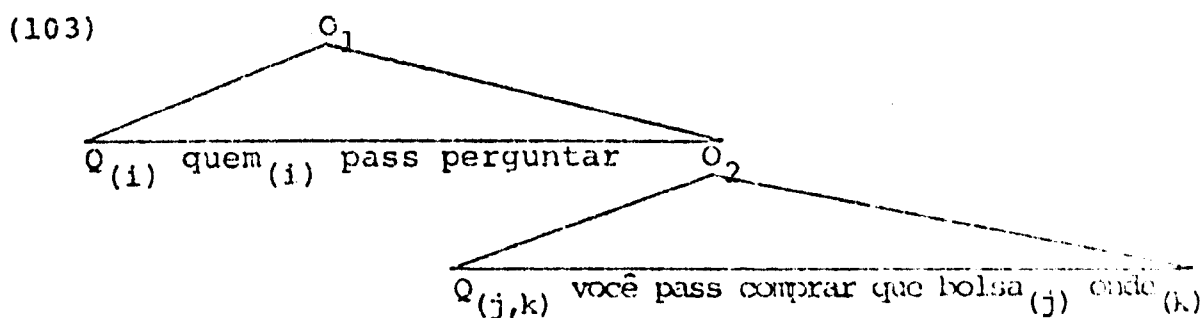
Exemplificando, de acordo com a análise de Kuno & Robinson uma sentença como

(101) Quem perguntou onde você comprou que bolsa?

teria a seguinte estrutura profunda:



Em (102) não haverá necessidade de se colocar índice nos morfemas Q de O_1 e O_2 , para determinar a qual Q o(s) SN(s)-q se vincula(m), à maneira de (103) abaixo:



O princípio de controle e a relação de comando irão impedir que qualquer dos SNS-q que bolsa e onde de O_2 seja levado para o início de O_1 , uma vez que o morfema Q de O_2 - que é a oração em que estão esses SNS-q - irá impedir esse movimento.

Kuno & Robinson irão postular, portanto, que um Q que esteja numa oração mais alta não poderá vincular um SN-q que esteja numa oração mais baixa em que também há o morfema Q. Assim, não serão necessários os índices.

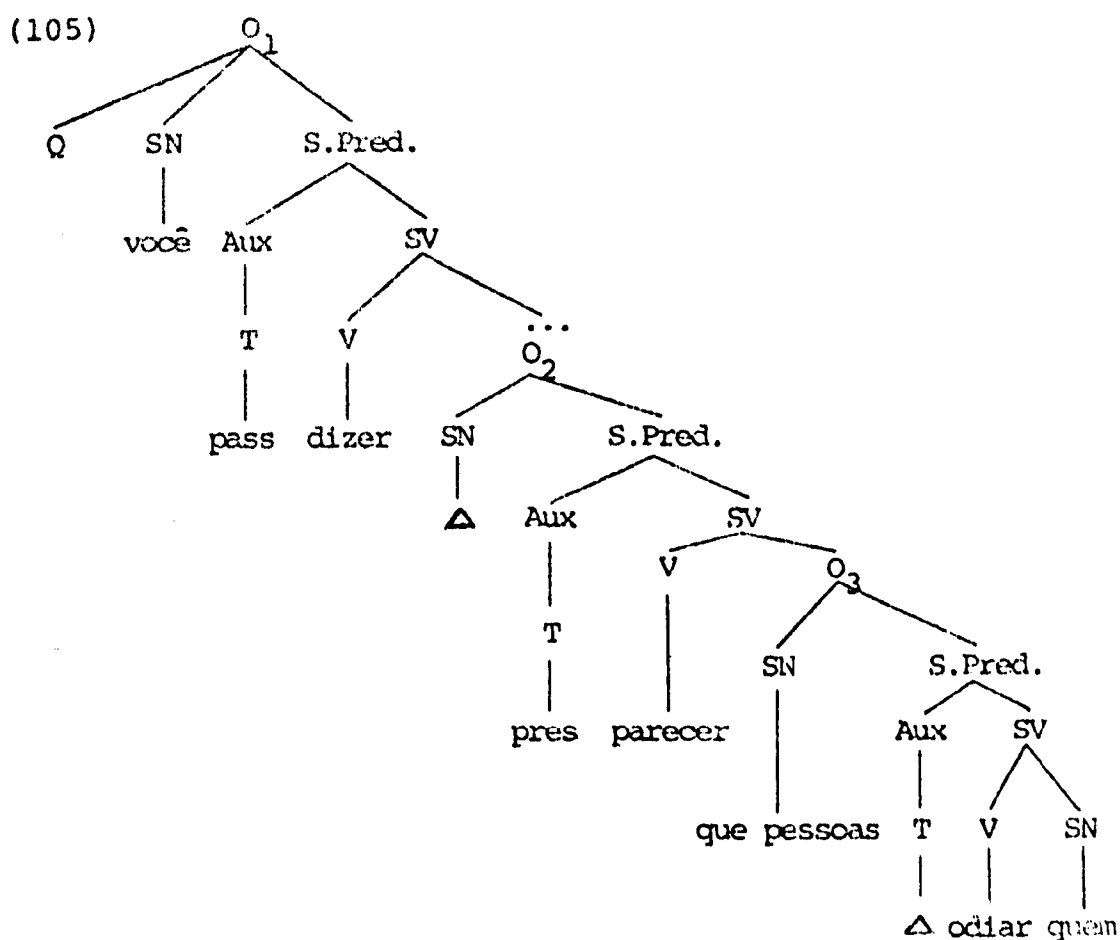
Verifiquemos a adequação das três restrições acima aos fatos do português.

2.3.1.1. "The clause mate constraint"

Existe um caso em português que parece constituir um contra-argumento à restrição acima. Tomemos a sentença (104)

(104) Que pessoas você disse que parecem odiar quem?

cuja estrutura profunda é, aproximadamente, (105)



Atribuíamos a (104) a derivação seguinte:

(106) EP : [Q você Pass dizer [Δ Pres parecer [que pessoas Δ odiar quem]]]

1ª ciclo(O₃): -----

2ª ciclo(O₂): T-Alçamento para a posição de sujeito

[Q você Pass dizer [que pessoas Pres parecer [Δ odiar quem]]]

3ª ciclo(O₁): CV (depois da aplicação do Pulo dos Afixos)

[Q você disse [que pessoas parecem [odiar quem]]]

Pós-cíclica : T-Mov.SN-q – que poderia carregar para o início da sentença matriz qualquer dos dois SNs-q, que não são mais constituintes da mesma oração – ou seja, não são "clause mates", de acordo com Kuno & Robinson – no momento de aplicação da regra de movimento. Assim, aplicando a T-Mov.SN-q ao SN-q que pessoas teremos (104).

É importante lembrar que a restrição (92) – que trata do

movimento sobre um SN-q sujeito - impedirá que a regra de movimento de SN-q transporte para o início da sentença o SN-q quem, objeto de O_3 na estrutura (97).

Vemos, portanto, já desde o 2º ciclo da derivação, que os dois SNs-q não são mais constituintes da mesma oração. Para manter a restrição de Kuno & Robinson teríamos que aceitar que a T-Mov. SN-q é cíclica (e já vimos que não o é); a sentença, consequentemente, apresentaria a estrutura (107) abaixo, depois de aplicada a T-Mov. SN-q sucessivamente a partir do 2º ciclo:

(107) [que pessoas você dizer [parecer [odiar quem]]]

Essa análise, no entanto, traria os seguintes problemas :

- a) estaríamos afirmando que parecer não é um verbo de alçamento;
- b) ou teríamos que ordenar a T-Mov. SN-q antes da T-Alçamento, sendo que se se aplica a primeira, a segunda não se aplica ;
- c) não teremos como explicar a concordância de parecer na sentença dada, pois a CV é uma regra pós-cíclica (como já vimos). Assim, só poderíamos explicar (108)

(108) Que pessoas você disse que parece que odeiam quem?

em que não houve T-Alçamento para a posição de sujeito. Mesmo assim, para gerar (108) o SN-q que pessoas tinha que estar em O_3 no momento da CV - pois só assim se explica a forma odeiam; depois, então, se aplicaria a T-Mov. SN-q, pós-ciclicamente. Nesse caso, os dois SNs-q eram constituintes da mesma oração no momento da aplicação da regra, o que não aconteceu com a derivação de (104).

Não há razão, portanto, para manter essa primeira restrição de Kuno & Robinson, uma vez que (104) constitui um contra-argumento.

2.3.1.2. "Wh-crossing"

Também essa restrição parece não funcionar para os dados do português, pelo menos inteiramente. De acordo com o estabelecido por Kuno & Robinson, um SN-q não pode ser movido por sobre outro SN-q, exceto os SNs-q inseridos em sintagmas adverbiais de tempo e lugar, desde que não passem por sobre um SN-q sujeito. A sentença (86c) do grupo abaixo, citado anteriormente, constitui argumento em favor dessa restrição:

- (86) a. Pedrinho comprou que livro em que livraria?
b. Que livro Pedrinho comprou em que livraria?
c. Em que livraria Pedrinho comprou que livro?

Se observarmos, entretanto, as sentenças de (85) -- que re-
pito aqui --

- (85) a. João entregou que papéis a quem?
b. Que papéis João entregou a quem?
c. A quem João entregou que papéis?

vamos encontrar um contra-argumento à restrição daqueles autores. Isso porque, em (85c), o SN-q a quem (objeto indireto) se movimentou por cima do SN-q o que (objeto direto) ao ser levado para o início da sentença que, nem por isso, deixou de ser gramatical. O mesmo fenômeno se verifica em sentenças complexas, como em (109c):

- (109) a. Carlos mandou Felipe entregar que livros a quem?
b. Que livros Carlos mandou Felipe entregar a quem?
c. A quem Carlos mandou Felipe entregar que livros?

Um aspecto, entretanto, da restrição de "WH-CROSSING" que

parece funcionar em português é o que leva em conta a presença de um SN-q sujeito, mesmo para o movimento de SNs-q em função adverbial, como já vimos nas sentenças (89b) e (95):

(89b)*O que quem leu?

(95)*Por quem o que foi lido?

ou como ainda pode ser comprovado através da agramaticalidade de (110b):

(110) a. Quem comprou esse livro onde?

b.*Onde quem comprou esse livro?

2.3.1.3. "Double dislocation"

Essa é a única restrição que funciona integralmente no português. Realmente, já vimos antes ser impossível o movimento de mais de um SN-q por sentença, ao tratarmos das sentenças de (98):

(98) a.*O que a quem Maria disse?

b.*A quem o que Maria disse?

ou mesmo se observarmos (111):

(111) a. Rommel vendeu que carro quando?

b.*Que carro quando Rommel vendeu?

c.*Quando que carro Rommel vendeu?

2.3.2. A presença de um SN-q em relação a outras regras de movimento

Vejamos, agora, como se comportam outras regras de movimento

quando na presença de um SN-q sujeito. Tomemos, primeiramente, o Transporte de Advérbio. A gramaticalidade de (112b) e (113b) indica que é possível mover um outro constituinte por sobre o sujeito interrogado:

- (112) a. Quem chegou ontem?
b. Ontem quem chegou?

- (113) a. Que pessoas farão as provas amanhã?
b. Amanhã que pessoas farão as provas?

Examinemos, agora, as sentenças de (114), em que houve a Topicalização do objeto, que foi levado para o início da sentença, passando por cima de um SN-q sujeito:

- (114) a. Quem leu esse livro?
b. Esse livro, quem leu?

As duas transformações acima serviram para mostrar que o problema parece não ser propriamente do sujeito, ou seja, não é o fato de o constituinte ser sujeito que impede que alguma coisa seja movida para antes dele, mas o fato de que esse sujeito seja um constituinte interrogado (um SN-q). Logo, podemos concluir, provisoriamente, dada a gramaticalidade de sentenças como (112b), (113b) e (114b), e a agramaticalidade de (89b), por exemplo,

- (89b) *O que quem leu?

que o problema está relacionado ao fato de o SN-q, quando sujeito, já estar na posição adequada para um constituinte interrogado, ou seja, no início da sentença, não cabendo, portanto, movimento de outro SN-q para aquela posição. Podemos, então, tentar estabelecer as condições de aplicação do movimento de

SN-q, como se segue:

- (115) a. Só haverá um movimento por sentença.
 b. Um SN-q qualquer poderá ser movido por sobre outro SN-q, desde que esse último não seja sujeito.

(115) parece, à primeira vista, semelhante à restrição de "WH-CROSSING" dada por Kuno & Robinson. No entanto, a restrição daqueles autores impede a derivação, perfeitamente gramatical, de sentenças como (116)

(116) A que pessoa você ofereceu que lote?

pois, para eles, só o SN-q com função de tempo e lugar pode passar por cima de outro que não seja sujeito.

2.3.3. "Comando" e "precedência"

Numa tentativa de justificar a restrição muitas vezes estabelecida pelo SN-q em relação ao movimento de outro SN-q, verificaremos se a solução para isso pode ser estabelecida em termos das relações de primazia - comando e precedência - postuladas por Langacker (1969).

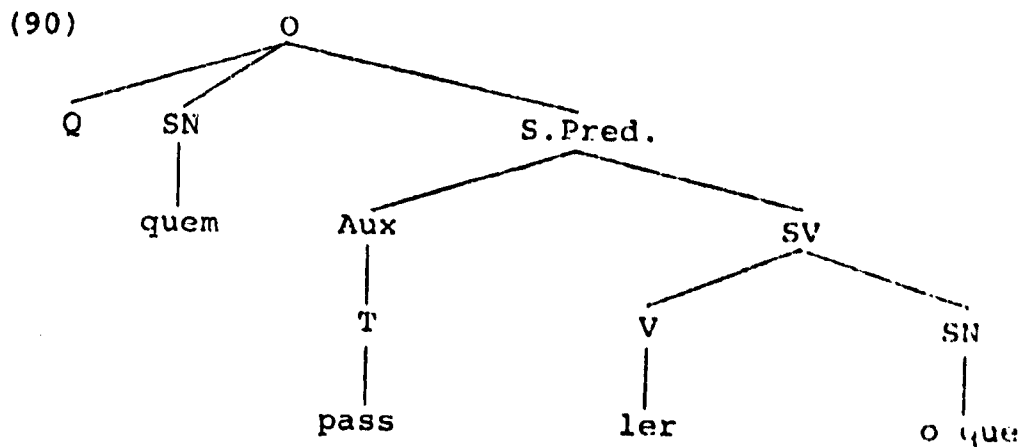
Tomemos, inicialmente, a relação de comando, que apresento aqui como (117):

- (117) Um nóculo A "comanda" outro nóculo B se
- (a) nem A nem B dominam um ao outro;
 - (b) o nóculo O que mais imediatamente domina A também domina B.

Examinemos as sentenças de (89) à luz dessa relação.

- (89) a. Quem leu o quê?
 b. *O que quem leu?

Retomando (90), a estrutura profunda de (89a-b),



e com base no que (117) estabelece, diremos que o SN-q quem de (90) comanda o SN-q o que, uma vez que a) nenhum dos dois domina o outro, e b) o nóculo O que domina mais imediatamente o SN-q quem também domina o SN-q o que.

Ora, podemos tentar explicar a agramaticalidade de (89b) impondo uma condição à regra de movimento de SN-q, mais ou menos assim:

- (118) Um SN-q_(j) não pode ser movimentado por sobre outro SN-q_(i) se SN-q_(i) comanda SN-q_(j).

A regra de movimento poderia, então, ser formalizada provisoriamente como em (119):

(119)

X	Q	Y	SN-q	Z	
1	2	3	4	5	<u>opt.</u> →
1	4	3	0	5	

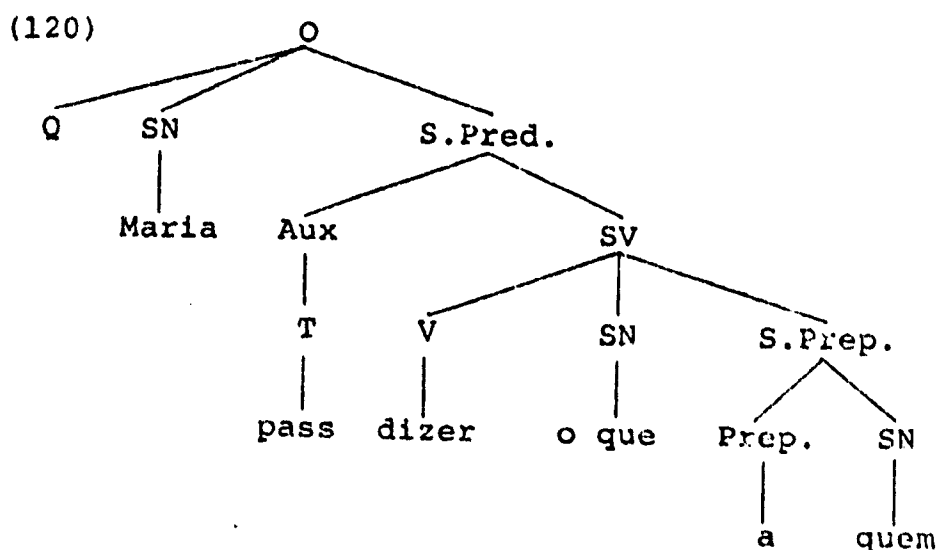
Condição: 3 não contém um SN-q que comanda 4

Na estrutura profunda (90) o SN-q objeto o que também comanda o SN-q sujeito quem. Isso, no entanto, não interessa para o caso da regra de movimento, pois já vimos que ela não se aplica para a direita.

A agramaticalidade de (89b) pode ser explicada, então, como uma violação à condição imposta à regra de movimento de SN-q.

A sentença (89a) também pode ser explicada em termos de (119), uma vez que o Y pode ser nulo, e o movimento se dá, então, no vazio.

Examinemos, agora, uma estrutura profunda como (120):



De (120) poderemos obter uma sentença como (91b)

(91b) O que Maria disse a quem?

pela aplicação da T-Mov.SN-q como está formalizada em (119). O SN-q o que, ao ser movido para o início da sentença, não passou por sobre nenhum outro SN-q.

Surge, agora, um problema. O SN-q o que de (120) comanda-nos termos de (117) – o SN-q quem (constituente do S.Prep.). De acordo com a condição imposta à mudança estrutural da regra (119), esse segundo SN-q não poderia ser movimentado por sobre o outro. Isso, entretanto, não é o que acontece, pois (91c) é

gramatical em português:

(91c) A quem Maria disse o quê?

Fato semelhante acontece em sentenças em que o segundo elemento interrogado é constituinte de um sintagma adverbial, como em (80), vista anteriormente, na qual o SN-q o que comanda o SN-q que esquina do SA:

(80) Em que esquina João viu o quê?

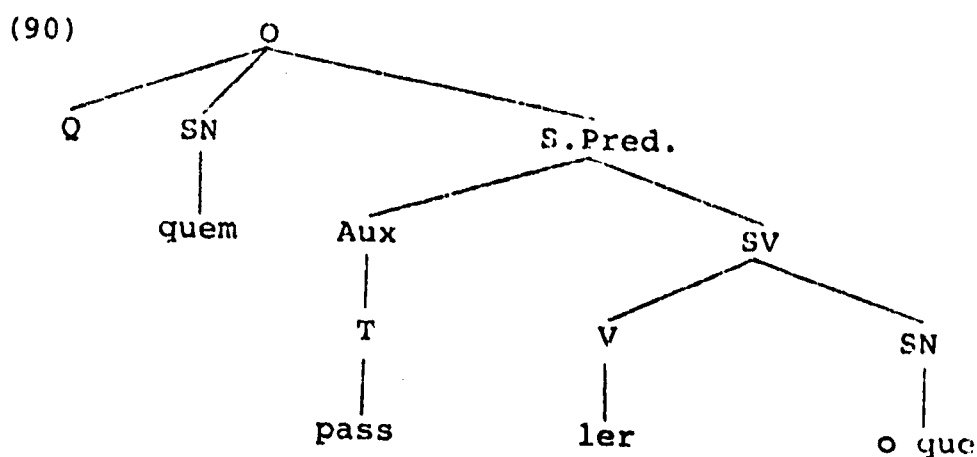
É preciso lembrar que, em português (como já tive oportunidade de mostrar), qualquer SN-q pode passar por cima do outro (e não somente os adverbiais), desde que esse outro SN-q não seja sujeito.

Como se pode observar, a relação de comando serviu para impedir o movimento de um SN-q sobre um SN-q sujeito, mas não se aplica aos casos em que o primeiro SN-q não tem essa função.

À vista desses fatos torna-se conveniente eliminar da regra (119) a condição que utiliza o comando. O impedimento exercido pelo SN-q sujeito em certos casos deve estar ligado a outro fator que não o comando.

Tentemos uma outra explicação para os fatos vistos acima, agora com base em outra relação de primazia postulada por Langacker (1969), ou seja, a relação de precedência. Esta é uma noção vinculada à ordem linear dos constituintes na oração, enquanto a noção de comando vincula-se à dominação.

Assim sendo, diremos que, na estrutura apresentada em (90)



o SN-q quem precede o SN-q o que, em termos de ordem linear. Essa precedência faz, segundo Langacker, com que o primeiro SN-q tenha um certo poder sobre o outro o qual ele precede, sendo que o primeiro tenderá a agir como núcleo (primário) e o segundo a sumirá o status de satélite (secundário).

Dentro dessa noção podemos explicar a agramaticalidade de (89b)

(89b)*O que quem leu?

já que o SN-q o que passou por cima de um SN-q que o precedia, e que tinha sobre o outro um certo poder.

Entretanto, se tomarmos outras sentenças veremos que as mesmas conclusões a que chegamos sobre o comando poderão ser tiradas em relação à precedência. Em outras palavras, não podemos impor ao movimento uma condição baseada na precedência de um SN-q em relação a outro, uma vez que isso não funcionará para todos os casos. É evidente que, se a precedência bloqueasse o Mov.SN-q, nunca haveria movimento por sobre outro SN-q, pois, como o Mov.SN-q se dá para trás, esse outro SN-q teria de ser o precedente. Basta examinar novamente a estrutura (120) e veremos que o sintagma o que precede o SN-q quem do S.Prep. e, apesar disso, o movimento do segundo sobre o primeiro é possível, como mostra (91c):

(91c) A quem Maria disse o quê?

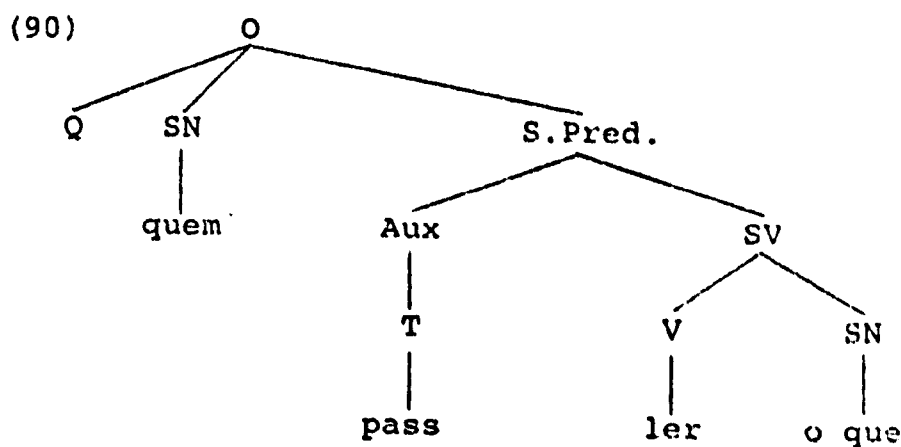
Sendo assim, podemos abandonar as noções de comando e precedência para explicar os fatos acima.

2.3.4. A relação "em construção com"

Klima (1964) define o campo da negação e do elemento wh- (correspondente ao meu Q) em termos do conceito "em construção com", apresentada em Langacker (1969) nos seguintes termos:

(121) "Dados dois constituintes A e B, diz-se que B está em construção com A se o nódulo C que domina diretamente A também domina B."

Tomemos, novamente, a estrutura (90)



Digamos que o SN-q quem é o A, e o SN-q o que é o B do que fala (121). Dessa maneira, diremos que o que está "em construção com" quem, porque esse é dominado diretamente pelo nódulo O, que também domina aquele.

Essa relação "em construção com" também está, como a relação de comando vista acima, vinculada à noção de domínio. A diferença entre elas reside no fato de que aquela leva em conta o domínio imediato, e essa, não. Langacker estabelece assim a diferença: "ao se determinar se B é comandado por A, é preciso saber se B é dominado pelo nódulo O mais baixo que domina A".

Ao determinar se B está em construção com A, por outro lado, é preciso saber se B é dominado por qualquer nóculo que diretamente domina A, seja esse nóculo um O ou não."¹⁰

Voltando à estrutura (90), já vimos acima que o SN-q o que está "em construção com" o SN-q quem. O contrário, entretanto, não é verdadeiro. Ou seja, o SN-q quem não está "em construção com" o SN-q o que, porque o nóculo que domina diretamente o SN-q o que não domina o SN-q quem.

Estabeleçamos, agora, uma outra restrição à regra de movimento, na tentativa de explicar a agramaticalidade de (89b).

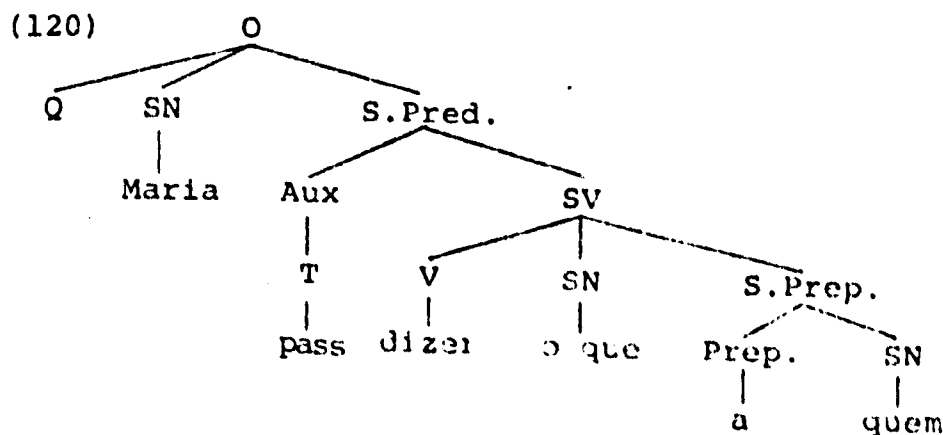
(89b) *O que quem leu?

Essa restrição será imposta com base na relação "em construção com", nos seguintes termos:

(122) Um SN-q_(j) não pode se movimentar por sobre um SN-q_(i) se SN-q_(j) está "em construção com" SN-q_(i).

A restrição (122) dará conta da agramaticalidade de (89b).

Examinemos, agora, as sentenças (91b) e (91c) em termos de (121) - definição de "em construção com" - e de (122) acima. Atribuíamos a (91b) e (91c) a estrutura profunda (120), dada anteriormente:



A regra de movimento poderá aplicar-se ao SN-q o que sem problemas, uma vez que a restrição (122) refere-se ao movimento do SN-q quem, constituinte do S.Prep.. Dessa forma, obtemos (91b):

(91b) O que Maria disse a quem?

(122), no entanto, irá impedir que uma sentença gramatical como (91c) seja gerada

(91c) A quem Maria disse o quê?

pois o SN-q quem do S.Prep. está "em construção com" o SN-q o que, já que esse é dominado diretamente pelo nóculo SV, que também domina o SN-q quem.

Vemos, portanto, que a relação de Klima também não dará conta dos fatos, como aconteceu com as relações de comando e precedência postuladas por Langacker.

Fica, assim, eliminada mais essa hipótese para explicar a agramaticalidade de sentenças como (89b), frente à gramaticalidade de outras como (91c).

2.3.5. A "superioridade" do sujeito em relação aos outros constituintes

Uma das condições estabelecidas por Chomsky (1973) às transformações é a que dou, agora, como (123):

(123) "Nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura
... X ... [... Z ... -WYV] ...

onde a regra se aplica ambigualmente a Z e Y, e Z é superior a Y".

O termo "superior" é empregado em (123) no sentido de que "uma categoria A é superior à categoria B no indicador sintagmático se toda categoria "principal"¹¹ que domina A também domina B, mas não o contrário."¹²

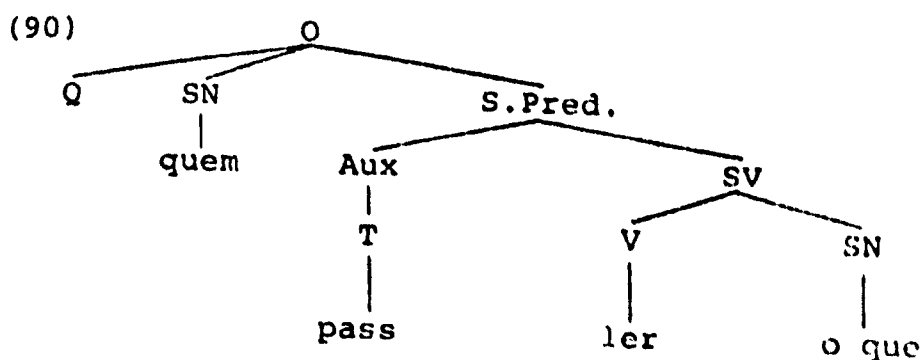
Tentemos, novamente, encontrar uma explicação para a agramaticalidade de (89b), agora com base na condição (123).

Na estrutura profunda (90), veremos que há dois SNs-q, ambos "candidatos" ao movimento propiciado pela regra de movimento de SN-q. Desse modo, podemos dizer que a regra se aplicaria ambigualmente, isto é, ou ao SN-q sujeito quem, ou ao SN-q o que não-sujeito. No primeiro caso, já vimos que a regra se aplica no vazio, uma vez que o SN-q é levado para uma posição que ele já está; melhor dizendo, o SN-q, quando sujeito, está adjacente ao Q, no início de O. E é essa posição inicial que ele continuará ocupando.

Se quisermos aplicar a regra ao SN-q não-sujeito, obteremos uma sentença agramatical como (89b). Qual a explicação para esse fato, dado que já vimos ser possível o movimento de um SN-q não-sujeito para o início de O?

Uma resposta a essa questão poderia ser dada em termos da condição (123). É que, se os dois SNs-q são "candidatos" ao movimento - isto é, se a regra se aplica ambigualmente - mas um deles - no caso, o primeiro - é superior ao segundo em termos de configuração arbórea, isto é, é dominado por uma categoria "principal", a regra não poderá movimentar o segundo SN-q. Assim sendo, se observarmos o diagrama (90) (agora com índices nos SNs) da estrutura profunda de (89a-b)

- (89) a. Quem leu o quê?
b. *O que quem leu?

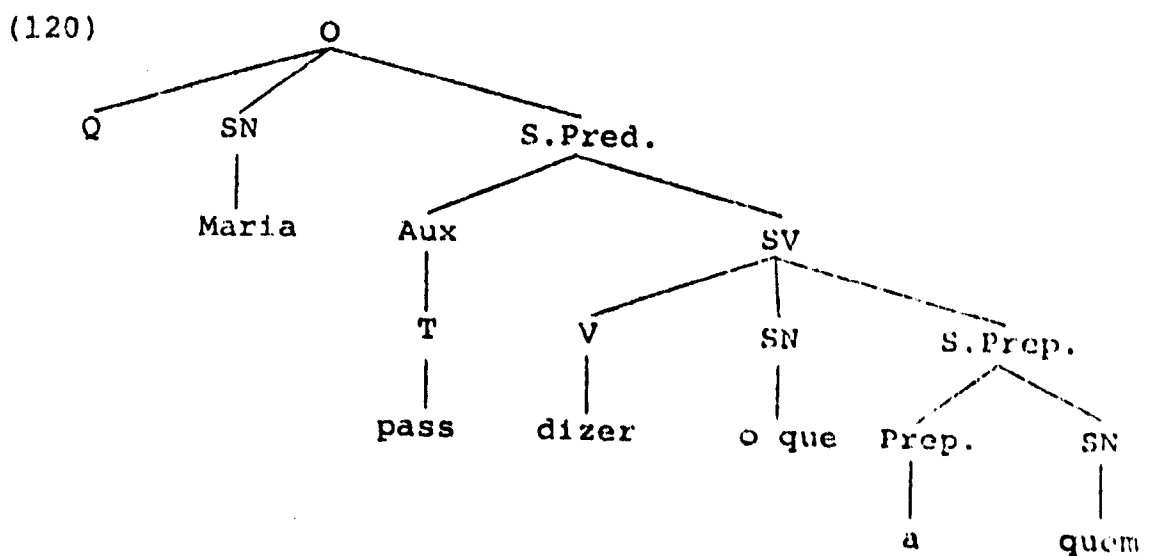


em que: Q é o X da condição (123)
 SN₁ é o Z da condição (123)
 SN₂ é o Y da condição (123)

veremos que SN₁ é superior a SN₂, no sentido de que O -- que é uma categoria "principal" -- domina SN₁ e também SN₂; mas, a categoria "principal" que domina SN₂ -- ou seja, SV -- não domina SN₁.

De acordo com (123) diremos que a regra de movimento irá selecionar o constituinte superior para a aplicação, o que explica, então, a gramaticalidade de (89a) e a agramaticalidade de (89b). É, talvez, nesse sentido que podemos dizer que o sujeito tem um certo poder sobre os outros constituintes.

Novamente surge um problema. A condição (123) deveria bloquear a aplicação da regra de movimento ao SN-q quem (constituente de S.Prep.) na estrutura (120).



Isso porque o segundo SN-q, que faz parte do S.Prep., não poderia movimentar-se por sobre o SN-q o que, pois esse é superior àquele. Em outras palavras, toda categoria principal que domina o SN-q o que -- a saber, SV, S.Pred. e O -- também domina o SN-q quem. Entretanto, o inverso não se dá, pois existe, acima do SN-q quem uma categoria "principal" -- S.Prep. -- que não domina o SN-q o que. A regra de movimento selecionaria, então, o termo superior, e seria gerada a sentença (91b)

(91b) O que Maria disse a quem?

mas não (91c):

(91c) A quem Maria disse o quê?

Essa última é, no entanto, perfeitamente gramatical em português, o que prova que a condição sobre a superioridade de um termo sobre o outro não funciona em português.

2.3.6. A "hierarquia temática"

Uma possível explicação semântica para a não ocorrência de um SN-q na frente de um SN-q sujeito seria baseada nas relações temáticas estabelecidas por Jackendoff (1972), as quais se organizam hierarquicamente da maneira como se segue:

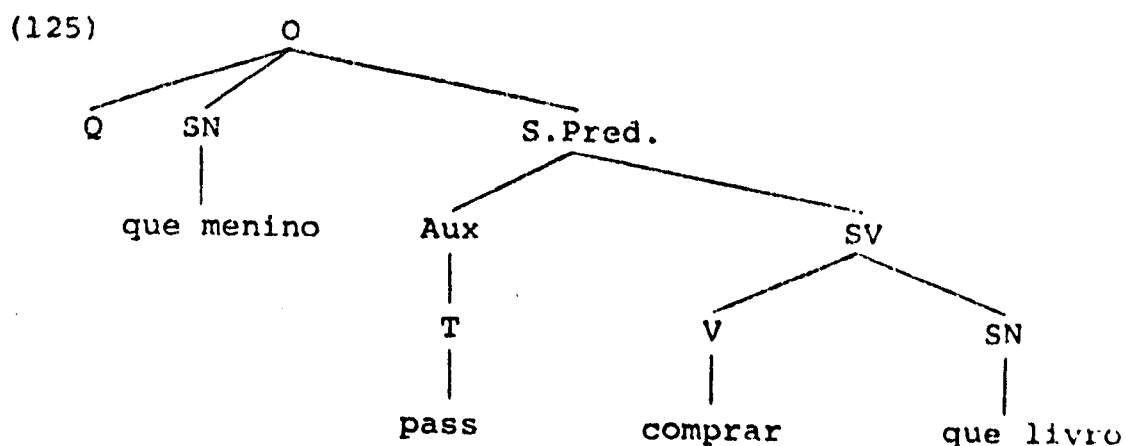
(124) HIERARQUIA TEMÁTICA

1. Agente
2. Localização, Fonte, Meta
3. Tema

Jackendoff estabelece, por exemplo, uma condição sobre a aplicação da T-Passiva, com base nessa hierarquia. É a CONDIÇÃO DE HIERARQUIA TEMÁTICA, que estabelece que o sintagma agentivo com a preposição por - "the passive by-phrase" - deve estar mais alto do que o sujeito derivado na hierarquia temática. Caso isso não aconteça, a sentença será considerada agramatical.

Vou, agora, tentar solucionar o problema que vem sendo discutido sobre o movimento de SN-q com base nessa hierarquia temática. Em outras palavras, vou tentar impor uma condição à regra de movimento semelhante à que foi imposta por Jackendoff à regra da passiva. Para isso, tomemos a estrutura profunda (125),

semelhante a (90):



e indiquemos as funções semânticas exercidas por seus constituintes.

Admitamos, primeiramente, que comprar é um verbo de movimento, no sentido dado por Jackendoff, ou seja, comprar significa que alguma coisa passou (movimentou-se) de um para outro. O sintagma interrogado que menino será o AGENTE, e o SN-q que livro será o TEMA (que é o sintagma que se refere ao que está sendo movimentado, ou seja, passado de uma pessoa para outra). O SN-q quem exerce também uma outra função semântica, a de META, uma vez que o que é comprado está saindo das mãos de alguém e passando para as do referente desse sintagma.

Suponhamos, agora, que a T-Movimento de SN-q terá, também, de obedecer a uma condição como a que estabeleço em (126):

- (126) O SN-q_(j) movido sobre SN-q_(i) deve estar mais alto na hierarquia temática do que SN-q_(i).

Ao tentar aplicar-se a (125) para levar o SN-q que livro para substituir o Q inicial, a regra será bloqueada pela condição (126), pois esse SN-q é o TEMA, e estará passando por cima de outro SN-q que, na hierarquia temática, está mais alto que aquele, por ser o AGENTE. Dessa maneira explica-se a agramaticalidade de (127), semelhante a (89b) acima:

(127) *Que livro que menino comprou?

Tomemos, agora, a sentença (128):

(128) Pedro comprou o que onde?

Em termos de hierarquia temática diremos que o sintagma Pedro é o AGENTE, o que é o TEMA, e onde é a LOCALIZAÇÃO. Pedro é ainda a META, e onde é também a FONTE, no sentido de que uma determinada coisa saiu de um lugar (de uma origem) para outro.

A regra de movimento aplica-se, sem problemas, ao SN-q o que, e obtém-se a sentença (129):

(129) O que Pedro comprou onde?

Para movimentar o segundo SN-q, não há problema, no caso de (128): o SN-q onde está, na hierarquia temática dada em (124) mais alto que o SN-q o que, pois esse último é o TEMA, e aquele é a LOCALIZAÇÃO (ou mesmo a FONTE). Assim podemos obter (130):

(130) Onde Pedro comprou o quê?

Dentro dessa análise ficam também explicadas sentenças como (80), (86c), (91c), dadas anteriormente:

(80) Em que esquina João viu o quê?

(86c) Em que livraria Pedrinho comprou que livro?

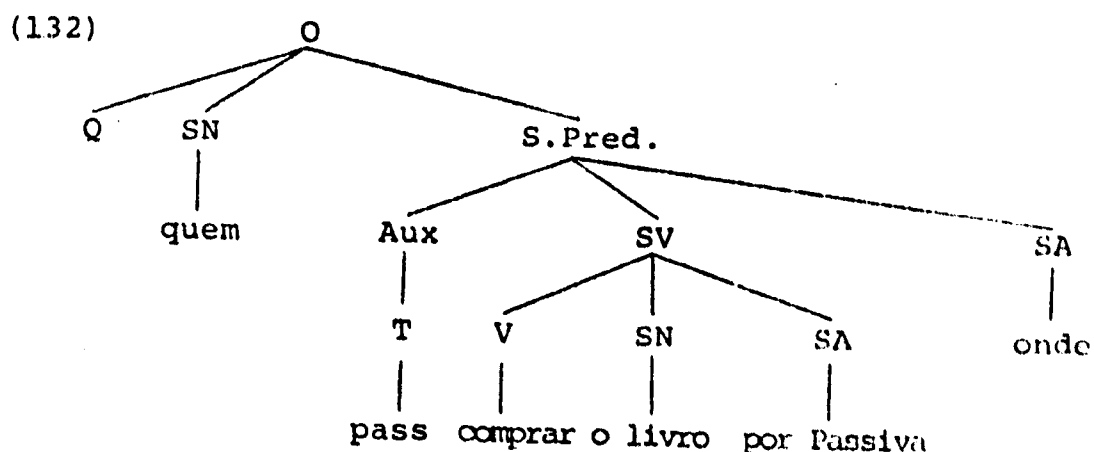
(91c) A quem Maria disse o quê?

Resta um caso a ser examinado. É o que tratará do movimento de SN-q quando o SN-q agente não é sujeito da sentença, pelo menos no momento da aplicação da regra que estamos estudando.

Tomemos, primeiramente, a seguinte sentença

(131) O livro foi comprado por quem onde?

que resultou da aplicação da T-Passiva a uma estrutura profunda como (132):



O AGENTE é expresso pelo sintagma por quem; o TEMA, pelo sintagma o livro; e onde expressa a LOCALIZAÇÃO.

Aplicando, agora, a regra de movimento ao SN-q quem do S.Prep. por quem, teremos a sentença (133):

(133) Por quem o livro foi comprado onde?

(133) não violou a condição (126), por não ter passado um SN-q sobre outro; além do mais, está de acordo com a hierarquia temática, pois o SN-q movido passou por cima de um SN - o livro - que é o TEMA, mas que está abaixo do AGENTE na hierarquia temática.

Se, por outro lado, quisermos aplicar a regra ao sintagma

interrogado onde, levando-o para o início da sentença, teremos (134):

(134) ? Onde o livro foi comprado por quem?

Tenho dúvidas sobre a gramaticalidade de (134). De qualquer forma, temos duas saídas: se ela não for considerada gramatical, isso pode ser devido à violação da condição (126), pois o elemento movido passou por sobre um AGENTE, que está mais alto na hierarquia. Se, entretanto, ela for considerada gramatical, temos um caso em que a condição não funcionou. Por ora não tenho uma solução satisfatória. Comparemos, no entanto, (134) com (135) abaixo

(135)*Onde o que foi jogado por Maria?

que vem da aplicação da regra de movimento a uma estrutura já passivizada como (136):

(136) O que foi jogado por Maria onde?

Não há como explicar, em termos de hierarquia temática e da condição (126), a agramaticalidade de (135). Seria de se esperar que o sintagma interrogado onde, que tem função de LOCALIZAÇÃO, pudesse passar por sobre o SN-q o que, que é o TEMA da sentença, e está inferior à LOCALIZAÇÃO na hierarquia temática dada em (124). Qual será, portanto, a razão da agramaticalidade de (135)? Por ora deixo essa questão em suspenso.

Mas, concluo desde já que a condição (126), baseada na hierarquia temática, é inadequada.

2.3.7. Uma proposta final

Procurei, até aqui, uma explicação sintática (e mesmo semântica) para a agramaticalidade de sentenças como (89b)

(89b)*O que quem leu?

em que um SN-q foi movido para a frente de um SN-q sujeito; isso parecia indicar que era o sujeito que impedia o movimento do outro SN-q, uma vez que em sentenças em que nenhum dos SNs-q era sujeito o movimento de um sobre o outro, para a esquerda, era possível.

Tentei verificar se esse bloqueio podia ser explicado em termos das relações de primazia - comando e precedência - postuladas por Langacker(1969), que mostraram ser insuficientes para descrever o fato. Também recorri à relação "em construção com" de Klima(1964), que igualmente não era adequada. Outra tentativa de explicação para os fatos foi feita com base numa condição de Chomsky(1973), que postulava a superioridade de um constituinte sobre o outro. No entanto, essa análise e todas as outras citadas davam conta somente de determinados casos. Uma explicação semântica, baseada na hierarquia temática de Jackendoff(1972), foi apresentada, sem, contudo, fornecer um resultado satisfatório.

Resta, ainda, uma maneira de explicar esses fatos. É essa análise que proponho a seguir tem muita ligação com as conclusões a que cheguei anteriormente, no que diz respeito ao movimento único de SN-q.

Vimos que, em português, a regra de movimento de SN-q tem, até agora, as seguintes características:

- a) é pós-cíclica
- b) é optativa
- c) movimenta um único SN-q para a esquerda, em substituição ao morfema Q de início de sentença.

Ora, o fato de o movimento ser único nos fornece um argumento para explicar a agramaticalidade de sentenças como (89b). Observemos as sentenças abaixo:

- (87) a.*Que papéis a quem João entregou?
 b.*A quem que papéis João entregou?

(111b)*Que carro quando Rommel vendeu?

(111c)*Quando que carro Rommel vendeu?

A agramaticalidade de todas elas se deve ao fato de ter sido movimentado mais de um SN-q nas sentenças. Veja-se que são gramaticais as sentenças com um só SN-q movido para o início da oração (caso a regra se aplique, pois é optativa):

- (85) a. João entregou que papéis a quem?
 b. Que papéis João entregou a quem?
 c. A quem João entregou que papéis?

- (137) a. Que carro Rommel vendeu quando?
 b. Quando Rommel vendeu que carro?

Em (85b-c) e (137a-b) diremos que a regra aplica-se ambigualmente, ou seja, move qualquer um dos SNs-q, desde que só um deles.

Agora, (87a-b), (111b-c) são agramaticais porque, já havendo um SN-q no início da oração, resultado da aplicação da regra, um outro foi levado para o início da sentença.

É interessante observar que o mesmo acontecerá quando já houver um SN-q no início, resultante não da aplicação da regra de movimento de SN-q, mas de uma outra regra - a T-Passiva, por exemplo - como nos mostram (93) e (95) abaixo:

(93) O que foi lido por quem?

(95)*Por quem o que foi lido?

Isso quer dizer que, depois de aplicada a passiva à estrutura subjacente a (93), aplicou-se a regra de movimento de SN-q, que acabou dando origem a uma sentença agramatical. Isso não aconteceria em outras circunstâncias, como nos mostra, por exemplo, a derivação (138) abaixo, que dá origem à sentença (139)

(138) EP : [Q quem Pass comprar o vestido azul por Passiva]
 T-Passiva: [Q o vestido azul Pass ser-do comprar por quem]
 Pulo dos Afixos: [Q o vestido azul ser+Pass comprado por quem]
 CV : [Q o vestido azul foi comprado por quem]
 T-Mov.SN-q: [por quem o vestido azul foi comprado]
 ⋮

(139) Por quem o vestido azul foi comprado?

Dessa maneira, uma sentença como (135)

(135)*Onde o que foi jogado por Maria?

será agramatical pelas mesmas razões que (95) o é.

Podíamos pensar que o que torna (95) e (135) agramaticais é o fato de, no momento de aplicação da regra de movimento, haver um SN-q sujeito na estrutura subjacente. Isso viria confirmar a hipótese de que o sujeito, quando interrogado, impede que outro SN-q seja levado para a frente dele. Entretanto, as sentenças (87a-b)

(87)a.*Que papéis a quem João entregou?

b.*A quem que papéis João entregou?

e (111b-c)

(111b)*Que carro quando Rommel vendeu?

(111c)*Quando que carro Rommel vendeu?

são um contra-argumento a essa hipótese, pois nelas não havia nenhum SN-q sujeito.

À vista do exposto acima, proponho a seguinte restrição à regra de movimento:

(140) Havendo um SN-q no início da oração (resultante ou não da aplicação de uma regra de movimento) nenhum outro SN-q pode ser levado para o início.

A restrição (140) irá explicar a agramaticalidade tanto de (89b) ou de (135)

(89b)*O que quem leu?

(135)*Onde o que foi jogado por Maria?

quanto das outras sentenças agramaticais vistas acima. A estrutura apresentada em (89b) assemelha-se à das outras sentenças analisadas, no sentido de que em todas elas já havia, no momento de aplicação do movimento de SN-q um SN-q no início da oração. É nesse sentido que eu disse acima que a explicação para (89b) tem muita ligação com a impossibilidade de mais de um movimento de SN-q por sentença. Não é, pois, o fato de haver um sujeito interrogado (como propõem Kuno & Robinson (1972)) que impede o movimento de outro; mas, é simplesmente porque esse sujeito, assim como todos os outros SNs-q que são movidos, está no início da oração. E como cada sentença só pode apresentar um

SN-q no início, se o sujeito (da estrutura profunda ou da estrutura subjacente à aplicação da regra) for interrogado a regra não se aplicará para os outros SNs-q. Talvez possamos mesmo dizer que ela se aplicará no vazio, uma vez que o SN-q sujeito está na posição em ele deveria mesmo ficar.

A conclusão de tudo o que foi visto até agora é de que não se trata de maior ou menor poder do sujeito sobre os outros constituintes, seja comandando, seja precedendo, etc. É que uma estrutura que já apresenta um SN-q no início - seja ele sujeito ou não, seja ele resultado da aplicação da regra de movimento de SN-q, ou de outra regra - não poderá ter ali naquela posição um outro SN-q.

Essa conclusão vem confirmar a hipótese de Baker (1970) sobre a qual falei no início da discussão, de que a regra é de substituição ao Q. Ora, como só há um Q por sentença, só poderá haver um SN-q no início.

Podemos, agora, apresentar as características da regra de movimento numa formalização definitiva:

(141)	X	Q	Y	SN-q	Z	
	1	2	3	4	5	<u>opt.</u> →
	1	4	3	0	5	

Condição: 3 não contém SN-q diretamente dominado por 0

3. Extração de SN-q de orações subordinadas com tempo especificado

3.1. A restrição de Chomsky e os dados do português

Chomsky (1973) estabelece uma restrição, segundo a qual nenhum elemento pode ser retirado de orações subordinadas marcadas com tempo. Essa condição está formalizada da maneira como transcrevo em (142):

- (142) "Nenhuma regra pode envolver \underline{x} , \underline{y} na estrutura
 $\dots \underline{x} \dots \left[\dots \underline{y} \dots \right]$
 onde α é uma sentença com tempo."

Entendemos, aqui, como sentenças marcadas com tempo aquelas em que o tempo é especificado, como em (143), em oposição às aquelas com tempo não-especificado, como em (144) e (145):

(143) Ela disse que vai à aula.

(144) Carlos quer que Maíra deixe o emprego.

(145) Carlos quer deixar o emprego.

Dizemos que em (143) o tempo da oração subordinada é especificado porque ele não pode ser determinado com base no tempo do verbo da oração principal. Tanto é assim que poderíamos ter, na oração subordinada de (143), outros tempos verbais -- como em (146a-c) -- mantendo o verbo da oração principal na forma em que está:

- (146) a. Ricardo disse que foi à aula.
 b. Ricardo disse que irá à aula.
 c. Ricardo disse que iria à aula.

Já no caso das sentenças (144) e (145) o tempo da oração subordinada é não-especificado, o que fará com que, na superfície, o verbo fique no subjuntivo -- se tiver havido a inserção do complementizador -- ou no infinitivo, em caso contrário. O tempo do verbo no subjuntivo é previsível a partir do tempo da oração principal. Tanto é assim que, no caso de (144), o verbo da subordinada está no presente porque o da principal também está. Não poderíamos, portanto, ter sentenças em português como (147a-b), por exemplo:

- (147) a.*Carlos quer que Maíra deixasse o emprego.
 b.*Carlos quer que Maíra deixou o emprego.

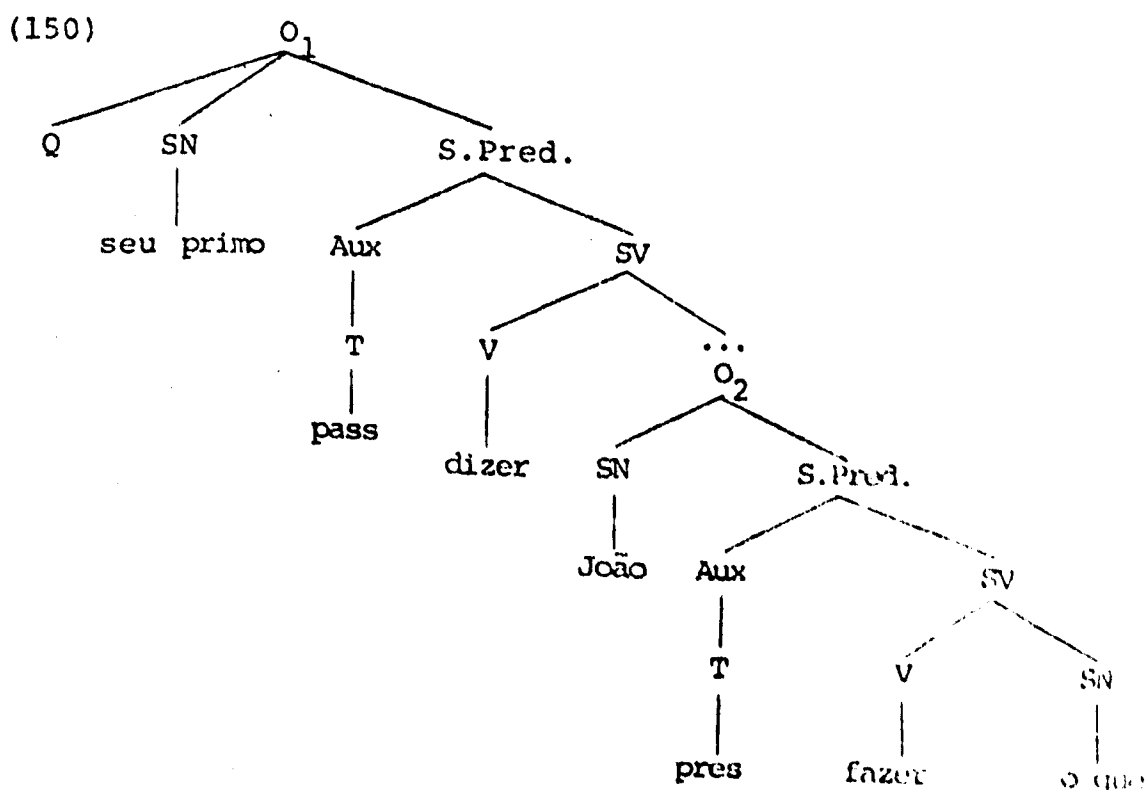
Feitas essas considerações, examinemos, em termos da restrição de Chomsky, sentenças interrogativas diretas em que o SN-q está numa oração subordinada.

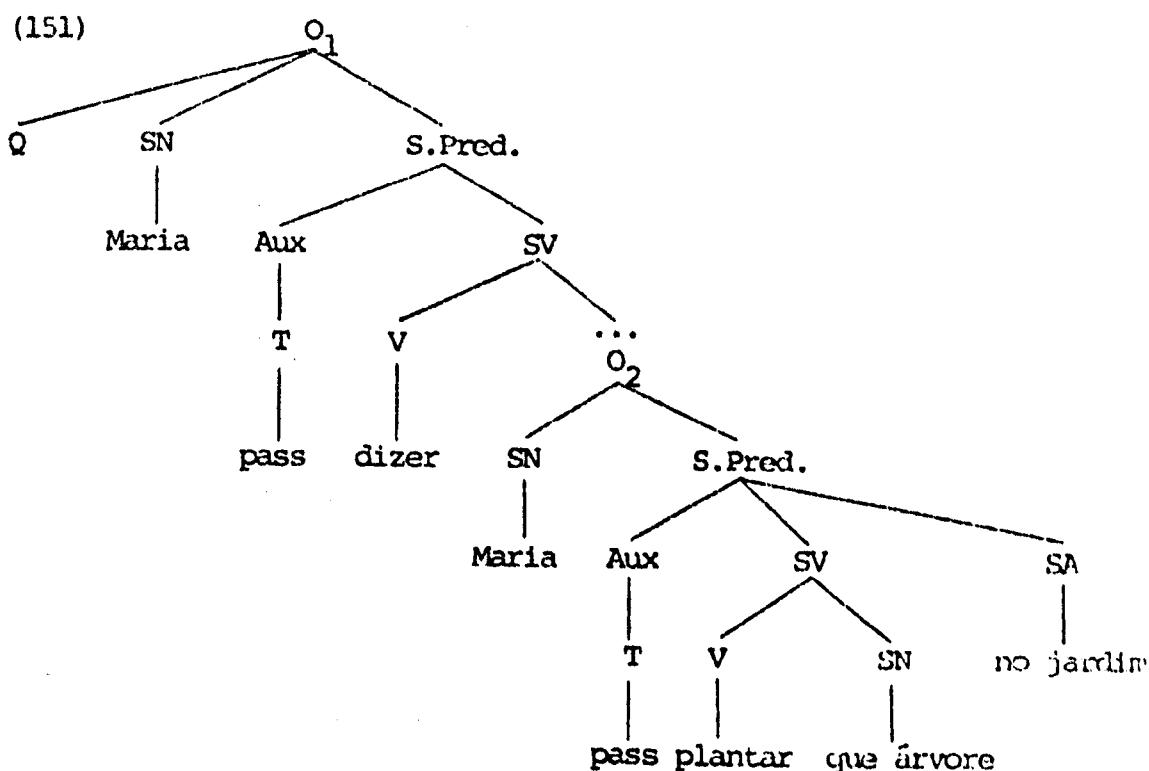
Tomemos, inicialmente, as sentenças de (148) e de (149):

- (148) a. Seu primo disse que João faz o quê?
 b. O que seu primo disse que João faz?

- (149) a. Maria disse que plantou que árvore no jardim?
 b. Que árvore Maria disse que plantou no jardim?

As estruturas profundas de (148) e (149) são (150) e (151), respectivamente:





De acordo com a restrição (142), nem (148a) nem (149a) poderiam ser derivadas, uma vez que houve o movimento do SN-q de uma oração subordinada com tempo em substituição ao morfema Q (que seria o X da restrição (142)). Essas sentenças, no entanto, são perfeitamente gramaticais, mostrando, assim, que (142) não funciona para os dados do português.

As sentenças com tempo não-especificado vão comportar-se como as que têm tempo especificado. Não é necessário, entretanto, discuti-las aqui, uma vez que elas não seriam problema para a restrição de Chomsky.

3.2. Um impedimento à regra de movimento de SN-q

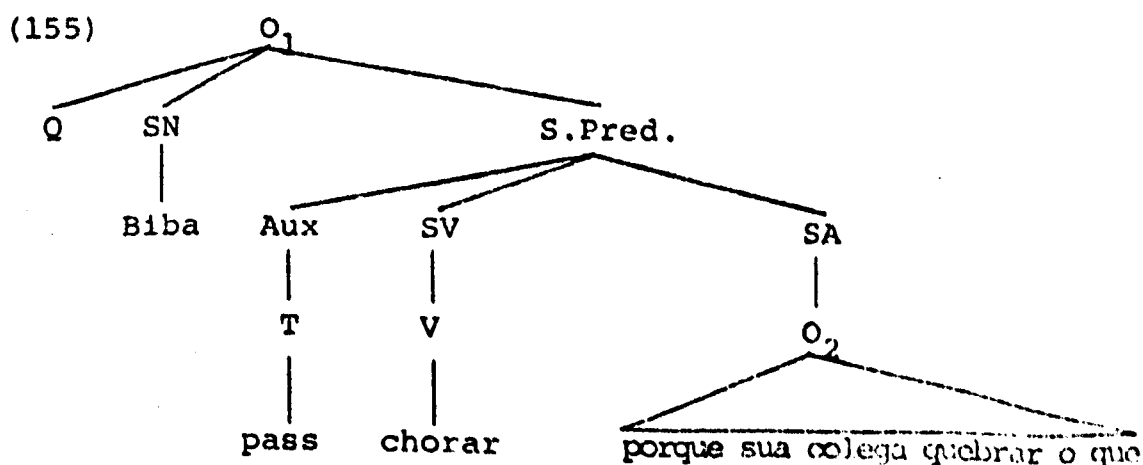
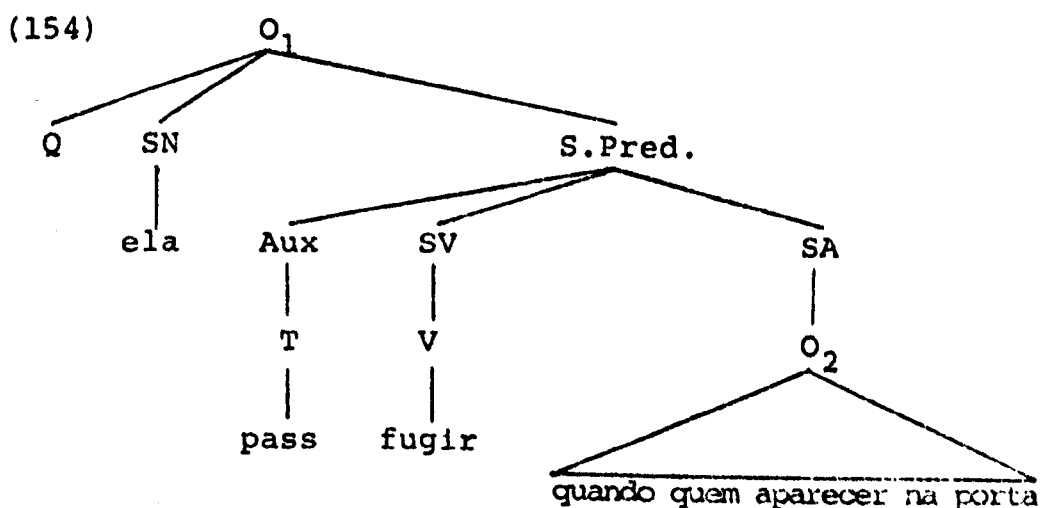
Observemos as sentenças abaixo:

- (152) a. Ela fugiu quando quem apareceu na porta?
 b. *Quem ela fugiu quando apareceu na porta?

- (153) a. Biba chorou porque sua colega quebrou o quê?
 b. *O que Biba chorou porque sua colega quebrou?

Há algum problema com as sentenças de (152) e (153) que impede que o SN-q seja removido de dentro das orações subordinadas. E já encontramos evidências de que a remoção em tais casos - ou seja, de orações subordinadas - é possível. Era de se esperar, portanto, que (152b) e (153b) fossem gramaticais.

Observemos, no entanto, que em (152) e (153) as orações subordinadas são adverbiais, isto é, elas estão sob um nóculo adverbial, como mostram os diagramas (154) e (155) da estrutura profunda de (152) e (153), respectivamente:



Como vemos, a T-Mov.SN-q, que é optativa em português, parece ser bloqueada quando o SN-q está inserido numa oração adverbial. E parece que isso acontece também em relação a outras regras, como mostra Perini(1977), em sentenças com a expressão "mover uma palha". Nelas, não pode haver o Alçamento de Negati-

vo se aquela expressão estiver inserida em orações subordinadas adverbiais, como em (156):

- (156) a. "Ele se esforçou para que não fosse movida uma palha até que fosse tarde demais."
 b. "*Ele não se esforçou para que fosse movida uma palha até que fosse tarde demais."¹³

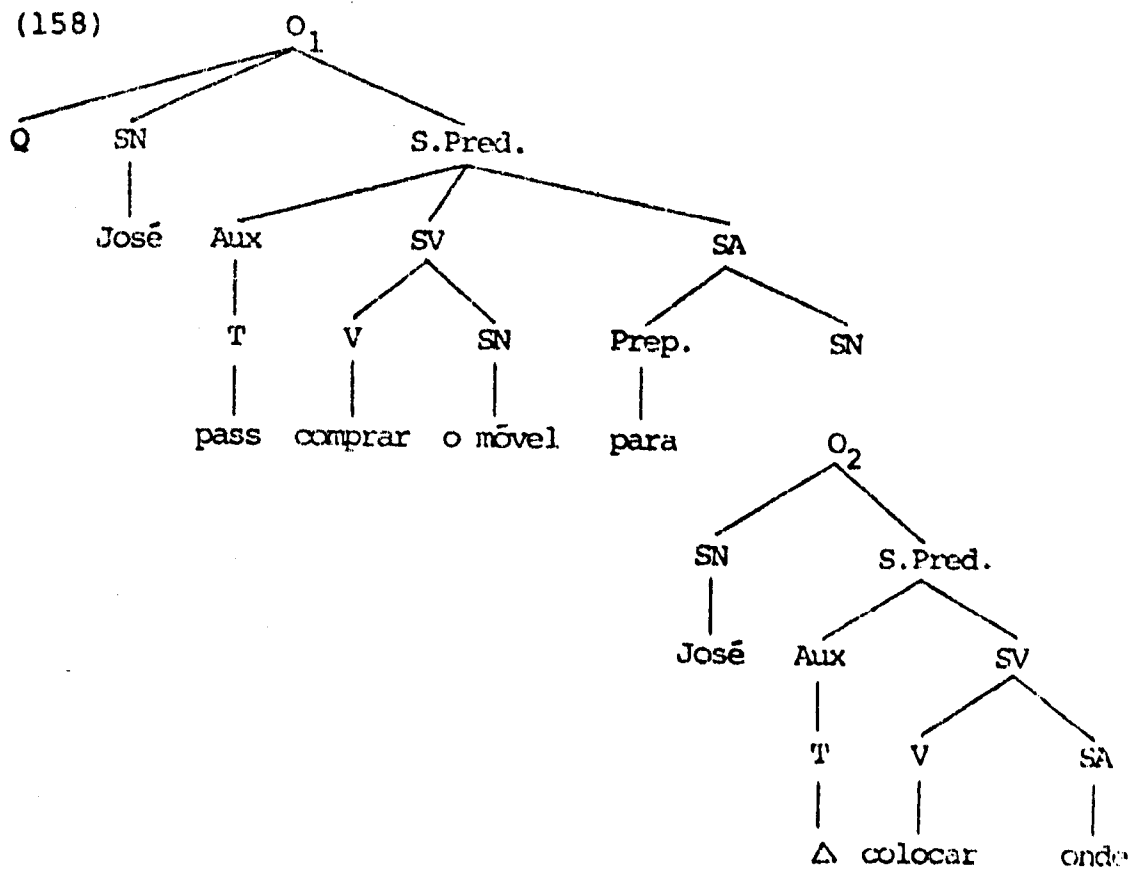
Assim, podemos dizer que em (152) e (153) a T-Mov.SN-q é parcialmente bloqueada em orações adverbiais. Esse bloqueio parcial torna optativas as regras obrigatórias, e inaplicáveis as optativas. Nesse último caso se enquadra a T-Mov.SN-q. Em outras palavras, apesar de ser uma regra optativa em português, ela não poderá aplicar-se quando o SN-q estiver numa oração adverbial.

Entretanto, o que há com as orações adverbiais para provocar esse bloqueio?

Uma possível explicação está no fato de que essas orações estão, de certa forma, inseridas em sintagma preposicionais. Observe-se, por exemplo, as sentenças abaixo

- (157) a. José comprou o móvel para colocar onde?
 b. *Onde José comprou o móvel para colocar?

cuja estrutura profunda é (158):



O problema, então, pode estar relacionado com o fato, visto no capítulo 2, de que não é possível movimentar um SN-q que esteja num Sintagma Preposicional (S.Prep.), sem movimentar também a preposição. Isso quer dizer que, por estar num S.Prep., tenha ele função adverbial ou não, é que o SN-q não pode ser removido.

De qualquer modo, fica claro o impedimento da remoção do SN-q de dentro de orações adverbiais. Essa não deve ser, entretanto, uma característica da T-Mov.SN-q, mas talvez um princípio geral válido para qualquer regra de remoção ou de inserção. Por esse motivo, não vou incluir na formalização dessa regra dada em (141) uma condição dessa natureza.

N O T A S

1. Cf. nota 13 do capítulo 2.
2. Ainda que se postule a existência, em português, de uma regra de ISV (INVERSÃO SUJEITO/VERBO) a sentença continua sendo agramatical.
3. Cf. nota 2.
4. Cf. nota 2.
5. Cf. nota 2.
6. Cf. nota 2.
7. Cf. nota 2.
8. Poder-se-ia argumentar que as sentenças (70b) e (71b) são perfeitamente naturais. Estou de acordo que isso seja correto, mas numa situação de eco, isto é, de "pedido de repetição de uma afirmação". Nesse caso, além da ênfase normal dada ao elemento interrogado, a movimentação do SN-q para o final de O contribuirá para essa situação de eco. Entretanto, como já deixei explícito no capítulo 1, não vou tratar aqui desse tipo de interrogativa.
9. Kuno & Robinson (1972) *op.cit.*, exemplo (2.22b), p.470.
10. Langacker (1969) - *op.cit.*, p.174-175.
11. Chomsky (1965) chama de categoria principal ("major category") a "uma categoria léxica ou a uma categoria que domina uma cadeia ...X..., em que X é uma categoria léxica". (*op.cit.*, p.72) - (tradução minha). Por exemplo, serão categorias principais as categorias léxicas como Nome, Verbo, Adjetivo - isto é, as categorias que estão à esquerda das regras de base que introduzem itens léxicais (regras léxicas) - e todas as categorias que dominam essas categorias léxicas.

por exemplo, SN, SV, S.Pred. O, etc.

12. *Chomsky(1973),op.cit.,p.16.*

13. *Perini(1977),op.cit.,p.114.*

C O N C L U S Ã O

A análise proposta neste trabalho pode ser assim esquematizada:

1. A estrutura profunda da interrogativa de SN contém um morfema Q no início da sentença, e um morfema q- associado ao constituinte Det, marcando o sintagma a ser interrogado.
2. Transformações (em ordem de aplicação)

I - A) CÍCLICAS

1. T-Alçamento (T-Alç.)
2. T-Passiva
3. T-Transporte de Advérbio (T-Tr.Adv.)

B) PÓS-CÍCLICAS

4. Concordância Verbal (CV)
5. Inversão Sujeito Predicado (ISP)
6. Posposição de Advérbio (Posp.Adv.)
7. T-Movimento de SN-q (T-Mov.SN-q) - não é crucialmente ordenada em relação à ISP e à Posp. Adv.

II - Movimento de SN-q (bloqueada parcialmente quando o elemento SN-q está numa oração adverbial)

Tem a seguinte formulação:

(141)	X	Q	Y	SN-q	Z	
	1	2	3	4	5	<u>OPTATIVA</u> →
	1	4	3	0	5	

Condição: 3 não contém SN-q diretamente dominado por O.

Só um SN-q por O pode ser transportado.

3. Filtro de Que-Que

Marcar como agramaticais

a) a seqüência que-que

b) as seqüências que-o que, que-quem, quando o segundo elemento for um SN-q.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- BACH, Emmon (1971) "Questions". Linguistic Inquiry 2, p. 153-166.
- BAKER, Carl LeRoy (1970) "Notes on the Description of English Questions: the Role of an Abstract Question Morpheme".
Foundations of Language 6, p. 197-219.
- CHOMSKY, Noam (1964) "Current Issues in Linguistic Theory". In Fodor, Jerry A. and Katz, Jerrold J. eds. The Structure of Language. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- (1965) Aspects of the Theory of Syntax. The M.I.T. Press, Cambridge, Mass.
- (1973) "Conditions on Transformations". In Anderson, Stephen R. and Kiparsky, Paul eds. A Festschrift for Morris Halle. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- JACKENDOFF, Ray S. (1972) Semantic Interpretation in Generative Grammar. The M.I.T. Press, Cambridge, Mass.
- JACOBS, Roderich A. & ROSENBAUM, Peter S. (1968) English Transformational Grammar. Xerox College Publishing, Waltham, Mass.
- KATZ, Jerrold J. & POSTAL, Paul M. (1964) An Integrated Theory of Linguistic Descriptions. The M.I.T. Press, Cambridge, Mass.
- KUNO, Susumu & ROBINSON, Jane (1972) "Multiple Wh-Questions". Linguistic Inquiry 4, p. 463-487.
- KLIMA, Edward S. (1964) "Negation in English". In Fodor & Katz eds. The Structure of Language. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- LANGACKER, Ronald W. (1969) "On Pronominalization and the Chain of Command". In Reibel, David A. & Schane, Sanford A. eds. Modern Studies in English. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- LANGENDOEN, D. Terence (1970) "The Accessibility of Deep Structures". In Jacobs, Roderick A. & Rosenbaum, Peter A. eds. Readings in English Transformational Grammar. Ginn and Company, Waltham, Mass.

- MAIA, Vera L.M. (1975) Interrogação e Relativização em Português. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Estadual de Campinas.
- PERINI, Mário A. (1977) Gramática do Infinitivo Português. Vozes, Petrópolis.
- POSTAL, Paul M. (1970) "On Coreferential Complement Subject Deletion". Linguistic Inquiry 1, p. 439-500.
- (1972) "On Some Rules that are not Successive Cyclic". Linguistic Inquiry 3, p. 211-222.
- QUÍCOLI, Antônio C. (1972) Aspects of Portuguese Complementation. Dissertação doutoral inédita. University of New York at Buffalo.
- ROSS, J.R. (1967) Constraints on Variables in Syntax. Dissertação doutoral inédita. M.I.T.
- (1969) "On the Cyclic Nature of English Pronominalization". In Reibel, David A. & Schane, Sanford A. Modern Studies in English. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- SARAIVA, M.E.F. (em preparação) Movimento de Advérbios de Modo em Português.
- WACHOWICZ, Krystyna A. (1974) "Against the Universality of a Single Wh-Question Movement". Foundations of Language 11, p. 155,166.